

**EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA E EDUCAÇÃO
FINANCEIRA ESCOLAR: DESENVOLVIMENTO DE
COMPORTAMENTOS EMPREENDEDORES EM ALUNOS DO
ENSINO MÉDIO**

Elisangela Pires da Silva

Juiz de Fora (MG)

Setembro, 2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS EXATAS
Pós-Graduação em Educação Matemática
Mestrado Profissional em Educação Matemática

Elisangela Pires da Silva

**EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA E EDUCAÇÃO FINANCEIRA
ESCOLAR: DESENVOLVIMENTO DE COMPORTAMENTOS
EMPREENDEDORES EM ALUNOS DO ENSINO MÉDIO**

Orientadora: Profa. Dra. Liamara Scortegagna

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Matemática, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação Matemática.

Juiz de Fora (MG)

Setembro, 2019

Elisangela Pires da Silva

**EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA E EDUCAÇÃO FINANCEIRA
ESCOLAR: DESENVOLVIMENTO DE COMPORTAMENTOS
EMPREENDEDORES EM ALUNOS DO ENSINO MÉDIO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Matemática, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação Matemática.

Comissão Examinadora

Profa. Dra. Liamara Scortegagna
Orientadora

Profa. Dra. Ana Elisa Esteves Santiago
Convidada externa UFJF

Prof. Dr. Amarildo Melchiades da Silva
Convidado interno UFJF

Juiz de Fora, 3 de setembro de 2019.

Dedico este trabalho aos meus pais,
Moreira e Cida, ao meu marido,
Anísio, e à minha filha, Thainá.

AGRADECIMENTOS

A Deus e ao meu anjo da guarda!

Ao Anísio e à Thainá, esposo e filha que tanto me apoiaram e incentivaram, agradeço especialmente pela compreensão por todos os momentos que deixamos de estar juntos devido à minha dedicação a esta pesquisa.

Aos meus pais, Moreira e Cida, por sempre me incentivarem ao estudo e por nunca medirem esforços para que eu pudesse ter acesso à educação, sobretudo pelo que aprendi sendo filha desses pais maravilhosos, uma lição de vida que nenhuma escola seria capaz de ensinar.

Às pessoas que fazem parte da minha vida e não mediram esforços para ajudar, sempre que precisei, no decorrer deste trabalho. Em especial, às minhas irmãs Cris e Aline, à minha sobrinha Camila, aos meus sogros, Sr. Francisco e Dona Cida, às minhas cunhadas, Tuca e Ana, e ao meu tio Darcílio.

A todos os professores do PPGEM da UFJF, com os quais tive a oportunidade de conviver e aprender e que foram fundamentais para que eu ampliasse a minha visão como profissional da educação: Liamara Scortegagna, Amarildo Melchiades da Silva, Marco Antônio Escher, Maria Cristina Araújo de Oliveira, Marco Aurélio Kistemann Júnior, Leonardo José da Silva e José Maria Nazar David.

À Profa. Dra. Liamara Scortegagna, pela qual tive a honra de ser orientada e por quem tenho uma admiração especial, como pessoa e profissional, agradeço pela confiança, pelo apoio, pelas orientações, pelos “puxões de orelha”, mas, especialmente, pela disponibilidade que vai muito além do seu papel de orientadora.

Ao Prof. Dr. Amarildo Melchiades da Siva, por ter acompanhado e apoiado este estudo, pelas contribuições nas minhas bancas de qualificação e defesa e por ter visualizado a oportunidade de eu trazer para a pesquisa os temas Educação Empreendedora e Educação Financeira.

À Profa. Dra. Ana Elisa Esteves Santiago, da UNL, em Portugal, pela participação nas minhas bancas de qualificação e defesa e por todas as contribuições gentilmente apresentadas.

A todos os colegas de turma e do NIDEEM, por nos divertirmos, compartilharmos experiências, trocarmos conhecimentos e materiais bibliográficos, e em especial, às amigas Lu, Dailiane, Edyenis e Fernandinha, com as quais tive o prazer de ter um convívio mais acentuado.

Ao amigo e teacher, Ricardinho, pelas aulas e dicas que me permitiram superar o exame de proficiência em inglês.

Aos meus alunos, que se disponibilizaram a participar desta pesquisa e muito enriqueceram este projeto, o meu agradecimento mais que especial.

Aos meus colegas de trabalho do SESI, em especial: Vander Montessi e Sônia, por terem permitido e apoiado a realização do trabalho na escola; tia Irene pelo apoio a todas as etapas do projeto e à demanda dos alunos; Jean Leon e Aloisio, voluntários nas ações do projeto; Flávia, pela revisão e formatação desta dissertação, e Edu pela elaboração do Abstract

A todos os meus alunos, que diariamente me permitem ampliar minha capacitação como professora.

Enfim, agradeço a todos os meus familiares e amigos que, direta ou indiretamente, contribuíram para que esta dissertação viesse a público.

RESUMO

O presente trabalho relata uma investigação em Educação Matemática, que alia conhecimentos de Educação Empreendedora e Educação Financeira, com o objetivo de elaborar e aplicar uma proposta de ensino que aborde a Educação Empreendedora, com o apoio da Educação Financeira Escolar, através do uso de recursos educacionais digitais para alunos do Ensino Médio, com o intuito de capacitá-los a identificar, desenvolver e praticar comportamentos empreendedores na realização de uma ação de Empreendedorismo Social que beneficie a comunidade escolar e seu entorno. A abordagem metodológica utilizada na pesquisa é a qualitativa e apropria-se da estratégia da pesquisa-ação para associar ações com resoluções de problemas, contando com a participação da pesquisadora. Entre as ações desenvolvidas, destaca-se o projeto de Empreendedorismo Social realizado durante as aulas de Matemática com alunos do 3º ano do Ensino Médio da escola SESI de Juiz de Fora, durante oito semanas, entre os meses de abril e junho de 2019. O projeto foi dividido em três fases: a primeira, destinada à avaliação diagnóstica, onde se verificou, por meio de um questionário, o conhecimento dos alunos acerca dos temas abordados, à capacitação e a identificação de uma ação de Empreendedorismo Social a ser realizada na escola. A ação selecionada pelos alunos foi a aquisição de itens de lazer para a comunidade escolar, que foi desenvolvida na segunda fase do projeto. Como estratégia para angariar recursos financeiros para seu desenvolvimento, os alunos realizaram um bazar na escola. Na terceira fase, os estudantes avaliaram o projeto, as ações e o aprendizado adquirido ao participarem deste. Pôde-se perceber que os alunos participantes se apropriaram dos conhecimentos sobre Empreendedorismo e sobre Educação Financeira que foram apresentados a eles na primeira fase, além de desenvolverem comportamentos empreendedores na realização da ação, que resultou na instalação de três redes de descanso e na disponibilização de uma nova mesa de pingue-pongue na escola. Isso nos leva a concluir que esta pesquisa proporcionou que os estudantes tomassem consciência de que são capazes de empreender para a realização de seus sonhos e gerir suas finanças pessoais, tornando-se protagonistas de suas vidas e cidadãos financeiramente conscientes. Como resultados dessa pesquisa, percebemos que ações como essas são capazes de despertar o Empreendedorismo e promover o desenvolvimento do comportamento empreendedor, bem como a consciência financeira e social nos estudantes. Além disso, o presente estudo pode ser replicado em qualquer série do Ensino Fundamental e Médio. Resultou, também, um produto educacional denominado “Empreendedorismo Social: um guia de planejamento e orientações didáticas para o professor”, no qual objetivamos instrumentalizar professores para o desenvolvimento de aulas que integrem Educação Empreendedora e Educação Financeira Escolar, resultando em ações de Empreendedorismo Social.

Palavras-chave: Educação Empreendedora, Educação Financeira Escolar, Comportamento Empreendedor, Empreendedorismo Social.

ABSTRACT

This present work reports an inquiry in Mathematical Education, which combines knowledge of Entrepreneurial Education and Financial Education, aiming to develop and apply a teaching proposal that addresses Entrepreneurial Education, with School Financial Education support, through the use of digital educational resources for high school students, in order to enable them to identify, develop and practice entrepreneurial behaviors in execution a Social Entrepreneurship action that benefits the school community and its surroundings. The methodological approach used in the research is qualitative and appropriates the action-research strategy to associate actions with problem-solving, counting on the participation of the researcher. Between the actions developed, we highlight the Social Entrepreneurship project carried out during Mathematics classes with students of the 3rd year of high school at SESI School of Juiz de Fora, during eight weeks, April to June 2019. The project was divided into three stages: the first, intended to the diagnostic evaluation, which verified, through a questionnaire, the students' knowledge about the topics covered, the training and the identification of a Social Entrepreneurship action to be accomplished in school. The action chosen by the students was the acquisition of leisure items for the school community, which was developed in the second stage of the project. As a strategy to raise financial resources for their development, students held a bazaar at school. On the third stage, the students evaluated the project, the actions and the learning acquired by participating in it. It could be noticed that the participating students appropriated the knowledge about Entrepreneurship and Financial Education that were presented to them on the first stage, besides to develop entrepreneurial behaviors in carrying out the action, which resulted in the installation of three hammocks and the availability of a new Table Tennis table on school. This leads us to conclude that this research has supplied students to become aware that they can work with entrepreneurship to achieve their dreams and manage their personal finances, becoming protagonists of their lives and financially conscious citizens. As a result of this research, we realize that actions such as are capable of arousing entrepreneurship and promoting the development of entrepreneurial behavior, as well a financial and social awareness in students. In addition, the present study can be replicated in any grade of school. It also resulted in an educational product called "Social Entrepreneurship: a planning guide and teaching guidelines for the teacher", in which we objectify to instrumentalize teachers for the development of classes that integrate Entrepreneurial Education and School Financial Education, resulting in Social Entrepreneurship actions.

Keywords: Entrepreneurial Education, School Financial Education, Entrepreneurial Behavior, Social Entrepreneurship.

LISTA DE IMAGENS

IMAGEM 1 – Exposição de roupas e calçados	71
IMAGEM 2 – Roupas	71
IMAGEM 3 – Livros	72
IMAGEM 4 – Jogos infantis	72
IMAGEM 5 – Brinquedos	73
IMAGEM 6 – Visão geral do bazar	73
IMAGEM 7 – Entrega da doação na Igreja São Sebastião, no bairro Barreira do Triunfo	74
IMAGEM 8 – Visão geral da instalação das três redes e da mesa de pingue-pongue	77
IMAGEM 9 – Vista de duas redes e da mesa de pingue-pongue	78
IMAGEM 10 – Alunos fazendo uso das redes	78

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Dissertações defendidas pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da UFJF, desenvolvidas pelo NIDEEM	38
QUADRO 2 – Pesquisas em andamento no NIDEEM	39
QUADRO 3 – Dissertações, teses e artigos	42
QUADRO 4 – Respostas à questão 1 do QAD	51
QUADRO 5 – Respostas às questões 2 e 3 do QAD	52
QUADRO 6 – Respostas às questões 4 e 5 do QAD	53
QUADRO 7 – Respostas à questão 17 do QAD	54
QUADRO 8 – Respostas à questão 18 do QAD	55
QUADRO 9 – Respostas à questão 6 do QAD	56
QUADRO 10 – Respostas à questão 10 do QAD	57
QUADRO 11 – Respostas às questões 11 e 12 do QAD	57
QUADRO 12 – Respostas às questões 13, 14 e 15 do QAD	60
QUADRO 13 – Respostas às questões de investigação da atividade sobre o filme “A história das coisas”	62
QUADRO 14 – Respostas às questões de investigação – Reflexão após o vídeo “A história das coisas”	63
QUADRO 15 – Sugestões de jogos ou brincadeiras a serem adquiridos para o espaço de lazer	69
QUADRO 16 – Valores gastos com as aquisições dos itens de lazer	76
QUADRO 17 – Opinião dos alunos sobre a contribuição das ações da primeira fase do projeto em seu aprendizado	81
QUADRO 18 – Grau de satisfação com as ações da segunda fase do projeto	82
QUADRO 19 – Resposta às questões 3, 4 e 5 do QAP	83

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- BNCC** – Base Nacional Comum Curricular
- CCEs** – Características do Comportamento Empreendedor
- CEMI** – Centro de Ensino Médio Integrado (Gama – Distrito Federal)
- CNDL** – Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas
- CONEF** – Comitê Nacional de Educação Financeira
- EBEP** – Educação Básica articulada com Educação Profissional
- EDUCOM** – Computadores na Educação
- EE** – Educação Empreendedora
- EFE** – Educação Financeira Escolar
- ENEF** – Estratégia Nacional de Educação Financeira
- FGV** – Fundação Getulio Vargas
- GAP** – Grupo de Apoio Pedagógico
- GEM** – Global Entrepreneurship Monitor
- GT** – Grupo de Trabalho
- MEC** – Ministério da Educação e Cultura
- MEI** – Microempreendedor Individual
- NIDEEM** – Núcleo de Investigação e Desenvolvimento em Educação Matemática
- OCDE** - Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico
- ONU** – Organização das Nações Unidas
- PCNs** – Parâmetros Curriculares Nacionais
- PROINFO** – Programa Nacional de Tecnologia Educacional
- PRONATEC** – Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego
- PRONINFE** – Programa Nacional de Informática na Educação
- RED** – Recursos Educacionais Digitais
- SBEM** – Sociedade Brasileira de Educação Matemática
- SEBRAE** – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
- SEED/MEC** – Secretaria de Educação a Distância do Ministério da Educação e Cultura
- SENAI** – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
- SESI** – Serviço Social da Indústria
- SIPEM** – Seminário Internacional de Pesquisa em Educação Matemática

SPC – Serviço de Proteção ao Crédito

TD – Tecnologias Digitais

TI – Tecnologias Informáticas

TIC – Tecnologias de Informação e Comunicação

UCAM – Universidade Cândido Mendes

UCP – Universidade Católica de Petrópolis

UFJF – Universidade Federal de Juiz de Fora

UNIPAC – Universidade Presidente Antônio Carlos

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	15
2. REFERENCIAL TEÓRICO.....	21
2.1. EDUCAÇÃO FINANCEIRA ESCOLAR.....	21
2.2. EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA.....	26
2.3. TECNOLOGIAS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO MATEMÁTICA.....	31
3. REVISÃO DE LITERATURA.....	37
3.1. PESQUISAS DESENVOLVIDAS NO NIDEEM.....	37
3.2. OUTRAS PESQUISAS NA ÁREA.....	41
4. METODOLOGIA.....	44
5. APRESENTAÇÃO DO PROJETO E ANÁLISE DE DADOS.....	48
5.1. PRIMEIRA FASE – DIAGNÓSTICO E CAPACITAÇÃO.....	49
5.1.1. PRIMEIRO ENCONTRO – QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA E AULA SOBRE O TEMA ‘EMPREENDEDORISMO’	49
5.1.2. SEGUNDO ENCONTRO – AULA SOBRE O TEMA ‘COMPORTAMENTO EMPREENDEDOR’	55
5.1.3. TERCEIRO ENCONTRO – AULA COM O TEMA ‘EDUCAÇÃO FINANCEIRA’	59
5.1.4. QUARTO ENCONTRO – PLANEJAMENTO DA AÇÃO EMPREENDEDORA	65
5.1.4.1. ETAPA 1 – LEVANTAMENTO DE IDEIAS.....	65
5.1.4.2. ETAPA 2 – REUNIÃO PARA APROVAÇÃO DA GERÊNCIA.....	66
5.1.4.3. ETAPA 3 – REVISÃO DO PLANEJAMENTO.....	67
5.1.5. ANÁLISE DA PRIMEIRA FASE.....	68
5.2. SEGUNDA FASE – DESENVOLVIMENTO DA AÇÃO EMPREENDEDORA.....	69
5.2.1. ETAPA 1 - DIVULGAÇÃO, PESQUISA DE SUGESTÕES E RECOLHIMENTO DE DOAÇÕES.....	69
5.2.2. ETAPA 2 – REALIZAÇÃO DO BAZAR.....	70
5.2.3. ETAPA 3 – DOAÇÃO DOS ITENS NÃO VENDIDOS.....	74
5.2.4. ETAPA 4 – AQUISIÇÃO DOS ITENS DE LAZER.....	75
5.2.5. ETAPA 5 – INAUGURAÇÃO DO ESPAÇO DE LAZER.....	77
5.2.6. ANÁLISE DA SEGUNDA FASE.....	79
5.3. TERCEIRA FASE – AVALIAÇÃO DAS ATIVIDADES.....	80

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	85
REFERÊNCIAS.....	88

APÊNDICES

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA DO PROJETO, DESENVOLVIDO POR ELISÂNGELA PIRES DA SILVA, PARA O MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA – ABRIL 2019.....	91 0
APÊNDICE B – AULA I – EMPREENDEDORISMO.....	93
APÊNDICE C – AULA II – COMPORTAMENTO EMPREENDEDOR.....	101
APÊNDICE D – AULA III – EDUCAÇÃO FINANCEIRA.....	111
APÊNDICE E – QUESTÕES DE INVESTIGAÇÃO.....	121
APÊNDICE F – QUESTÕES DE INVESTIGAÇÃO – REFLEXÃO APÓS O VÍDEO “A HISTÓRIA DAS COISAS”	123
APÊNDICE G – CIRCULAR ENVIADA À COMUNIDADE ESCOLAR DO SESI/SENAI/CIDT.....	124
APÊNDICE H – QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO DO PROJETO, DESENVOLVIDO POR ELISÂNGELA PIRES DA SILVA PARA O MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA – JUNHO 2019.....	125

1 - INTRODUÇÃO

A presente pesquisa visa propor uma atividade para abordar os temas Educação Empreendedora e Educação Financeira Escolar no Ensino Médio, acoplados às aulas de Matemática, de modo que os alunos possam vivenciar a prática de uma ação empreendedora social em sua vida acadêmica.

Os conteúdos de Educação Empreendedora ou Educação Financeira normalmente não são abordados na escola, seja por falta de capacitação dos professores, por não fazerem parte do currículo escolar ou, ainda, por falta de interesse de escolas/professores em trabalharem o assunto como tema complementar aos estudos.

Pretende-se com esta pesquisa disseminar o comportamento empreendedor e a Educação Financeira entre alunos do Ensino Médio, de sorte que estes possam tomar consciência de que são capazes de empreender para a realização de seus sonhos e gerir suas finanças pessoais, tornando-se protagonistas de suas vidas e cidadãos financeiramente conscientes.

De acordo com Silva e Powell (2013), os estudantes, ao passarem por um processo de Educação Financeira Escolar, deveriam não só ter acesso aos assuntos tratados na Matemática Financeira, mas também deveriam ser capazes de:

Compreender as noções básicas de finanças e economia para que desenvolvam uma leitura crítica das informações financeiras presentes na sociedade; [...] desenvolver um pensamento analítico sobre questões financeiras, isto é, um pensamento que permita avaliar oportunidades, riscos e armadilhas em questões financeiras; desenvolver uma metodologia de planejamento, administração e investimento de suas finanças através da tomada de decisões fundamentadas matematicamente em sua vida pessoal e no auxílio de seu núcleo familiar; analisar criticamente os temas atuais da sociedade de consumo. (SILVA; POWELL, 2013, p.13).

Uma pesquisa realizada pelo Serviço de Proteção ao Crédito Brasil (SPC) Brasil, em parceria com a Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL), em março de 2018¹, mostra que a maioria dos brasileiros não gosta de dedicar tempo para cuidar das próprias finanças:

O consumidor brasileiro reconhece a importância de fazer o controle das finanças pessoais, mas parte significativa admite não seguir à risca essas boas práticas. Um levantamento realizado [...] em todas as capitais mostra que a organização financeira não é uma tarefa que atrai os consumidores. Em cada dez entrevistados, seis (58%) admitem que nunca ou somente às

¹ Disponível em <https://www.spcbrasil.org.br/pesquisas/pesquisa/4392>.

vezes gostam de dedicar tempo a atividades de controle da vida financeira. E há, também, aqueles que precisam recorrer ao crédito para complementar a renda. De acordo com a pesquisa, 17% dos consumidores sempre ou frequentemente precisam usar cartão de crédito, cheque especial ou até mesmo pedir dinheiro emprestado para conseguir pagar as contas do mês. Esse percentual aumenta para 24% entre os mais jovens. (SPC BRASIL, 2018).

Gostar de dedicar tempo com as finanças, pensar em seu futuro financeiro e no de sua família, pesquisar antes de comprar ou de investir, evitar gastos com supérfluos, entre outros, são características da pesquisadora, que pretende, com este estudo, contribuir para que mais pessoas possam aderir a este projeto: o de gerir a vida financeira, o qual perpassa, inclusive, pelas questões matemáticas e conhecimentos numéricos, apontado como fator que facilita a chance de ter controle mais efetivo sobre a vida financeira pela maioria das pessoas que participaram de um levantamento realizado pelo SPC Brasil:

O levantamento do SPC Brasil também descobriu que, na opinião dos consumidores, ter algum tipo de familiaridade com matemática e conhecimento sobre números facilita a chance de se ter um controle mais efetivo sobre a vida financeira. Em cada dez brasileiros, seis (61%) acreditam que informações numéricas são úteis na vida financeira diária e 62% acham que aprender a interpretar números é importante para tomar boas decisões financeiras. Porém, nem sempre essas pessoas procuram, de fato, informar-se a respeito desses temas. (SPC BRASIL, 2018).

Em sua experiência na docência, tanto na graduação quanto no Ensino Fundamental, Médio e técnico, desde 2004, a pesquisadora identificou que, em todas as turmas nas quais lecionou, menos da metade dos alunos gosta de Matemática. Observou, também, que a grande maioria destes, ao estudar conceitos que sejam passíveis de aplicação no dia a dia, como acontece com a Matemática Financeira, interessa-se mais pela disciplina e até absorve melhor o conhecimento.

Além das atuações como professora em cursos de graduação (Administração e Informática), em cursos técnicos diversos e da docência em Matemática no Ensino Fundamental e Médio, a pesquisadora trabalhou por dez anos no Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) como administradora. Lá iniciou-se na área da Gestão Financeira, passando pelo Controle de Qualidade e chegando, por fim, ao Empreendedorismo. Neste último, foi, por quatro anos, gestora do projeto Empretec²,

² O Empretec é um seminário desenvolvido pela Organização das Nações Unidas (ONU), promovido em 34 países. Aqui, no Brasil, ele é ministrado exclusivamente pelo SEBRAE. São seis dias de atividades, oportunidade em que os participantes são estimulados a potencializarem dez

curso desenvolvido pela Organização das Nações Unidas (ONU) e disseminado no Brasil via SEBRAE, que trabalha as características do comportamento empreendedor.

Atualmente, a pesquisadora é professora de Matemática em turmas de 6º e 7º anos do Ensino Fundamental, pela Secretaria de Educação do Estado de Minas Gerais, e nas turmas de 1º, 2º e 3º anos do Ensino Médio da Educação Básica articulada com Educação Profissional (EBEP) da escola do Serviço Social da Indústria (SESI).

Este estudo tem um grande significado, pois permitirá que a pesquisadora possa agrupar todo o conhecimento adquirido ao longo de sua vida profissional - como administradora, empreendedora e professora de Matemática e de Informática-, de sua vida acadêmica - como estudante de Administração, de Educação Matemática e de Uso de Recursos Tecnológicos no Ensino -, bem como de sua vida pessoal - como investidora, Microempreendedora Individual (MEI) e gestora de sua meta de vida - e utilizá-los juntamente com os conhecimentos que está adquirindo, por meio de leituras e novas pesquisas, a fim de elaborar tarefas que possam orientar jovens a desenvolverem seu potencial empreendedor e se atentarem à sua vida financeira.

A motivação para esta pesquisa veio dos estudos e da observação das práticas da pesquisadora como professora e como empreendedora e da sua vivência no projeto Empretec.

O Empretec é uma capacitação voltada para pessoas que já possuam ou estejam aptas à criação, em curto prazo, de um empreendimento. Nessa capacitação, são estimuladas a reconhecerem e desenvolverem seu potencial empreendedor e a realizarem um empreendimento. O treinamento visa ao comportamento empreendedor, com o objetivo de incentivar os participantes à criação e/ou à manutenção de um negócio próprio, que possa trazer satisfação profissional e financeira a eles. É direcionado a quem está no momento de empreender e tem condições técnicas, emocionais e financeiras para tal. Os participantes passam por um processo seletivo que identifica se estão aptos, ou não, a participarem da capacitação naquele momento de suas vidas.

A motivação da presente investigação, portanto, advém da inquietação que o escopo de tal capacitação gerou na pesquisadora, qual seja levar os conceitos de

Empreendedorismo e Educação Empreendedora, as características do comportamento empreendedor e as questões sobre Educação Financeira para a sala de aula e incentivar os alunos a empreenderem algo, não no nível de criação de um empreendimento lucrativo, como no Empretec, mas algo que os permita identificar seu potencial empreendedor e vivenciar a criação de um empreendimento que lhes proporcione satisfação pessoal e que traga benefício a outros membros da comunidade na qual estejam inseridos, como um empreendimento social.

Buscando ações semelhantes, a pesquisadora tomou conhecimento do projeto realizado na Comunidade Intermunicipal de Alto Minho, na região norte de Portugal, coordenado pela professora Lina Fonseca³, sobre Educação Empreendedora como caminho para a concretização dos sonhos⁴, no qual os alunos na faixa etária de 3 a 12 anos, devidamente selecionados entre pré-escolar, 1º CEB e 2º CEB, passaram por um período de capacitação e preparação para desenvolverem capacidades empreendedoras, elegerem uma das ideias da coletividade como sendo um sonho a ser realizado e buscarem os recursos necessários para efetivamente realizarem esse sonho. Fonseca (2015) afirma que “Estimular a geração de ideias para projetos empreendedores elege-se como ponto de partida para a formação empreendedora” (p.8).

Tendo como base esse trabalho, vislumbrou-se, então, a realização de uma pesquisa-ação junto aos alunos da própria pesquisadora, estudantes do 3º ano do Ensino Médio da escola SESI de Juiz de Fora. Os discentes passariam por um processo de capacitação voltado para o Empreendedorismo e para a Educação Financeira e seriam estimulados a identificar algo a ser realizado na escola, um empreendimento que beneficiasse a comunidade escolar. A aquisição dos recursos necessários à realização também deveria fazer parte da ação, inclusive os recursos financeiros, e a ação não poderia retornar ganho financeiro aos alunos participantes.

Com este estudo, pretende-se levar os participantes a pensarem no planejamento de suas ações e na gestão de suas vidas financeiras, de modo a atingirem seus objetivos, o que pode proporcionar mais tranquilidade e satisfação

³ Lina Fonseca – Docente da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viana do Castelo, Portugal, e coordenadora do projeto de Empreendedorismo para crianças de 3 a 12 anos da Comunidade Intermunicipal do Alto Minho.

⁴ <http://www.edukempreende.altominho.pt>.

futuras, conforme apontado pela pesquisa citada anteriormente, realizada entre SPC Brasil e CNDL:

Exemplo de que uma vida financeira equilibrada traz mais satisfação e tranquilidade é que 56% dos consumidores ouvidos no levantamento disseram que se sentem melhor quando fazem um planejamento das despesas para os próximos seis meses. O problema, novamente, é que nem sempre isso acontece na prática, porque 48% deles nunca ou somente às vezes fazem um planejamento cuidadoso dos passos a seguir para ficar dentro do orçamento nos meses seguintes. Esse problema surge com ainda mais força entre os consumidores de mais baixa renda (classes C, D e E), com 51% de citações. (SPC BRASIL, 2018).

Acredita-se que a nossa proposta de ensino possa orientar os estudantes a aplicarem conceitos de Empreendedorismo, planejarem suas ações e tomarem as melhores decisões sobre a aquisição de recursos e a forma de gerenciá-los para atingirem as metas estabelecidas, melhorando não só a sua vida financeira, mas a de toda a sua família. Como questão norteadora, pretendemos verificar como as tarefas que contemplam os conceitos de Educação Empreendedora e Educação Financeira Escolar poderão contribuir para esse fim.

Consideramos, ainda, que entre as competências gerais da Educação Básica, citadas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC)⁵ do Ensino Médio, nossa pesquisa pode contribuir diretamente com:

5 - Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva. 6 - Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade. 7 - Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta. (BNCC, 2017, p.9).

Portanto, o objetivo do nosso trabalho é elaborar e aplicar uma proposta de ensino que aborde a Educação Empreendedora, com o apoio da Educação Financeira Escolar, por meio do uso de recursos educacionais digitais, para alunos do Ensino Médio, com intuito de capacitá-los a identificar, desenvolver e praticar comportamentos empreendedores na realização de uma ação de Empreendedorismo

⁵ Disponível em http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wpcontent/uploads/2018/06/BNCC_EnsinoMedio_embaixa_site_110518.pdf.

Social que beneficie a comunidade escolar e seu entorno. Como objetivos específicos, a proposta busca planejar, desenvolver e implementar conteúdos, utilizando recursos educacionais digitais com os temas Educação Empreendedora e Educação Financeira Escolar; incentivar a geração de ideias e a implementação de uma ação de Empreendedorismo Social que beneficie a escola e/ou seu entorno e analisar a contribuição da proposta de ensino para o despertar do pensamento empreendedor nos alunos do Ensino Médio.

Esclarecendo a estrutura deste trabalho, neste capítulo foi apresentada a introdução, a motivação pessoal da pesquisadora para a realização da pesquisa, bem como a questão norteadora e os objetivos investigativos.

No capítulo 2, trataremos as concepções e falaremos dos três pilares nos quais nossa pesquisa está apoiada. Ou seja, esclareceremos nossa visão de Educação Financeira Escolar e Educação Empreendedora, assim como conceituaremos Empreendedorismo, empreendedor e, ainda, Tecnologias Digitais na Educação Matemática.

No capítulo 3, apresentaremos a revisão de literatura, trazendo trabalhos desenvolvidos pelo Núcleo de Investigação, Divulgação e Estudos em Educação Matemática (NIDEEM) da UFJF, do qual nossa pesquisa faz parte, e outras pesquisas da área.

No capítulo 4, dedicar-nos-emos à metodologia pesquisa-ação, a qual utilizamos para a produção e o teste das tarefas.

O capítulo 5 é dedicado à apresentação de como a pesquisa se desenvolveu. Nesse sentido, detalhamos como ocorreu cada uma de suas fases e concluímos com uma análise de dados.

O capítulo 6, por fim, expõe as considerações finais da pesquisa. Nesse capítulo, é apresentada uma avaliação do que foi feito e verificado se as ações realizadas contribuíram para atender os objetivos da pesquisa. Além disso, são apresentadas sugestões para novas aplicações da pesquisa.

2 - REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo, descreveremos os conceitos dos três pilares em que nossa pesquisa encontra-se apoiada, quais sejam: Educação Financeira Escolar, Educação Empreendedora e Tecnologias Digitais na Educação Matemática.

2.1 - EDUCAÇÃO FINANCEIRA ESCOLAR

A Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) vem, desde 2003, desenvolvendo estudos para apoiarem propostas de implementação da Educação Financeira em seus países-membros. O Brasil, embora não seja um país-membro, foi convidado a acompanhar alguns desses estudos e tem se baseado nos seus resultados para buscar implementar ações de Educação Financeira no país. Baseada em um dos seus relatórios, a OCDE produziu o documento intitulado “Recomendações sobre os princípios e boas práticas para a Educação Financeira e consciência” (OCDE, 2005b), no qual expressou, nos seguintes termos, a definição de Educação Financeira:

Educação Financeira é o processo pelo qual os consumidores financeiros/investidores melhoram a sua compreensão sobre os conceitos e produtos financeiros e, através da informação, instrução e/ou aconselhamento objetivos, desenvolve as habilidades e a confiança para tomar consciência de riscos e oportunidades financeiras, para fazer escolhas informadas, saber onde buscar ajuda e tomar outras medidas eficazes para melhorar a sua proteção e o seu bem-estar financeiro. (OCDE, 2005b, apud SILVA; POWELL, 2013, p.3).

Ainda na seção de “Boas práticas” do mesmo documento, recomenda-se que “A Educação Financeira deve começar na escola. As pessoas devem ser educadas sobre questões financeiras o mais cedo possível em suas vidas” (OCDE, 2005b). Para tanto:

Para os programas que favoreçam o uso de sala de aula, uma educação adequada e a competência dos educadores devem ser promovidas. A este respeito, o desenvolvimento de programa de “formar formadores” e o fornecimento de material de informação e ferramentas específicas para estes formadores devem ser incentivados. (OCDE, 2005b, apud SILVA; POWELL, 2013, p.3).

Dolabela (2003) cita um exemplo produzido por Augusto de Franco⁶, em um curso ministrado em Brasília, em 2001, que será utilizado para ilustrar o quão importante é desenvolver uma Educação Financeira:

Se distribuirmos igualmente entre os habitantes de uma comunidade com grande desigualdade social (como no Brasil) um certo valor em dinheiro e avaliarmos o que dele foi feito após alguns anos, provavelmente constataremos que aqueles que já possuíam conhecimento e poder conseguiram manter ou fazer crescer o capital, enquanto os despreparados o consumiram para sobreviver. (DOLABELA, 2003, p.25).

De fato, sem a Educação Financeira, torna-se difícil, por exemplo, poupar ou conseguir realizar uma aplicação financeira, pois acredita-se que, com ela, pode-se refletir melhor sobre o que fazer com o capital que está sendo acumulado, como fazer o dinheiro se multiplicar, como reinvestir ganhos e rendimentos, como cortar gastos ou economizar, entre outros.

Diante dessa tendência, em dezembro de 2010, o governo brasileiro instituiu a Estratégia Nacional de Educação Financeira - ENEF⁷ -, uma iniciativa governamental para a disseminação da Educação Financeira:

Fica instituída a Estratégia Nacional de Educação Financeira – ENEF com a finalidade de promover a educação financeira e previdenciária e contribuir para o fortalecimento da cidadania, a eficiência e solidez do sistema financeiro e a tomada de decisões conscientes por parte dos consumidores. (BRASIL, 2010, Art. 1º)⁸.

No mesmo documento, foram instituídos, no âmbito do Ministério da Fazenda, o Comitê Nacional de Educação Financeira (CONEF), “Com o objetivo de definir planos, programas, ações e coordenar a execução da ENEF” (BRASIL, 2010, Art. 2º), e o Grupo de Apoio Pedagógico (GAP), com o objetivo de “assessorar o

⁶ Augusto de Franco é escritor, palestrante e consultor. É autor de várias dezenas de livros e textos sobre desenvolvimento local, capital social, democracia e redes sociais.

⁷ A ENEF é uma mobilização multissetorial em torno da promoção de ações de Educação Financeira no Brasil. A estratégia foi instituída como política de estado de caráter permanente, e suas características principais são a garantia de gratuidade das iniciativas que desenvolve ou apoia e sua imparcialidade comercial. O objetivo da ENEF, criada através do Decreto Federal 7.397/2010, é contribuir para o fortalecimento da cidadania ao fornecer e apoiar ações que ajudem a população a tomar decisões financeiras mais autônomas e conscientes. A estratégia foi criada através da articulação de nove órgãos e entidades governamentais e quatro organizações da sociedade civil que, juntos, integram o Comitê Nacional de Educação Financeira (CONEF). Disponível em <http://www.vidaedinheiro.gov.br/quemsomos/>.

⁸ Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Decreto/D7397.htm.

CONEF quanto aos aspectos pedagógicos relacionados com a educação financeira e previdenciária” (BRASIL, 2010, Art. 5º).

Entre as ações da ENEF estão o Programa de Educação Financeira nas Escolas que:

propõe levar a educação financeira para o ambiente escolar. Tem duas áreas foco, o Ensino Fundamental e Médio, e o seu objetivo é contribuir para o desenvolvimento da cultura de planejamento, prevenção, poupança, investimento e consumo consciente nas futuras gerações de brasileiros. Ao se trabalhar a educação financeira desde os anos iniciais da vida escolar, contribui-se com a construção das competências necessárias para que os estudantes enfrentem os desafios sociais e econômicos da sociedade, e também para o exercício da cidadania. (ENEF, 2017, on-line)⁹.

O site¹⁰ da ENEF tornou-se uma importante fonte de informação e apoio aos profissionais que queiram transmitir conceitos de Educação Financeira Escolar, trazendo material de apoio, como vídeos, depoimentos, materiais didáticos e artigos, bem como informações para pesquisadores da área, como índices gerados por Mapeamento Nacional das Iniciativas em Educação Financeira.

O material didático produzido pela ENEF inclui Livro do Professor, Livro do Aluno e Caderno do Aluno. Não se encontra, porém, disponível para aplicação em todas as escolas, além de não apresentar o crédito dos membros que o produziram e não oferecer a devida capacitação ao professor. O download do material pode ser feito no site¹¹ da ENEF, mas, embora algumas propostas e produtos didáticos já estejam disponíveis e, até mesmo, em implementação em escolas por todo o país, a Educação Financeira ainda “engatinha” no Brasil e enfrenta alguns desafios para sua efetiva implementação, como, por exemplo, a capacitação de professores. Também vale ressaltar que, de acordo com o site¹² da Sociedade Brasileira de Educação Matemática (SBEM), até o presente momento não foi criado um Grupo de Trabalho (GT) que trate exclusivamente desse tema pela SBEM.

Silva e Powell (2013), após uma revisão de literatura, incluindo os documentos da OCDE e da ENEF, identificaram que as propostas apresentadas não traziam o que acreditavam ser interessante para a formação do aluno, pois entendem que um

⁹ Disponível em <http://www.vidaedinheiro.gov.br/programas-transversais/#>.

¹⁰ <http://www.vidaedinheiro.gov.br/quemsomos/>.

¹¹ <http://www.vidaedinheiro.gov.br/livros-ensino-medio/>.

¹² <http://www.sbembrasil.org.br/sbembrasil/index.php/grupo-de-trabalho>.

programa com a proposta de trabalhar Educação Financeira durante a Educação Básica não deveria ser reduzido a finanças pessoais.

Há muito mais temas relevantes a serem incluídos no currículo que podem chamar a atenção dos alunos como, por exemplo, as questões sociais relacionado ao dinheiro. Nem tampouco queremos um curso voltado apenas para aconselhamentos financeiros. Ou ainda, não deveria ser um curso pensado para atender demandas emergenciais, como aqueles direcionados às pessoas que precisam poupar para a aposentadoria, ou jovens inadimplentes, ou para ensinar as pessoas a investir em bolsa de valores. (SILVA; POWELL, 2013, p.11).

De fato, a Educação Financeira deve ser direcionada aos estudantes em idade escolar, e não a consumidores em geral, pessoas endividadas ou outro público. Nesse sentido, a fim de sugerirem que a Educação Financeira tenha seu foco nos estudantes e no âmbito escolar, Silva e Powell (2013) propõem uma definição sobre Educação Financeira Escolar.

A Educação Financeira Escolar constitui-se de um conjunto de informações através da qual os estudantes são introduzidos no universo do dinheiro e estimulados a produzir uma compreensão sobre finanças e economia, através de um processo de ensino, que os torne aptos a analisar, fazer julgamentos fundamentados, tomar decisões e ter posições críticas sobre questões financeiras que envolvam sua vida pessoal, familiar e da sociedade em que vivem. (SILVA; POWELL, 2013, p.12 - 13).

Reparem que a proposta é mais ampla do que abordar apenas finanças pessoais, como saber investir, pensar no futuro financeiro, tomar uma decisão sobre comprar ou poupar e outras. Ela envolve, ainda, as finanças familiares, em que o aluno poderá, por exemplo, tomar noção das despesas e das receitas do núcleo familiar, podendo, com isso, contribuir com sugestões e ações de redução de custos, de incremento na renda ou nas tomadas de decisões financeiras, tais como compra de um bem, uma viagem de férias ou investimentos. Por fim, considera as finanças da sociedade em que está inserida, proporcionando conscientização sobre a conservação do patrimônio público, a importância da doação (seja de dinheiro, alimento ou bens que não lhe serão mais necessários) e de ações sociais.

Dessa forma, questionamos: “Qual seria o currículo ideal de Educação Financeira Escolar?”. Silva e Powell (2013) sugerem que essa questão seja abordada na forma de outro questionamento: “Qual deveria ser o perfil, idealizado, de um estudante educado financeiramente, ao final da Educação Básica, através do processo de ensino orientado para esse fim?”.

Diremos que um estudante é educado financeiramente ou que possui um pensamento financeiro quando: a) Frente a uma demanda de consumo ou de alguma questão financeira a ser resolvida, o estudante analisa e avalia a situação de maneira fundamentada, orientando sua tomada de decisão valendo-se de conhecimento de finanças, economia e matemática; b) Opera segundo um planejamento financeiro e uma metodologia de gestão financeira a curto, médio e longo prazo; c) Desenvolveu uma leitura crítica das informações financeiras veiculadas na sociedade. (SILVA; POWELL, 2013, p.12).

O objetivo que orientará o processo de ensino, segundo Silva e Powell (2013, p.13), será o de “desenvolver o pensamento financeiro nos estudantes, como parte de sua educação matemática”. Assim, a formação pretendida para os estudantes tem como objetivos específicos capacitá-los a:

Compreender as noções básicas de finanças e economia para que desenvolvam uma leitura crítica das informações financeiras presentes na sociedade; aprender a utilizar os conhecimentos de matemática (escolar e financeira) para fundamentar a tomada de decisões em questões financeiras; desenvolver um pensamento analítico sobre questões financeiras, isto é, um pensamento que permita avaliar oportunidades, riscos e armadilhas em questões financeiras; desenvolver uma metodologia de planejamento, administração e investimento de suas finanças através da tomada de decisões fundamentadas matematicamente em sua vida pessoal e no auxílio de seu núcleo familiar; analisar criticamente os temas atuais da sociedade de consumo. (SILVA; POWELL, 2013, p.13).

Dessa forma, Silva e Powell (2013) sugerem um currículo organizado em quatro eixos que orientarão o desenvolvimento de material didático para uso em sala de aula e tarefas caracterizadas por serem situações-problema ligadas a temas atuais. Todo esse estudo não se esgotará em apenas um ano letivo, mas se estenderá por toda a formação básica do estudante. São estes os eixos norteadores da Educação Financeira propostos por Silva e Powell:

I) Noções básicas de finanças e economia: Nesse eixo os temas de discussão são, por exemplo, o dinheiro e sua função na sociedade; a relação entre dinheiro e tempo – um conceito fundamental em finanças; as noções de juros, poupança, inflação, rentabilidade e liquidez de um investimento; as instituições financeiras; a noção de ativos e passivos e aplicações financeiras. II) Finança pessoal e familiar: Nesse eixo, serão discutidos temas como, por exemplo: planejamento financeiro; administração das finanças pessoais e familiares; estratégias para a gestão do dinheiro; poupança e investimento das finanças; orçamento doméstico; impostos. III) As oportunidades, os riscos e as armadilhas na gestão do dinheiro numa sociedade de consumo: Nesse eixo, serão discutidos temas como, por exemplo: oportunidades de investimento; os riscos no investimento do dinheiro; as armadilhas do consumo por trás das estratégias de marketing e como a mídia incentiva o consumo das pessoas. IV) As dimensões sociais, econômicas, políticas, culturais e psicológicas que envolvem a Educação Financeira: Nesse eixo serão discutidos temas como: consumismo e consumo; as relações entre consumismo, produção de lixo e impacto ambiental; salários, classes sociais

e desigualdade social; necessidade versus desejo; ética e dinheiro. (SILVA; POWELL, 2013, p.14).

Ao se observarem e estudarem as características e a formação pretendida para os estudantes da Educação Financeira listadas nesse item, a pesquisadora vislumbrou que a disciplina poderia ser potencializada se a esses estudantes fosse também oferecido o contato com as características do comportamento empreendedor, por meio da Educação Empreendedora, da qual falaremos no item a seguir.

2.2 – EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA

Para se entender o conceito de Educação Empreendedora, faz-se necessário que antes vejamos algumas definições do que seja Empreendedorismo e Empreendedor.

O termo Empreendedorismo está relacionado à criação de algo novo, inédito ou mesmo à modificação criativa de algo que já existe, como a implantação de uma nova tecnologia ou uma forma diferenciada de prestar um determinado serviço. Na concepção de Lavieri (2010), é inovar, propor formas diferentes de fazer as coisas, reorganizar recursos, produzindo ganho. Porém, “as discussões sobre educação empreendedora estão focadas, por motivos históricos, no aspecto da criação de empresa” (LAVIERI, 2010, p.4).

Para Dornelas (2008, p. 22), “Empreendedorismo é o envolvimento de pessoas e processos que, em conjunto, levam à transformação de ideias em oportunidades. E a perfeita implementação destas oportunidades leva à criação de negócios de sucesso”.

Porém, a criação de uma empresa e a transformação de ideias em oportunidades nem sempre resultam em um negócio de sucesso ou em um negócio que se perpetue por muitos anos. Isso pode ser mais bem compreendido ao analisarmos as duas definições de Empreendedorismo que surgiram após estudo anual da Global Entrepreneurship Monitor (GEM), quais sejam empreendedorismo de oportunidade e empreendedorismo de necessidade.

A primeira seria o empreendedorismo de oportunidade, em que o empreendedor visionário sabe onde quer chegar, cria uma empresa com planejamento prévio, tem em mente o crescimento que quer buscar para a empresa e visa à geração de lucros, empregos e riqueza. Está totalmente ligado ao crescimento econômico, com forte correlação entre os dois fatores. A segunda definição seria o empreendedorismo de necessidade, em que o

candidato a empreendedor se aventura na jornada empreendedora mais por falta de opção, por estar desempregado e não ter alternativas de trabalho. Nesse caso, esses negócios costumam ser criados informalmente, não são planejados de forma adequada e muitos fracassam bastante rápido, não gerando desenvolvimento econômico e agravando as estatísticas de criação e mortalidade dos negócios. Esse tipo de empreendedorismo é mais comum em países em desenvolvimento, como ocorre com o Brasil, e também influencia na atividade empreendedora total desses países. (DORNELAS, 2008, p. 13).

Nos conceitos de Empreendedorismo acima, fala-se de crescimento econômico e coloca-se a empresa com a visão de gerar lucro. No entanto, os empreendimentos nem sempre precisam ser empresas ou negócios lucrativos; existem empreendimentos também que visam às ações sociais ou ao desenvolvimento local, como destaca Salim:

Empresas são empreendimentos que têm como objetivo gerar lucro para seus investidores, através da fabricação ou venda de produtos ou da prestação de serviços. Os empreendimentos que não são empresas não têm necessariamente esse desejo: podem realizar-se com a prestação de serviços para comunidades, a implantação de empreendimentos de desenvolvimento local ou a disseminação de uma ideia que venha a modificar o pensamento das pessoas. (SALIM, 2010, p. 20).

Portanto, nem sempre a palavra “empreender” está relacionada a lucro ou a ganhos financeiros. Seus objetivos podem ser diversos, como ajudar um certo grupo de pessoas, uma comunidade, uma classe social, com algo de valor muito maior: um auxílio que contribua para tornar melhor a comunidade beneficiada ou para trazer um novo conhecimento, o que é considerado um Empreendimento Social.

Durante muitos anos, o conceito da simples criação de um negócio foi o que prevaleceu sobre esse tema, e isso ainda é um mito em nossa sociedade, quando se trata do assunto. Atualmente, porém, prevalece o conceito de transformar ideias em oportunidades, o que está mais relacionado às características de comportamento do empreendedor.

Empreendedorismo significa protagonismo social, ruptura de laços de dependência, crenças dos indivíduos e das comunidades na própria capacidade de construir o seu desenvolvimento pela cooperação entre os diversos âmbitos político-social que a caracterizam. Em poucas palavras: assumir a responsabilidade pela construção de seu próprio destino [...] (FRANCO, 2000, apud DOLABELA, 2003, p.32).

Disso advém a ideia de que o empreendedor não é necessariamente quem tem uma empresa – inclusive existem proprietários de empresas que não são empreendedores –, mas, sim, quem detém as características empreendedoras, a

exemplo do intraempreendedorismo¹³, que consiste na capacidade de o funcionário agir como se fosse o dono da empresa, aplicando comportamentos empreendedores no desenvolver de sua função.

Pode-se definir o empreendedor como aquele que inova, aquele que propõe formas diferentes de fazer as coisas, aquele que reorganiza os recursos, produzindo ganho. Se é realmente esse o empreendedor, ou ao menos a ideia por trás da ação empreendedora, e se considerarmos o conceito de maneira ampla, indo além do aspecto econômico, toda educação que visa o desenvolvimento social poderia também ser considerada uma educação para desenvolvimento da atitude empreendedora. (LAVIERI, 2010, p.4).

De acordo com Dolabela (2003), é empreendedor, em qualquer área, alguém que sonha e busca transformar seu sonho em realidade. Ele observa:

Esse é o fulcro da Teoria Empreendedora dos Sonhos, cuja concepção abrange todos os tipos de empreendedor – o que atua na empresa, no governo, no terceiro setor, seja na posição de empregado, seja na de dirigente, autônomo ou proprietário –, pois toma o empreendedor como uma forma de ser, independentemente da área em que possa atuar. (DOLABELA, 2003, p. 38).

Com o objetivo de desenvolver características do comportamento empreendedor e identificar novas oportunidades de negócio (SEBRAE, 2018, p.1), a Organização das Nações Unidas – ONU – desenvolveu, em 1991, uma metodologia denominada Empretec (já citada na introdução deste trabalho), um treinamento que, aqui no Brasil, é gerenciado pelo SEBRAE desde 1993.

O treinamento Empretec visa potencializar as características empreendedoras em seus participantes, de modo que estes possam implementar empreendimentos embasados em conhecimentos e atitudes que proporcionarão mais chances de sucesso. Essas características são trabalhadas também em outros treinamentos voltados ao desenvolvimento do potencial empreendedor e são conhecidas como Características do Comportamento Empreendedor (CCEs), as quais o SEBRAE destaca como: Capacidade de Estabelecimento de Metas, Exigência de Qualidade e Eficiência, Planejamento e Monitoramento Sistemático, Correr Riscos Calculados, Estabelecimento de Rede de Contatos, Busca de Oportunidades e

¹³ Versão em português da palavra *intrapreneur*, que significa empreendedor interno. Essa prática tem se tornado cada vez mais comum dentro das empresas, e os profissionais com esse perfil são sempre mais valorizados pelas organizações.

Iniciativas, Persistência, Comprometimento, Busca de Informações, Independência e Autoconfiança. (SEBRAE, 2017).

Já que empreender é criar algo novo ou melhorar algo já existente, pode-se confundir a expressão Educação Empreendedora (EE) como sendo uma forma diferente, nova ou inédita de educar. Portanto, faz-se necessária uma explanação sobre esse tema.

A EE, na verdade, é uma forma de educar para o Empreendedorismo. Lopes (2010, p.31) ilustra que a EE teve suas primeiras iniciativas nos Estados Unidos, por volta de 1876, com experiências relativas à área de desenvolvimento econômico agrícola. Na Suíça, também houve um pioneirismo desse desenvolvimento. Inicialmente voltada para a educação superior, as universidades de Harvard, em 1947, e de Michigan aparecem como as primeiras a oferecerem programas de EE.

Os cursos e programas voltados para o Empreendedorismo inicialmente focavam apenas ferramentas de gestão de negócios e de criação de plano de negócio. Por isso, o tema era mais fortemente trabalhado nas áreas de Administração e Economia.

O primeiro curso de Empreendedorismo no Brasil foi oferecido pelo professor Ronald Degen, em 1981. Lavieri (2010) destaca que a disciplina foi ministrada em um curso de especialização da Escola de Administração de Empresas de São Paulo, da Fundação Getúlio Vargas (FGV). Mais tarde, tornou-se disciplina também em graduação, mestrado, doutorado e MBA. Em 1984, a Universidade de São Paulo também iniciou um curso sobre criação de empresas, focando as de base tecnológica, e conforme citado anteriormente, em 1991, a ONU introduziu no Brasil o Empretec, com enfoque na atitude empreendedora, e não no ensino de instrumentos de gestão, sendo inovador nesse sentido.

O Programa Nacional de Educação Empreendedora do SEBRAE compreende que a Educação Empreendedora prioriza o equilíbrio entre o “querer fazer” e o “reunir as condições para poder realizá-lo” (SEBRAE, 2017, p. 1). Esse tipo de educação busca inspirar nos alunos a vontade de empreender (realizar). Visa desenvolver as qualidades e as habilidades necessárias a um empreendedor, ajudando o estudante a enxergar e avaliar determinada situação, assumindo uma posição proativa frente a ela.

Em 2003, Dolabela lança a ideia de Pedagogia Empreendedora do Sonho, somando o ensino do Empreendedorismo na Educação Básica, voltado para o desenvolvimento social sustentável, com a gestão do sonho, a capacidade de sonhar e unir recursos para a realização do sonho, e inovando no sentido de enxergar que “a educação empreendedora deve começar na mais tenra idade, porque diz respeito à cultura, que tem o poder de induzir ou de inibir a capacidade empreendedora.” (DOLABELA, 2003, p.55).

Em um primeiro momento, o aluno desenvolve um sonho, um futuro aonde deseja chegar, estar ou ser. Em um segundo momento, ele busca realizar o sonho e, para isso, se vê motivado a aprender o necessário a esse objetivo. O objeto da Pedagogia Empreendedora é estimular e preparar o aluno para sonhar e buscar a realização do sonho. A busca constante da realização do sonho é a fonte de geração e manutenção do nível emocional que dá ao indivíduo a capacidade de persistir e continuar, apesar dos obstáculos, erros e resultados indesejáveis que encontrar. A necessidade de conhecimento nasce da vontade inelutável de ter acesso aos elementos necessários à realização do sonho. As atividades de buscar, aprender com os erros e, portanto, evoluir dizem respeito ao saber empreendedor. Assim, a atividade pedagógica vai se dedicar principalmente à conexão entre o sonho e sua realização. (DOLABELA, 2003, p.55).

A Pedagogia Empreendedora de Dolabela (2003) já foi aplicada em diferentes escolas de diversas cidades, sendo, em Minas Gerais, aplicada em Belo Horizonte, Japonvar e Santa Rita do Sapucaí. Contudo, o caso de maior destaque foi a aplicação em todas as escolas da rede municipal de São José dos Campos (SP), relatado por Lopes e Teixeira (2010), que teve início em 2003 e hoje está implantado em todas as escolas da rede municipal, desde a Educação Infantil até o último ano do Ensino Fundamental.

A estimulação de atitudes e comportamentos empreendedores, que se traduzirão na criação de novos negócios, parece ser a alternativa mais viável e melhor para a promoção do crescimento econômico, respondendo, portanto, ao desafio colocado pelos enormes desequilíbrios do mercado de trabalho...é bem conhecida a diferença entre empreendedores impulsionados por necessidade e por oportunidade...quanto mais educado for o empreendedor, mais chance terá de criar um negócio baseado numa oportunidade real. E o contrário acontece com os menos educados e preparados, que mais provavelmente direcionarão suas iniciativas para ações que garantam suas necessidades de sobrevivência, que por se basearem em tecnologias tradicionais têm menos possibilidade de crescimento. Depreende-se daí tanto a importância da educação formal quanto da educação para o empreendedorismo. Essa visa ao desenvolvimento e/ou fortalecimento de crenças, atitudes, habilidades, conhecimentos, que redundam na prontidão do indivíduo para agir. A experiência acumulada revela que quanto mais cedo se inicia a educação empreendedora, melhor, o que significa que tais esforços devem voltar-se para o início da vida escolar: desde o ensino infantil, seguindo-se no fundamental e nos níveis posteriores

de educação. Começar mais cedo significa ter mais chances de favorecer o desenvolvimento de uma série de competências que farão com que os alunos estejam mais bem preparados para os desafios da sociedade pós-moderna, em especial com a possibilidade de gerar a própria renda/trabalho, deixando de ser dependente de terceiros. (LOPES; TEIXEIRA, 2010, p. 46 - 47).

O objetivo final da EE deve ser formar indivíduos preparados para alcançarem o sucesso, independentemente de virem a criar novas empresas (DOLABELA, 2003). Essa educação deverá ampliar o repertório de respostas e de ações e dar mais segurança e conforto aos indivíduos, quando deparados com situações novas e incertas. Isso implica que a EE se baseia mais em fatores motivacionais e habilidades comportamentais do que em conteúdos instrumentais, o que pode também ser observado nas concepções de Fonseca, Gonçalves, Barbosa et al. (2015):

Para que qualquer cidadão tenha a oportunidade de transformar as suas ideias em ações é necessário proporcionar-lhe uma educação empreendedora, não uma educação para preparar futuros empresários, mas que contribua para desenvolver competências empreendedoras e a capacidade de agir de modo empreendedor. (FONSECA; GONÇALVES; BARBOSA et al., 2015, p. 40).

Portanto a concepção de Empreendedorismo e do que é ser um empreendedor que adotaremos nessa pesquisa é: Empreender é realizar, transformar ideias em ações que podem gerar ganhos financeiros ou não, podendo ser inclusive uma ação social. Empreendedor é a pessoa que detém e aplica características de comportamento empreendedor nas suas ações, é aquele que inova, propõe formas diferentes de realizar coisas, age com Empreendedorismo, isso é, assume a responsabilidade pela construção do seu destino, acredita em si e age de forma independente.

2.3 - TECNOLOGIAS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO MATEMÁTICA

Ao longo da história da humanidade, as tecnologias sempre causaram mudanças profundas na sociedade. Foi assim com o surgimento da máquina de obra mecanizada na primeira Revolução Industrial e com o advento do computador e da internet.

A tecnologia traz para nossas vidas inúmeras contribuições, como nos possibilitar fazer compras e pagamentos de contas on-line, conectar-nos com pessoas que estão fisicamente distantes, entre outros benefícios. A Educação não deixou de

se beneficiar dela, visto que muitas pesquisas nessa área buscam fazer uso da tecnologia como uma ferramenta para reinventar ou aprimorar o processo de ensino e aprendizagem. Com a Educação Matemática não é diferente. Muitos pesquisadores se dedicaram à criação de softwares, ambientes de aprendizagem virtual e outras ferramentas para aprimorar o ensino de Matemática.

A relevância da tecnologia como uma linha de pesquisa dentro da Educação Matemática evidencia-se por algumas sociedades especializadas nesse segmento educacional destinarem um Grupo de Trabalho (GT) dedicado às tecnologias aplicadas ao ensino e à aprendizagem de Matemática, como é o caso da Sociedade Brasileira de Educação Matemática (SBEM), que nomeou seu Grupo de Trabalho número 6 (GT6) como “Educação Matemática: novas tecnologias e educação a distância”.

De acordo com os dados divulgados no site¹⁴ da SBEM, o GT6 foi criado, no ano 2000, pela Diretoria Nacional Executiva da SBEM, na gestão de Tânia Campos, a qual propôs a realização do I Seminário Internacional de Pesquisa em Educação Matemática (SIPEM).

O GT6 é um grupo de trabalho que aborda temas emergentes da Educação Matemática, relacionados ao uso de Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) e à educação a distância. Esse grupo estabelece articulação com praticamente todas as temáticas dos demais GTs e tem por objetivo discutir pesquisas que tratem da Matemática, de seu ensino e aprendizagem, dos processos de educação e que, ao mesmo tempo, estabeleçam vínculos com o uso de TICs, tanto na modalidade presencial quanto na educação a distância.

Uma das primeiras ações ocorridas no Brasil de modo a proporcionar o estímulo, a promoção e a implementação do uso de tecnologias nas escolas ocorreu em 1981, quando aconteceu o I Seminário Nacional de Informática Educativa

¹⁴ <http://www.sbembrasil.org.br/sbembrasil/index.php/grupo-de-trabalho/gt/gt-06>.

(BORBA; PENTEADO, 2012, p.19). A partir desse evento, surgiram projetos como o Educom¹⁵, o Formar¹⁶ e o Proninfe¹⁷.

Conforme Borba e Penteado (2012, p.20), as experiências acumuladas com esses projetos deram base ao “PROINFO – Programa Nacional de Informática na Educação – lançado em 1997 pela Secretaria de Educação a Distância (Seed/MEC)”, com o objetivo de “estimular e dar suporte para a introdução de tecnologia informática nas escolas do nível fundamental e médio em todo o país.”

No momento em que os computadores, enquanto artefato cultural e enquanto técnica, ficam cada vez mais presentes em todos os domínios da atividade humana, é fundamental que eles também estejam presentes nas atividades escolares. Na escola, a alfabetização informática precisa ser considerada como algo tão importante quanto a alfabetização na língua materna e em matemática. (BORBA; PENTEADO, 2012, p. 87).

A tecnologia vem sendo inserida no ensino da Matemática sob várias perspectivas, sendo a mais comumente usada a forma de Recursos Educacionais Digitais (RED). A Universidade Tecnológica Federal do Paraná exemplifica recurso digital como:

Do ponto de vista da tecnologia, um recurso digital é um arquivo digital, isso significa que, pode ser um arquivo de imagem, como por exemplo um vídeo, uma foto, uma ilustração, uma animação; ou um arquivo de áudio, como por exemplo uma música, uma gravação, um som, um toque, um audiolivro; ou um tipo específico de documento, como por exemplo, um texto, uma planilha, uma apresentação; ou, ainda, um tipo específico de arquivo associado a uma aplicação especializada, como por exemplo, arquivos de CAD, de aplicativos de simulação matemática, física, anatomia etc. (UFTPR, 2017, p.1).

Borba, Silva e Gadaniadis (2015) caracterizam a evolução das tecnologias digitais em Educação Matemática em quatro fases, de acordo com a evolução tecnológica ou com a forma como elas foram inseridas na Educação. Nenhuma dessas fases exclui a fase anterior, apenas a complementa.

¹⁵ O Educom (COMputadores na EDUcação) foi lançado pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC) e pela Secretaria Especial de Informática, em 1983. Seu objetivo era criar centros pilotos em universidades brasileiras para desenvolver pesquisas sobre as diversas aplicações do computador na educação. (BORBA; PENTEADO, 2012, p. 19 - 20).

¹⁶ O projeto Formar foi uma iniciativa dentro do Educom (Formar I – 1987, Formar II – 1989) para formar recursos humanos para o trabalho na área de informática educativa. (BORBA; PENTEADO, 2012, p. 20).

¹⁷ O Proninfe – Programa Nacional de Informática da Educação – foi lançado em 1989, pelo MEC, e deu continuidade às iniciativas anteriores, contribuindo especialmente para a criação de laboratórios e centros para a capacitação de professores. (BORBA; PENTEADO, 2012, p. 20).

A primeira fase veio nos anos 1980:

O uso de calculadoras simples e científicas e de computadores já era discutido em educação matemática. Durante essa fase, expressões como “tecnologias informáticas” (TI) ou tecnologias computacionais começaram a ser utilizadas pelas pessoas para se referirem ao computador ou software, por exemplo. Contudo para nós a primeira fase é caracterizada fundamentalmente pelo uso do software LOGO [...]. [...] também é o momento de surgimento da perspectiva de que as escolas poderiam ou deveriam ter laboratórios de informática. (BORBA; SILVA; GADANIDIS, 2015, p.18, 20).

A segunda fase tem início na primeira metade dos anos 1990, a partir da acessibilidade e da popularização do uso de computadores pessoais e da utilização de calculadoras gráficas. São destacados softwares de Geometria Dinâmica e de representação de funções, como *Geometriks*, *Winplot* e jogos, bem como o termo TI, e surgem os conceitos software educacional e tecnologia educativa.

A terceira fase veio com o advento da internet, que teve início por volta de 1999.

A internet começa a ser utilizada como fonte de informação e como meio de comunicação entre professores e estudantes e para realização de cursos a distância para a formação continuada de professores via e-mail, *chats* e fóruns de discussões...surgem e consolidam expressões como “tecnologias da informação” e “tecnologias da informação e comunicação” (TIC). (BORBA; SILVA; GADANIDIS, 2015, p. 31).

A quarta fase teve início em meados de 2004, com o advento da internet rápida.

A quarta fase, com a qual se tornou comum o uso do termo “tecnologias digitais” (TD), é caracterizada por diversos aspectos, como:...uso de vídeos na internet, fácil acesso a vídeos em plataformas ou repositórios (YouTube e TEDTalks), produção de vídeos com câmeras digitais e softwares de edição com interfaces amigáveis... objetos virtuais de aprendizagem (RIVED)... acesso à internet... compartilhamento de vídeos (YouTube)... produções audiovisuais e disseminação de vídeos na internet... (BORBA; SILVA; GADANIDIS, 2015, p.31 - 32).

Os alunos estão conectados à internet por meio de suas mídias móveis (celulares, tablets e outros). Todavia, em muitas escolas, esse uso é proibido¹⁸,

¹⁸ Lei 4.734/08 | Lei nº 4.734 de 4 de janeiro de 2008 / Lei Nº 7.269, de 6 de maio de 2009 / PL 2.547/2007 / PL 3.486/2008 / entre outros.

mesmo tendo-se consciência de que a utilização dessa tecnologia é útil por questões de segurança, emergência de saúde e, até mesmo, para proporcionar o aprendizado.

Há certa controvérsia sobre a utilização de telefones celulares nas escolas, que envolve inclusive políticas públicas. Algumas dessas controvérsias perpassam por questões semelhantes à proibição do uso de calculadoras em aulas ou exames. Outras são mais específicas, visto que os telefones podem ser utilizados para fins não pedagógicos ou para a comunicação que vise de forma ilegal burlar exames públicos. (BORBA; SILVA; GADANIDIS, 2015, p. 78).

Apesar de tantas tecnologias disponíveis atualmente, que podem ser utilizadas para proporcionar ganhos à Educação, em especial à Educação Matemática, as salas de aula ainda atuam, em sua maioria, de forma tradicional, fazendo uso de quadros (negros ou brancos) e aulas expositivas, que não prendem mais a atenção dos alunos (se é que podemos dizer que algum dia prenderam essa atenção).

Acreditamos que há uma tendência à permissão do uso favorável de celulares, tablets e outras tecnologias pessoais no ambiente escolar, principalmente em sala de aula. Para que isso, entretanto, ocorra de forma eficaz, produzindo o efeito educativo a que se propõe, é necessário que se implante uma política de utilização das mídias e que essa seja disseminada entre a comunidade escolar, a fim de que se crie uma cultura de uso didático das tecnologias.

Nas aulas lecionadas na escola SESI de Juiz de Fora, no Ensino Médio, em que se constatou que todos os alunos possuíam celulares com acesso à internet, a pesquisadora incentivou-os a criarem grupos de estudo e espaço para registro das aulas em seus telefones celulares (via WhatsApp); permitiu que eles fotografassem a lousa e acessassem o site “geogebra.org” para o estudo de funções e figuras geométricas, o site AppProva para realização de simulados e, ainda, a calculadora do celular, para conhecerem funções e potencializarem o uso dela (embora não sejam estimulados a usá-la em todas as atividades e sejam proibidos de utilizá-la na realização de testes e avaliações).

Eventualmente a professora cria vídeos com resolução detalhada de algum problema e posta-os no grupo dos alunos para que possam assistir e assimilar o conteúdo, cada um no seu tempo de estudo. O efeito positivo dessa iniciativa só foi possível devido ao acordo feito com os alunos previamente, e não houve qualquer problema de uso inadequado da tecnologia nas aulas. Vale lembrar que essa não é a

cultura da escola, apenas a postura da pesquisadora, enquanto professora, em suas aulas, a qual também é adotada por outros professores, já que na escola não há a política de proibição rígida do uso das tecnologias.

A exemplo do uso do celular e de outras mídias não liberadas no ambiente escolar, já citado anteriormente, temos também o Facebook, que se tornou uma importante ferramenta que pode ser potencializada para fins comerciais e educacionais. Seu acesso, porém, é proibido na maioria das empresas e ambientes educacionais.

A plataforma do Facebook permite que além de textos escritos, imagens e vídeos sejam incorporados ao fórum, oferecendo um caráter multimodal ao cenário de interação. Contudo, o mural de postagens é apenas uma faceta do processo interativo, pois os membros ou participantes têm opção de interagir via ferramentas como mensagens e bate-papo que não são públicas. Como exemplos de grupos de educação matemática no Facebook, destacamos o ICMI Mathematical Instruction, o EDUMAT, o Professor de Matemática e o Grupo de Estudos sobre TIC e Educação Matemática. (BORBA; SILVA; GADANIDIS, 2015, p. 84).

Cada vez mais, novas tecnologias estão surgindo, e muitas delas com o propósito de facilitar o ensino e a aprendizagem de Matemática. Muitas pesquisas na área têm desenvolvido softwares e aplicativos cada vez mais amigáveis para uso dos professores em sala de aula e dos alunos em seus estudos autônomos, o que promete que, num futuro próximo, já possamos ter uma sala de aula de Matemática mais interativa e atraente para os educandos.

3 - REVISÃO DE LITERATURA

A presente pesquisa faz parte do projeto intitulado “Design e desenvolvimento de um Programa de Educação Financeira para a formação de estudantes e professores da Educação Básica”, que busca a inserção da Educação Financeira nas escolas brasileiras, a partir da produção de material didático para o Ensino Fundamental e Médio.

O projeto é desenvolvido pelo Núcleo de Investigação e Desenvolvimento em Educação Matemática (NIDEEM) da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e, em função disso, iniciaremos pela apresentação das pesquisas desenvolvidas por integrantes e ex-integrantes do projeto e que demonstram relação com este estudo.

Além dessas, serão apresentados outros trabalhos já realizados, que contribuíram para o desenvolvimento desta pesquisa, relacionados à Educação Financeira, à Educação Empreendedora e ao uso de tecnologias na Educação Matemática.

3.1 PESQUISAS DESENVOLVIDAS NO NIDEEM

As pesquisas desenvolvidas no NIDEEM seguem a perspectiva de Educação Financeira Escolar de Silva e Powell (2013) e possuem em comum o referencial teórico-metodológico e a proposta de produzir tarefas de Educação Financeira para a sala de aula de Matemática.

No quadro a seguir, pode-se ver a relação de todas as pesquisas feitas dentro do NIDEEM¹⁹, já concluídas e em andamento, e posteriormente destacaremos as que foram analisadas por estarem em concordância com a presente proposta.

¹⁹ Disponível em <http://www.ufjf.br/mestradoedumat/publicacoes/dissertacoes-defendidas/>.

Quadro 1 - Dissertações defendidas pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da UFJF desenvolvidas pelo NIDEEM

Título	Ano	Autor/Orientador	Produto Educacional / Temáticas
Uma investigação sobre a produção de tarefas aritméticas para o 6º ano do Ensino Fundamental.	2011	Maria Helena Marques Loth / Amarildo Melchiades da Silva	Tarefas aritméticas.
Educação Financeira na Matemática do Ensino Fundamental: uma análise da produção de significados.	2012	Marcelo Bergamini Campos / Amarildo Melchiades da Silva	Mesada – Economia. Orçamento pessoal. Tomada de decisão.
Design de Tarefas de Educação Financeira para o 6º Ano do Ensino Fundamental.	2013	Luciana Aparecida Borges Losano / Amarildo Melchiades da Silva	O que é dinheiro? Orçamento pessoal. Orçamento familiar.
Educação Financeira e Educação Matemática: inflação de preços.	2014	Márcio Carlos Vital Campos / Amarildo Melchiades da Silva	Inflação de preços: o que é? Quais são as causas e suas consequências?
Educação Financeira Escolar para Estudantes com Deficiência Visual.	2014	Glauco Henrique Oliveira Santos / Amarildo Melchiades da Silva	Mesada – Orçamento pessoal. Orçamento familiar.
Educação Financeira Escolar: Orçamento Familiar.	2014	Raquel Carvalho Gravina / Amarildo Melchiades da Silva	Orçamento familiar.
Educação Financeira Escolar: A Noção de Juros.	2015	Jesus Nazareno Martins Dias / Amarildo Melchiades da Silva	A Noção de Juros – Empréstimo. Compras à vista ou a prazo.
Educação Financeira Escolar: Planejamento Financeiro.	2015	Gláucia Sabadini Barbosa / Amarildo Melchiades da Silva	Planejamento Financeiro – Planejamento pessoal. Planejamento familiar.
Design e desenvolvimento de um curso de formação continuada para professores em educação financeira escolar.	2015	Andréa Stambassi Souza/ Amarildo Melchiades da Silva	Formação continuada para professores.
Educação Financeira Escolar: As armadilhas presentes na mídia induzindo o consumismo.	2017	Katyane Anastácia Samoglia Costa Capichoni Massante / Amarildo Melchiades da Silva	Armadilhas de marketing na mídia – Propaganda. Desejo. Consumismo.
Educação Financeira Escolar: os riscos e as armadilhas presentes no comércio, na sociedade e consumidores.	2017	Vivian Helena Brion da Costa Silva / Amarildo Melchiades da Silva	Armadilhas do comércio – Propaganda. Desejo. Consumismo.
Educação Financeira e Educação Matemática: inflação de preços no Ensino Médio.	2017	Leandro Gonçalves dos Santos / Amarildo Melchiades da Silva	Tarefas sobre inflação de preços para alunos do ensino médio.
Produção e Implementação de um simulador financeiro como aporte a tarefas destinadas ao ensino de educação financeira escolar.	2018	Alex Machado Leite / Liamara Scortegagna	Simulador para verificação do valor do dinheiro no tempo.

Educação Financeira Escolar: A Noção de Juros no Ensino Médio.	2018	Camila de Almeida Franco/ Amarildo Melchiades da Silva	Educação Financeira Escolar: Discutindo a Noção de Juros no Ensino Médio.
Dispositivos móveis no Ensino de Educação Financeira Escolar: análise e aplicação de tarefas.	2018	Fausto Daniel Alves Fernandes / Liamara Scortegagna	À vista ou à prazo: dois lados de uma mesma moeda.
Educação Financeira e Educação Estatística: Inflação como tema de ensino e aprendizagem.	2018	Tamara Lamas Müller /Ronaldo Rocha Bastos	Educação Financeira e Educação Estatística: Inflação de preços.
Educação Financeira Escolar: A noção de Poupança no Ensino Fundamental.	2019	Luciana Maria da Silva / Amarildo Melchiades da Silva	Discutindo a noção de poupança no Ensino Fundamental.
A Produção de Projetos de Educação Financeira para a sala de aula de Matemática.	2019	Roberta Gualberto Ferreira/ Amarildo Melchiades da Silva	Projetos de educação financeira.
Educação Financeira Escolar: a noção de poupança nos anos iniciais do ensino fundamental I.	2019	Dailiane de Fátima Souza / Amarildo Melchiades da Silva	A noção de poupança para os anos iniciais do ensino fundamental: Uma proposta de ensino.
Gamificação como proposta para engajamento de alunos em MOOCS sobre Educação Financeira Escolar: possibilidades e desafios para Educação Matemática.	2019	Joarez José Leal do Amaral / Liamara Scortegagna	Gamificação, massive open on-line, tecnologias.

Fonte: Própria autora

Além das dissertações defendidas e já disponíveis no site do mestrado, o Quadro 2 apresenta outras pesquisas do grupo NIDEEM que estão em andamento ou que já passaram pelo processo de qualificação e aguardam defesa.

Quadro 2 – Pesquisas em andamento no NIDEEM

Título	Situação	Autor / Orientador	Produto Educacional / Temáticas
Educação Financeira Escolar: a tomada de decisão na sociedade de consumo.	Em andamento	Priscila Juste / Amarildo Melchiades da Silva	Em andamento.
Educação Financeira Escolar: O valor do dinheiro no tempo	Em andamento	Jaciene Lara de Paula Caetano / Amarildo Melchiades da Silva	Em andamento
Educação Financeira Escolar: Investimentos	Em andamento	Silvânia de Castro Duriguêto / Amarildo Melchiades da Silva	Em andamento

Fonte: Própria autora

Praticamente todas as pesquisas acima têm algo de Educação Financeira, mas nem todas as vertentes abordadas terão contribuição efetiva no nosso trabalho.

Entre os estudos anteriores à nossa pesquisa, aprofundamo-nos um pouco nos de Barbosa (2015), Massante (2017) e Silva (2017), pois nesses foi identificada alguma afinidade com nossa proposta.

A dissertação de Barbosa (2015), “Educação financeira escolar: Planejamento Financeiro”, teve por finalidade estimular os adolescentes a projetarem o seu futuro financeiro, discutindo com eles quais fatores influenciam na criação de seus projetos de vida, procurando identificar se já possuem um projeto em curso ou não. Esse tema vem ao encontro da proposta da nossa pesquisa, que também visa projetar futuro financeiro e é destinada a alunos do Ensino Médio, porém com um olhar no comportamento empreendedor. Seu objetivo de pesquisa foi elaborar um conjunto de tarefas sobre Planejamento Financeiro que estimulasse a produção de significados dos estudantes do Ensino Médio para o uso em sala de aula de Matemática, considerado interessante, pois pode servir de base para a elaboração das tarefas da nossa pesquisa.

O trabalho de Massante (2017), “Educação Financeira Escolar: As armadilhas presentes na mídia induzindo o consumismo”, produziu um conjunto de tarefas sobre as armadilhas presentes na mídia e no mercado, com intuito de mostrar como as estratégias de marketing influenciam as pessoas ao consumismo na sociedade de consumidores. As tarefas foram elaboradas para uso na sala de aula de Matemática, para estudantes do 2º ano do Ensino Médio, com o objetivo de discutir e produzir reflexões sobre como os estudantes são expostos diariamente a diferentes apelos para o consumo veiculados na mídia.

O termo “armadilha” foi utilizado nesse trabalho, considerando a definição encontrada no dicionário on-line Michaelis (2016): “meio ardiloso de enganar alguém; cilada”.

Já o termo “consumismo” foi colocado para falar sobre “consumir sem planejamento e em excesso, motivado pelo desejo”. Desse modo, é importante deixar clara a diferença entre consumo e consumismo. O consumo é uma ação comum a todos e está relacionado ao essencial, mas a compreensão de consumismo é apresentada nos seguintes termos:

O consumismo atua para manter a reversão emocional do trabalho e da família. Expostos a um bombardeio contínuo de anúncios graças a uma média diária de três horas de televisão (metade de todo seu tempo de lazer), os trabalhadores são persuadidos a “precisar” de mais coisas. Para comprar

aquilo que agora necessitam, precisam de dinheiro. Para ganhar dinheiro, aumentam sua jornada de trabalho. Estando fora de casa por tantas horas, compensam sua ausência do lar com presentes que custam dinheiro. Materializam o amor. E assim continuam o ciclo. (BAUMAN, 2008, p. 153, apud MASSANTE, 2015, p. 21).

A pesquisa de Massante (2017) muito se assemelha à de Silva (2017, p.127), “Educação Financeira Escolar: os riscos e as armadilhas presentes no comércio, na sociedade e consumidores”, que objetivou “desenvolver um estudo e um reconhecimento de alguns artifícios utilizados pelo comércio para atrair clientes, os quais podemos considerá-los como sendo riscos e armadilhas na sociedade de consumidores”.

Desses riscos e armadilhas, podemos destacar as famosas frases “parcela em 24 vezes sem juros”, “toda loja com até 70% de desconto”, “leve 3 e pague 2”, entre as diversas vitrines reluzentes e coloridas, destacando promoções, liquidações e ofertas. Outros artifícios são utilizados pelo comércio, como, por exemplo, na Black Friday, sendo apresentados vários descontos falsos, fora as garantias estendidas e vendas casadas oferecidas por comerciantes como uma grande oportunidade, podendo todas essas, serem “jogadas” de marketing apenas para atrair consumidores. Destacamos também os supermercados que possuem armadilhas que passam despercebidas e que os clientes acabam caindo em suas ciladas. (SILVA, 2017, p. 127).

Os estudos de Massante (2017) e Silva (2017) não estão diretamente relacionados à presente pesquisa, inclusive o foco de suas tarefas foi identificar as armadilhas de marketing e do comércio que estimulam o consumismo. Essas tarefas, porém, podem contribuir bastante para as que serão elaboradas, pois proporcionam uma rica reflexão sobre como o marketing e o comércio, com suas armadilhas, poderiam contribuir para afastar as pessoas de seus projetos financeiros futuros.

3.2 - OUTRAS PESQUISAS NA ÁREA

Além das pesquisas desenvolvidas pelo grupo NIDEEM, foram realizadas buscas no Google Acadêmico²⁰ com os temas Educação Empreendedora, Educação Financeira e Empreendedorismo, voltados para o Ensino Fundamental e Médio, no período de 2014 a 2019.

²⁰ <https://scholar.google.com.br/>.

No que se refere à Educação Empreendedora, percebeu-se que é um tema com poucas pesquisas e publicações, principalmente quando relacionada ao Ensino Fundamental e Médio.

O Quadro 3 apresenta os trabalhos que foram selecionados entre as buscas e que podem contribuir para nossos estudos.

Quadro 3 - Dissertações, teses e artigos

Título	Ano	Autor(es)	Categoria (dissertação, tese, artigo).
Desafios Financeiros: O papel do design em um jogo de Educação Financeira.	2016	Flávia de Oliveira Carvalho / orientador: Ricardo Ramos Fragelli / coorientador; Tiago Barros Ponte e Silva	Dissertação
Educação Empreendedora: Um caminho para a Educação Financeira?	2015	Lina Fonseca, Teresa Gonçalves, Gabriela Barbosa, Ana Barbosa e Ana Peixoto	Comunicação
A Educação Financeira no ensino de matemática por meio de objetos de aprendizagem.	2015	Chang Kuo Rodrigues, Gustavo de Oliveira Andrade, Rosilane Motta da Silva, Andreia Sanches de Oliveira Araújo e Abel Rodolfo Garcia Lozano	Comunicação
Desafios Financeiros: Desenvolvendo competência em educação financeira de maneira lúdica.	2015	Rafael Fernandez Gomes / orientador: Tiago Barros Ponte e Silva	TCC
Educação Financeira Nacional.	2014	Hugo Jorge Amaral Monteiro / orientador: Rui Barroso de Moura	Dissertação

Fonte: Própria autora

Conforme citado na introdução dessa pesquisa, a comunicação “Educação Empreendedora: Um caminho para a Educação Financeira?”, Fonseca, Gonçalves, Barbosa et al. (2015) foi uma das inspirações para essa pesquisa, e ainda ressalta que:

Para que qualquer cidadão tenha a oportunidade de transformar as suas ideias em ações é necessário proporcionar-lhe uma educação empreendedora, não uma educação para preparar futuros empresários, mas que contribua para desenvolver competências empreendedoras e a capacidade de agir de modo empreendedor. (FONSECA; GONÇALVES; BARBOSA et al., 2015, p. 40).

Na dissertação “Educação Financeira Nacional”, realizada para obtenção do título de mestre pelo Instituto Superior de Gestão de Portugal, departamento de Mestrado em Educação Financeira, Monteiro (2014) propõe uma metodologia a ser disseminada em todas as escolas de Portugal, composta por workshops e tarefas que

levem o aluno a pensar e agir com base na Educação Financeira. Em especial, os workshops sobre Gestão do Dinheiro e Finanças para a Vida se destacaram por trazerem propostas relacionadas à nossa pesquisa e que poderão contribuir para elaboração do nosso produto educacional.

Rodrigues, Andrade, Silva, Araújo e Lozano (2015), na comunicação “A Educação Financeira no ensino de matemática por meio de objetos de aprendizagem”, apresentam o objeto de aprendizagem “O dinheiro”, um jogo desenvolvido para trabalhar Educação Financeira com alunos do Ensino Fundamental, e ressaltam que conhecer os objetos de aprendizagem é o melhor caminho para se desenvolver uma educação voltada para a interatividade, o desenvolvimento de competências e para o estímulo ao interesse dos alunos.

Em sua dissertação “Desafios Financeiros: O papel do design em um jogo de Educação Financeira”, Carvalho (2016) expõe sobre o jogo que desenvolveu baseado no material didático “Educação Financeira nas Escolas”, desenvolvido pela ENEF. O mesmo jogo e seu processo de desenvolvimento podem ser verificados no TCC de Gomes (2015), “Desafios Financeiros: Desenvolvendo competência em educação financeira de maneira lúdica”, pois percebe-se que o produto gerado pelas pesquisas foi fruto de uma parceria entre os autores, que criaram um jogo de tabuleiro com uso de cartas, peças e comandos inspirados no design do material didático criado pela ENEF. Carvalho (2016) ainda disserta sobre a aplicação do jogo a jovens do Ensino Médio do Centro de Ensino Médio Integrado à Educação profissional (CEMI) do Gama, uma escola pública do Distrito Federal.

4 - METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se por uma abordagem qualitativa de investigação, classificando-a, a partir do ponto de vista dos objetivos, como uma pesquisa exploratória.

Os estudos de Bogdan e Biklen (2010) mostram que a investigação qualitativa possui cinco características, embora nem todos os estudos ditos qualitativos as utilizem com igual eloquência: (1) na investigação qualitativa, a fonte direta de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal; (2) a investigação qualitativa é descritiva. Os dados recolhidos são em forma de palavras ou imagens, e não de números; (3) os investigadores qualitativos interessam-se mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos; (4) os investigadores qualitativos tendem a analisar os seus dados de forma indutiva e (5) o significado é de importância vital na abordagem qualitativa.

Os investigadores qualitativos estabelecem estratégias e procedimentos que lhes permitam tomar em consideração as experiências e ponto de vista do informador. O processo de condução de investigação qualitativa reflete uma espécie de diálogo entre os investigadores e os respectivos sujeitos, dado estes serem abordados por aqueles de uma forma neutra. (BOGDAN; BIKLEN, 2010, p. 51).

Além da investigação qualitativa, nossa pesquisa realizará capacitação e proporcionará que os participantes realizem uma ação concreta, com o apoio da pesquisadora. Em função disso, utilizará o referencial teórico da pesquisa-ação, o qual vamos explorar um pouco neste capítulo.

A ideia dessa pesquisa não é fazer um simples levantamento de dados ou gerar relatórios para serem arquivados, como na maioria das pesquisas convencionais, mas, sim, desempenhar um papel ativo na realidade dos fatos observados. Nesse sentido, a pesquisa-ação foi identificada a estratégia metodológica adequada aos resultados que se pretendem atingir, pois, segundo Thiollent,

A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. (THIOLLENT, 1986, p.14).

Thiollent (1986) considera a pesquisa-ação uma estratégia metodológica da pesquisa social e cita como um resumo de seus principais aspectos:

a) Há uma ampla e explícita interação entre pesquisadores e pessoas implicadas na situação investigada; b) desta interação resulta a ordem de prioridade dos problemas a serem pesquisados e das soluções a serem encaminhadas sob forma de ação concreta; c) o objetivo de investigação não é constituído pelas pessoas e sim pela situação social e pelos problemas de diferentes naturezas encontrados nesta situação; d) o objetivo da pesquisa-ação consiste em resolver ou, pelo menos, em esclarecer os problemas da situação observada; e) há, durante o processo, um acompanhamento das decisões, das ações e de toda a atividade intencional dos atores da situação; f) a pesquisa não se limita a uma forma de ação (risco de ativismo): pretende-se aumentar o conhecimento dos pesquisadores e o conhecimento ou o “nível de consciência” das pessoas e grupos considerados. (p.16).

Thiollent (1986, p. 19) coloca que a ênfase da pesquisa-ação “pode ser dada a um dos três aspectos: resolução de problemas, tomada de consciência ou produção de conhecimento” e que “muitas vezes, a pesquisa-ação só consegue alcançar um ou outro desses três aspectos”.

No que tange à diferença que existe entre a pesquisa-ação e a pesquisa tradicional, Thiollent aponta:

Numa pesquisa convencional não há participação dos pesquisadores junto com os usuários ou pessoas da situação observada. Além disso, sempre há uma grande distância entre os resultados de uma pesquisa convencional e as possíveis decisões ou ações decorrentes. Em geral tal tipo de pesquisa se insere no comportamento burocrático das instituições. Os usuários não são considerados como atores. Ao nível da pesquisa, o usuário é mero informante, e ao nível da ação ele é mero executor. Esta concepção é incompatível com a da pesquisa-ação, sempre pressupondo participação e ação efetiva dos interessados. Podemos acrescentar que, na pesquisa social convencional, são privilegiados os aspectos individuais, tais como opiniões, atitudes, motivações, comportamentos, etc. Esses aspectos são geralmente captados por meio de questionários e entrevistas que não permitem que se tenha uma visão dinâmica da situação. Não há focalização da pesquisa na dinâmica de transformação desta situação numa outra situação desejada. Ao contrário, pela pesquisa-ação é possível estudar dinamicamente os problemas, decisões, ações, negociações, conflitos e tomadas de consciência que ocorrem entre os agentes durante o processo de transformação da situação. (THIOLLENT, 1986, p.19).

O que pode ficar mais evidente através do exemplo apontado por Thiollent:

Por exemplo, no campo industrial, é o caso quando se trata de transformar uma forma de organização do trabalho individualmente segmentada e rotinizada numa forma de organização com grupos dispostos de autonomia e flexibilidade na execução do trabalho. De modo geral, a observação do que ocorre no processo de transformação abrange problemas de expectativas, reivindicações, decisões, ações e é realizada através de reuniões e seminários nos quais participam pessoas de diversos grupos implicados na transformação. As reuniões e seminários podem ser alimentados por informações obtidas em grupos de pesquisa especializados por assuntos e também por informações provenientes de outras fontes, inclusive – quando utilizáveis – aquelas que foram obtidas por meios convencionais: entrevistas, documentação, etc. Este tipo de concepção pode ser aplicado no caso do

estudo de inovações ou de transformações técnicas e sociais nas organizações e também nos sistemas de ensino. (THIOLLENT, 1986, p.19).

Baldissera (2001, p. 6) ressalta que “uma pesquisa pode ser qualificada de pesquisa-ação quando houver realmente uma ação por parte das pessoas implicadas no processo investigativo, visto partir de um projeto de ação social ou da solução de problemas coletivos e estar centrada no agir participativo e na ideologia de ação coletiva.”

Na pesquisa-ação, os participantes não geram apenas dados ou informações que serão catalogados e apresentados ao final; ela não é constituída apenas pela ação ou pela participação dos envolvidos. Conforme Thiollent (1986, p.22), “com ela é necessário produzir conhecimentos, adquirir experiência, contribuir para a discussão ou fazer avançar o debate acerca das questões abordadas”.

Entre os objetivos de conhecimento potencialmente alcançáveis em pesquisa-ação, Thiollent destaca:

a) A coleta de informação original acerca de situações ou de atores em movimento. b) A concretização de conhecimentos teóricos, obtida de modo dialogado na relação entre pesquisadores e membros representativos das situações ou problemas investigados. c) A comparação das representações próprias aos vários interlocutores, com aspectos de cotejo entre saber formal e saber informal acerca da resolução de diversas categorias de problemas. d) A produção de guias ou de regras práticas para resolver os problemas e planejar as correspondentes ações. e) Os ensinamentos positivos ou negativos quanto à conduta da ação e suas condições de êxito. f) Possíveis generalizações estabelecidas a partir de várias pesquisas semelhantes e com o aprimoramento da experiência dos pesquisadores. (THIOLLENT, 1986, p.41).

A pesquisa-ação pode ser dividida em três momentos: investigação, tematização e programação/ação, os quais Baldissera exemplifica como:

O momento investigativo divide-se em várias fases. Dentre elas, a seleção de uma área de trabalho, a recompilação de informações sobre esta, observação e levantamento das características de sua população; seleção e capacitação de “grupos estratégicos”; realização da pesquisa e devolução dos resultados. O momento de tematização tem como objetivo uma reflexão crítica sobre os fatos pesquisados e sua elaboração teórica, que facilite a devolução posterior desta informação à população, para transformá-la em um programa pedagógico. O momento de programação/ação, busca a ação organizada, que requer uma auto-investigação da população, uma reflexão crítica sobre sua própria realidade e uma procura de ações que a transforma, corresponde a classificação dos problemas levantados em ordem de prioridade, o projeto ou planejamento de um programa de ações; execução e avaliação do mesmo. A população utiliza o novo conhecimento adquirido para elaborar sua prática, através da execução de um projeto coletivo. (BALDISSERA, 2001, p.10-11).

A presente pesquisa ocorreu na escola SESI de Juiz de Fora, com os alunos do 3º ano do Ensino Médio, no decorrer das aulas de Matemática ministradas pela própria pesquisadora, que também é professora da turma desde o 1º ano do Ensino Médio. Tal acompanhamento possibilita um melhor relacionamento entre as partes envolvidas na pesquisa. As ações aconteceram no decorrer de oito semanas, entre os meses de abril e junho de 2019, divididas em três fases. A primeira foi destinada ao diagnóstico e à capacitação dos alunos participantes, com a verificação do conhecimento inicial dos alunos sobre os temas Empreendedorismo, Comportamento Empreendedor e Educação Financeira, e aplicação de uma capacitação pela pesquisadora, com intuito de nivelar esses conceitos entre os participantes e incentivá-los a aplicar tais conceitos em uma ação empreendedora na escola. A segunda fase tem como foco o desenvolvimento da ação empreendedora previamente planejada pelo grupo na fase anterior. A terceira fase trata das avaliações, tanto do projeto quanto da ação empreendedora.

O detalhamento de cada uma dessas fases poderá ser visto no capítulo 5 desta pesquisa, no qual se apresentam o projeto e a análise de dados.

Dessa pesquisa ainda resultou um produto educacional denominado “Empreendedorismo Social: um guia de planejamento e orientações didáticas para o professor”, no qual objetivamos instrumentalizar professores para o desenvolvimento de aulas que integrem Educação Empreendedora e Educação Financeira Escolar, resultando em ações de Empreendedorismo Social.

5 – APRESENTAÇÃO DO PROJETO E ANÁLISE DE DADOS

Neste capítulo será apresentado como o presente estudo se desenvolveu e detalhado como ocorreu cada uma de suas fases, incluindo a análise dos dados ao final do processo.

A pesquisa foi desenvolvida com estudantes do 3º ano do Ensino Médio do colégio SESI de Juiz de Fora, e os participantes são alunos da pesquisadora pelo terceiro ano consecutivo na disciplina de Matemática.

A escola SESI disponibiliza aos alunos dessa classe aulas no contraturno, referentes ao projeto Ensino Médio Integral, cujos objetivos são elevar os indicadores de aprendizagem dos estudantes em todas as suas dimensões, contribuir para a formação de hábitos de estudo num ambiente que priorize valores éticos, morais e sociais e promover a construção da autonomia e do Empreendedorismo. Semanalmente, duas horas/aula do Integral são destinadas à disciplina de Matemática. Essa pesquisa se realizou no decorrer dessas aulas, que, por serem opcionais, contou com a participação de apenas sete alunos da turma e teve a duração de oito semanas, entre os meses de abril e junho de 2019, distribuídas em três fases.

A primeira fase teve a duração de três semanas e foi destinada ao diagnóstico e à capacitação dos alunos participantes. Nessa fase, verificou-se o conhecimento inicial dos alunos sobre os temas Empreendedorismo, Comportamento Empreendedor e Educação Financeira e, na sequência, a pesquisadora aplicou uma capacitação, visando nivelar esses conceitos entre os participantes e incentivá-los a aplicar tais conceitos em uma ação empreendedora na escola.

A segunda fase teve a duração de cinco semanas e foi destinada ao desenvolvimento da ação empreendedora. Nessa etapa, o grupo colocou em prática a ação empreendedora que planejaram.

A última fase foi dedicada às avaliações, tanto do projeto quanto da ação empreendedora.

A seguir detalharemos cada uma das fases do projeto.

5.1 – PRIMEIRA FASE – DIAGNÓSTICO E CAPACITAÇÃO

A primeira fase da investigação teve como objetivo realizar a capacitação dos alunos em relação aos temas abordados no projeto, quais sejam Empreendedorismo, Comportamento Empreendedor e Educação Financeira, e estimulá-los a identificar uma ação de Empreendedorismo Social que pudesse ser realizada para a comunidade escolar e seu entorno.

Essa fase teve duração de três semanas e foi dividida em quatro encontros que objetivaram a realização de um levantamento inicial da percepção dos alunos sobre os temas, por meio de um questionário de avaliação diagnóstica, a apresentação dos conceitos de Empreendedorismo, comportamento empreendedor e Educação Financeira e o levantamento de ideias e planejamento de uma ação de Empreendedorismo Social a ser realizada pelo grupo participante da pesquisa.

A seguir, serão detalhados os quatro encontros e o que aconteceu em cada um deles.

5.1.1 – Primeiro encontro – Questionário de avaliação diagnóstica e aula sobre o tema ‘Empreendedorismo’

O primeiro encontro dessa fase, que também representou o primeiro encontro do projeto, teve duração de duas horas e vinte e cinco minutos e contou com a participação de sete alunos. Estes utilizaram nomes fictícios no decorrer dos trabalhos, a fim de que não sejam identificados e possam se expressar sem melindres e sem que ocorram quaisquer tipos de constrangimento. Para que sejam mais facilmente descritas as ações, será utilizada uma abreviação para cada um dos nomes fictícios adotados pelos alunos. São eles:

Mateus Felipe – M.F.

Bravo – B.

Mr. Thug – M.T.

Mr. Catra – M.C.

Leo Stronda – L.S.

Macarrão – M.

Admar Franco da Silva Carvalho – A.F.

Esse primeiro encontro intencionou: levantar as percepções dos alunos sobre os temas Empreendedorismo e Educação Financeira, por meio da aplicação de um questionário de avaliação diagnóstica; levar os alunos a buscarem uma compreensão sobre o tema Empreendedorismo, com foco no comportamento empreendedor e no Empreendedorismo Social; conduzir os alunos na compreensão sobre o tema Educação Financeira; e orientar os alunos a identificarem e planejarem uma ação de Empreendedorismo Social que possa ser realizada por eles na comunidade escolar.

O tempo total do encontro foi distribuído em aplicação do questionário de avaliação diagnóstica (QAD), intervalo para compilação dos dados pela pesquisadora, palestra sobre Empreendedorismo, apresentação de casos de Empreendedorismo Social, utilizando vídeos, e encerramento da aula. Como material didático e de apoio, foram utilizados o questionário de avaliação diagnóstica (APÊNDICE A), doravante apresentado como QAD, os slides confeccionados pela pesquisadora em Power Point para a primeira aula (APÊNDICE B) e dois vídeos, disponíveis no YouTube²¹, sobre Empreendedorismo Social. O primeiro conta a história do Sr. Jonas pipoqueiro²² e o segundo, a história do menino canadense Ryan Hreljac²³.

Primeiramente, os participantes preencheram o QAD, de forma a verificar a compreensão inicial em relação aos temas que seriam abordados no decorrer do trabalho. O QAD foi composto de 18 questões, sendo as questões de 1 a 12 relacionadas a Empreendedorismo, 13 a 15 referentes à Educação Financeira, 16 e 17 sobre algo a ser empreendido no ambiente escolar e 18 sobre a expectativa em participar do projeto. As questões de 1 a 12 ainda se subdividem em Empreendedorismo (1), Empreendimentos (2 a 5) e Empreendedor (6 a 12).

As respostas produzidas pelos alunos também foram utilizadas no decorrer das aulas pela pesquisadora, como forma de envolver mais os participantes no projeto, citando-as como exemplo em momentos oportunos.

Após o preenchimento do QAD, foram disponibilizados 15 minutos de intervalo para que a pesquisadora pudesse fazer um rápido levantamento das respostas dos alunos, a serem utilizadas no decorrer da primeira aula.

²¹ YouTube é um site de compartilhamento de vídeos enviados pelos usuários pela internet. Disponível em www.youtube.com.

²² Jonas pipoqueiro - <https://www.youtube.com/watch?v=QeOaxp6u0E0>.

²³ Ryan Hreljac - <https://www.youtube.com/watch?v=uwasmaVHnxE>.

No que tange ao tema Empreendedorismo, verificou-se que as respostas dos alunos tendiam para a concepção de Empreendedorismo como criação de empresa, produto ou serviço ou como a transformação de ideias em ações, conforme se verifica no Quadro 4 a seguir, que lista tais percepções, partindo das que mais se destacaram.

Quadro 4 – Respostas à questão 1 do QAD

Questão 1 - O que você entende por Empreendedorismo? (Pode optar por mais de uma resposta)	Quantidade respostas
Criação de uma empresa	5
Criação de um produto ou serviço	5
Transformação de ideias em ações	5
Modificação de algo que já existe	1
Um conjunto de comportamentos	1
Não tenho nenhuma opinião sobre esse tema	0
Outros	0

Fonte: Própria autora

Pode-se perceber que todos os alunos já possuíam alguma opinião sobre o tema, embora não seja um assunto tratado no âmbito escolar. Conforme eles próprios ressaltaram no decorrer da aula, todos souberam identificar em sua família pessoas que julgam ser empreendedoras, por possuírem um negócio próprio, seja formal ou informal, e ganham dinheiro com isso.

Com base nos slides preparados para a aula, a pesquisadora realizou uma apresentação do tema Empreendedorismo em forma de palestra, com a participação dos alunos, inclusive utilizando-se de algumas respostas que foram produzidas por eles no QAD.

A pesquisadora focou o tema como a criação ou a modificação de algo e a transformação de ideias em ações, de modo a assumir a responsabilidade pela criação do próprio destino. Como exemplo de empreendedor, apresentou Steve Jobs²⁴, que, inclusive, já havia sido lembrado por dois dos investigados no QAD, como

²⁴ Steven Paul Jobs (Califórnia, 1955 a 2011) foi um inventor, empresário e magnata americano no setor da informática. Notabilizou-se como cofundador, presidente e diretor executivo da Apple Inc. e por revolucionar seis indústrias: computadores pessoais, filmes de animação, música, telefones, tablets e publicações digitais. Além de sua ligação com a Apple, foi diretor executivo da empresa de animação por computação gráfica Pixar e acionista individual máximo da The Walt Disney Company.

sendo um exemplo nessa área.

Após a explanação sobre Empreendedorismo, os alunos foram questionados sobre o que achavam que empreendimentos significava e se poderiam exemplificar. De acordo com o QAD, ficou evidenciado que estavam enxergando empreendimento como uma empresa ou algo para lucrar, conforme é constatado nas respostas produzidas pelos alunos, apresentadas no Quadro 5 abaixo:

Quadro 5 - Respostas às questões 2 e 3 do QAD

Aluno	Questão 2 - O que você acha que é um empreendimento?	Questão 3 - Pode exemplificar?
M.F.	“Criação de uma empresa formal ou não formal, podendo ser um único indivíduo ou uma empresa multinacional.”	“De um pipoqueiro até uma grande empresa.”
B.	“É ter uma ideia de algo que possa lucrar e ter a capacidade de pôr em prática”	“Alguém tem a ideia de vender doces e consegue organizar e pensar em todas variáveis para a empreitada dar certo.”
M.T.	“Um empreendimento é usar da criatividade para transformar algo em um produto ou investimento.”	“Como exemplo as pessoas que fazem doces em casa e divulgam e vendem em lugares públicos.”
M.C.	“Transformar um projeto em realidade.”	“Sites.”
L.S.	“Um investimento em ações voltadas para economia.”	“Empresas, investimento em loteamento em condomínios. Etc.”
M.	“Investir, criar, transformar ideias, que podem lhe trazer lucro”	“Criar um bar.”
A.F.	“É quando alguém faz um produto ou serviço que não há a necessidade de fábrica ou de maquinário.”	“Se uma pessoa faz mochila para vender ela está num empreendimento. Ou uma pessoa faz doces caseiros.”

Fonte: Própria autora

A pesquisadora deixou que os alunos falassem sobre o tema e constatou que realmente havia, entre eles, a tendência de interpretar empreendimentos como empresa ou algo cuja finalidade fosse ganhar dinheiro. Talvez por isso os alunos apresentaram dificuldade em identificar empreendimentos que não fossem empresas ou empreendimentos sociais. Essa dificuldade apareceu no momento de preenchimento do QAD, em que alguns alunos só foram capazes de responder às questões 4 e 5 após outro colega relatar o que teria citado como exemplo. No Quadro 6, podem ser observadas as respostas às questões 4 e 5:

Quadro 6 - Respostas às questões 4 e 5 do QAD

Aluno	Questão 4 - Conhece algum exemplo de empreendimento que não seja uma empresa?	Questão 5 - O que você acha que sejam empreendimentos sociais?
M.F.	“Um vendedor de balas no sinal.”	“Um empreendimento voltado para o bem-estar social.”
B.	“Sim.”	Em branco.
M.T.	“Sim, como os meus colegas de sala: uma vendia pão recheado, e outra vendia doces.”	“São maneiras de empreender em prol de uma ação solidária.”
M.C.	“Pessoas que vendem doce no sinal.”	“Empreendimento que busca o bem coletivo.”
L.S.	“Ações menores, como revender, produzir seus próprios produtos, etc.”	“Acredito que o termo está relacionado a ações voltadas para os bens da sociedade, como ações solidárias, investimentos públicos, etc.”
M.	“Empresário de jogador de futebol, que investe nele desde a base.”	“Empreendimentos que não visam o lucro.”
A.F.	“Sim. Meu pai, que é serralheiro autônomo.”	“Produtos e serviços que visam o bem-estar social.”

Fonte: Própria autora

Os alunos não tiveram dificuldade em compreender o conceito de empreendimento, porém, como visualizavam esse conceito apenas como empresa ou algo que dá lucro, não conseguiram vislumbrar facilmente os empreendimentos que não são empresas ou que não tenham fins lucrativos. Por isso, nesse ponto, a discussão foi bem rica. Nessa discussão, a pesquisadora levantou a importância de se manterem princípios éticos em um empreendimento e utilizou exemplos de empresas que desmatam um terreno para edificar um condomínio e o tráfico de drogas. Logo, o grupo trouxe suas contribuições, apresentando outros exemplos, os quais, devido à pertinência, foram inseridos no slide da aula, como “Empresas que poluem o ambiente”, “Tráfico (drogas, órgãos, pessoas, animais)”, “Biopirataria”, “Prostituição” e “Agiota”.

Por fim, falou-se sobre o empreendimento social que, ao contrário dos empreendimentos comerciais, não visa ao lucro e, sim, ao desenvolvimento social, à sustentabilidade, à preservação ambiental, à valorização da vida, entre outros. O Empreendedorismo Social foi colocado como solução inovadora para problemas sociais, e para exemplificar, dois vídeos foram selecionados e utilizados nesse momento da aula.

O primeiro vídeo conta a história do pipoqueiro “Seu Jonas”, que trabalhava em frente a uma escola na cidade de Campina Grande, no estado da Paraíba, e após

um defeito no seu carrinho, precisou parar de trabalhar, pois não teria condições financeiras de concertá-lo. As crianças que estudavam na escola, sensibilizadas com a situação e sentindo falta da pipoca, tiveram a iniciativa de arrecadar verba e presenteá-lo com um novo carrinho e suprimentos para produção da pipoca.

O segundo vídeo conta a história de “Ryan Hreljac”, o menino canadense que, aos 6 anos, empenhou-se em acabar com a sede na África, angariando fundos para a construção de poços artesianos, e fez desse o seu propósito de vida. Hoje, aos 27 anos, é responsável pela *Ryan’s Well Foundation*, fundação responsável por obter fundos para acabar com a sede e contribuir para a educação na África.

As questões 6 a 15 do QAD serão tratadas nos demais encontros. Já as questões 16, 17 e 18 foram abordadas no final dessa aula, por se tratarem da ação de Empreendedorismo Social a ser realizada pelos alunos e de suas expectativas em relação à participação no projeto.

Ao final da aula, os alunos discutiram sobre a capacidade de realizarem alguma melhoria no ambiente escolar e sobre suas ideias de ações a serem empreendidas nesse ambiente, de acordo com as ideias iniciais propostas por eles no QAD, expostas no Quadro 7 a seguir.

Quadro 7 - Respostas à questão 17 do QAD

Aluno	Questão 17 - O que você acha que poderia ser feito ou melhorado no seu ambiente escolar?
M.F.	“Rever os horários, plano de aula dos professores, separação em aula de conhecimento.”
B.	“Melhorar o gerenciamento e o planejamento escolar.”
M.T.	“Com a ajuda dos diretores e coordenadores, seria interessante adicionar um ar-condicionado nas salas.”
M.C.	“Fazer mais viagens educativas, construir uma piscina, implementar o ar-condicionado, construir mesa de sinuca.”
L.S.	“Atividades de entretenimento como uma mesa de sinuca.”
M.	“Diminuir o preço do salgado na cantina, além do preço do ônibus que é muito absurdo.”
A.F.	Não apresentou sugestões.

Fonte: Própria autora

A pesquisadora apresentou todas as sugestões para que o grupo discutisse e chegasse a um consenso sobre a ação a ser implementada na etapa seguinte do projeto. O grupo, então, optou por uma ação de entretenimento: adquirir uma mesa de sinuca para a escola. Para o próximo encontro, os alunos foram orientados a levarem uma pesquisa prévia sobre as características da mesa de sinuca, se seria

nova ou usada, tamanho e acessórios, preços e prazos de entrega, entre outras informações pertinentes.

Para finalizar a aula, foram expostas as expectativas dos participantes em relação à atuação no projeto de pesquisa, apresentadas no Quadro 8:

Quadro 8 - Respostas à questão 18 do QAD

Aluno	Questão 18 - Qual é a sua expectativa ao participar desse projeto de pesquisa?
M.F.	“Adquirir alguma noção de empreendedorismo e educação financeira.”
B.	“Não quero terminar o projeto sem novos conhecimentos.”
M.T.	“Aprender mais sobre matemática financeira e como manusear meu futuro dinheiro próprio.”
M.C.	“Aprender mais a ‘mexer’ com meu dinheiro”
L.S.	“Boa! Acredito que todos gostariam da ideia.”
M.	“Ajudar no mestrado, além de futuramente ter aula sobre isso.”
A.F.	“Boa.”

Fonte: Própria autora

Desse primeiro encontro, a pesquisadora concluiu que alguns alunos tinham uma percepção diferente do que seria o projeto. Eles relataram que imaginavam que se deparariam apenas com aulas teóricas e se surpreenderam ao serem incentivados a colocar em prática uma ação de Empreendedorismo Social. Percebeu, ainda, uma mudança de ponto de vista e, até mesmo, surpresa dos alunos em relação a alguns conceitos, em especial ao de Empreendedorismo Social. Nesse sentido, tem-se como expectativa para o segundo encontro o envolvimento cada vez maior dos alunos no projeto.

5.1.2 – Segundo encontro – Aula sobre o tema ‘Comportamento empreendedor’

O segundo encontro teve duração de uma hora e vinte e cinco minutos, e todos os alunos estavam presentes. O objetivo foi expor as principais características do comportamento empreendedor, levantadas pela pesquisa da ONU, anteriormente citada no capítulo 2 deste projeto, e levar os alunos a identificarem momentos de suas vidas em que essas características se apresentaram. Pretendeu, ainda, mostrar a relevância de trabalhar essas características para obterem destaque no que pretendem fazer na vida e a importância de se identificarem as características que mais precisam de atenção e que merecem ser mais trabalhadas.

A aula foi composta de uma palestra sobre comportamento empreendedor e finalizada com uma discussão sobre os conhecimentos adquiridos e o que poderia ser empreendido na escola. Os slides de Power Point elaborados pela pesquisadora nessa segunda aula (APÊNDICE C) foram utilizados como material didático. A pesquisadora utilizou esses slides de forma a guiar a aula. Porém, esta aconteceu em forma de diálogo, ou seja, à medida que os conceitos eram expostos, os alunos expressavam suas experiências.

Os temas abordados neste segundo encontro versavam sobre as mudanças ocorridas nas últimas décadas no mercado de trabalho, a migração de emprego para trabalho, a revolução digital e os empregos que tendem a desaparecer em poucos anos. Deles concluiu-se a importância de desenvolver características de comportamento empreendedor a fim de se adaptar às exigências dos novos tempos.

De acordo com o QAD e com as contribuições trazidas pelos alunos no início da aula, identificou-se que eles não souberam opinar com propriedade sobre o que seria um empreendedor. Ainda que desconhecêssem o termo, interpretaram-no como uma pessoa que tem uma empresa ou negócio ou que coloca ideias em prática, porém com foco em obter lucro. Isso pode ser notado ao analisarmos as respostas à questão 6 do QAD, expostas no Quadro 9 a seguir.

Quadro 9 - Resposta à questão 6 do QAD

Aluno	Questão 6 - O que é um empreendedor?
M.F.	“Alguém que investe em seu próprio trabalho, seja autônomo ou empresarial.”
B.	“É o indivíduo com facilidade em colocar projeto em prática.”
M.T.	“É alguém que investe seu dinheiro para fazer crescer um produto ou trabalho.”
M.C.	“Alguém que aposta em alguma ideia.”
L.S.	“Um empreendedor é um indivíduo que investe em ações, produtos, serviços, etc.”
M.	“A pessoa que investe em uma determinada coisa, para um lucro futuro, ou não.”
A.F.	“Alguém que confecciona produtos ou serviços.”

Fonte: Própria autora

Os alunos foram, então, questionados pela pesquisadora se eles se consideravam empreendedores ou se possuíam características empreendedoras. A maioria respondeu que não, principalmente por serem jovens e ter havido pouca oportunidade de aprendizado sobre o tema. Isso já havia sido detectado nas respostas às questões 7, “Você se acha empreendedor?”, e 8, “Se não, você acha que seria capaz de se tornar um empreendedor?”, do QAD, nas quais apenas um dos

participantes se acha empreendedor; os outros seis acreditam ser capazes de se tornarem um empreendedor, independentemente da ajuda de terceiros.

Percebe-se, pois, que os alunos associavam o Empreendedorismo a ter uma empresa, lucrar ou ganhar dinheiro, o que se identifica nas respostas às questões 9 e 10 do QAD. Na questão 9, todos responderam “sim” ao serem indagados se conheciam alguma pessoa empreendedora em sua família, seu bairro ou cidade; na questão 10, cujas respostas estão no Quadro 10, explicam o porquê de perceberem essa pessoa como empreendedora.

Quadro 10 - Respostas à questão 10 do QAD

Aluno	Questão 10 - Por que acha que são empreendedoras?
M.F.	“Possuem uma empresa.”
B.	“Porque colocam seus planos em prática e lucram com isso.”
M.T.	“Pois elas vendem seus produtos ou trabalham por sua conta.”
M.C.	“Porque tem seu próprio negócio.”
L.S.	“Pois investem em ações e produtos por sua conta.”
M.	“Pois ganham dinheiro.”
A.F.	“Porque ela vende suas habilidades de forma anônima.”

Fonte: Própria autora

Do mesmo modo, pode-se perceber que eles foram capazes de identificar pessoas empreendedoras de renome nacional ou internacional e dizer por que a consideravam empreendedora, conforme descrito nas respostas às questões 11 e 12 do QAD, expostas no Quadro 11 abaixo:

Quadro 11 - Resposta às questões 11 e 12 do QAD

Aluno	Questão 11 - Identifique uma pessoa empreendedora de renome nacional ou internacional.	Questão 12 - O que essa pessoa fez para que você a caracterizasse como empreendedora?
M.F.	“Edir Macedo”	“Ter uma empresa.”
B.	“S. Jobs” ²⁵	“Teve uma ideia e a pôs em prática.”
M.T.	“Anitta”	“Ela saiu de uma comunidade e investiu em sua área, conseguindo a fama nacional e agora está conseguindo sua fama fora.”
M.C.	“Mark Zuckerberg”	“Apostou na ideia de criar uma rede social e deu certo.”
L.S.	“Açaí do Fábio / Brownie do Rapha”	“Não são de renome nacional, mas ambos começaram divulgando seu produto em

²⁵ Abreviação de Stevie Jobs.

		pequenos bairros, etc., e hoje têm instituições em vários lugares da cidade.”
M.	“Bill Gates”	“Criou a Microsoft, o Windows.”
A.F.	“S. Jobs”	Em branco.

Fonte: Própria autora

A questão 11 teve um papel importante no QAD, pois as personalidades citadas pelos participantes da pesquisa foram utilizadas em diversos momentos como exemplos, na aula, de forma a envolvê-los mais na pesquisa, por meio do uso efetivo de suas contribuições. Partindo das diversas características que essas personalidades apresentavam, os estudantes buscaram aspectos comuns entre eles e associaram-nos a outras personalidades empreendedoras e, até mesmo, a si próprios, o que lhes permitiu identificar comportamentos empreendedores em suas vidas.

No decorrer da aula, os alunos foram percebendo que existem empreendedores que não têm um negócio e que estes, muitas vezes, não recebem dinheiro, mas possuem características de comportamento que os fazem empreender. Um dos participantes citou como exemplo uma pessoa que, por iniciativa própria, criou um espaço, na praça do bairro, para a coleta seletiva de lixo. Essa ação não lhe rendeu qualquer custo nem a fará receber qualquer valor. Portanto, torna-se um empreendimento social realizado por alguém que possui comportamento empreendedor.

Na sequência, foi conceituada a pedagogia empreendedora e destacado nesta o papel de estimular e preparar o aluno para sonhar e buscar a realização desse sonho.

Posteriormente abordou-se o tema “Características do comportamento empreendedor”, considerado pela pesquisadora o principal assunto tratado nessa aula. Foram utilizadas como referência as dez Características do Comportamento Empreendedor (CCE’s) trabalhadas pelo SEBRAE, quais sejam: Busca de oportunidades e iniciativa; Persistência; Correr riscos calculados; Exigência de qualidade e eficiência; Comprometimento; Busca de informações; Estabelecimento de metas; Planejamento e monitoramento sistemático; Persuasão e rede de contatos; Independência e autoconfiança (SEBRAE, 2017).

Conforme previamente mencionado, seis dos sete alunos não se consideravam empreendedores, sobretudo por se acharem jovens e terem tido pouca

oportunidade de aprendizado sobre o tema. Assim, nesse momento da aula, os alunos foram estimulados a identificarem em suas vidas um momento em que cada uma das características do comportamento empreendedor pôde ser percebida. À medida que a pesquisadora apresentava e explicava cada uma das características, os alunos foram citando exemplos de momentos nos quais as identificaram. No geral, ficaram surpresos com a quantidade de vezes em que se mostraram empreendedores, sendo mais facilmente percebidas essas características em ações como a realização de um trabalho em grupo para a escola ou o uso de estratégias de conquista e paquera.

Os estudantes tiveram mais dificuldade em apontar exemplos de ações, em suas vidas, em que se percebessem as características “capacidade de correr riscos calculados” e “independência e autoconfiança”. As demais foram facilmente identificadas por eles.

Como o objetivo da aula era mostrar que o empreendedor não é necessariamente quem tem uma empresa, mas quem possui um determinado conjunto de comportamentos, utilizou-se um exemplo de intraempreendedorismo, que se caracteriza por um funcionário, o qual não é dono da empresa, que age como se o fosse, aplicando os comportamentos empreendedores no desenvolver de suas funções.

No fim da aula, foi disponibilizado um tempo para os alunos refletirem sobre o aprendizado desse segundo encontro, sobre momentos em que agiram de acordo com o comportamento empreendedor, além de conversarem sobre a aquisição da mesa de sinuca.

A pesquisadora notou os alunos mais interessados e mais animados ao final da aula, bem como ainda mais envolvidos na pesquisa.

5.1.3 - Terceiro encontro – Aula com o tema ‘Educação Financeira’

A terceira aula teve duração de uma hora e cinquenta e cinco minutos e contou com a participação de apenas cinco alunos, pois, a partir dessa aula, os alunos Macarrão e Bravo, por questões pessoais, não participaram mais do projeto.

O objetivo desse encontro foi conceituar Educação Financeira e sensibilizar os alunos sobre a importância de ser educado financeiramente e do consumo consciente.

A metodologia utilizada consta de uma palestra sobre Educação Financeira, uma dinâmica, utilizando-se o vídeo “A história das coisas”, e uma discussão de encerramento sobre os conhecimentos adquiridos e sobre a ação de Empreendedorismo Social. Como material didático, foram utilizados slides em Power Point, elaborados pela pesquisadora (APÊNDICE D), vídeo “A história das coisas” e formulários para uma atividade sobre o vídeo (APÊNDICES E e F).

A pesquisadora iniciou o encontro propiciando uma discussão inicial, partindo das respostas dos alunos às questões 13, 14 e 15 do QAD, expostas no Quadro 12 a seguir:

Quadro 12 – Resposta às questões 13, 14 e 15 do QAD

Questão 13 – O que você entende por Educação Financeira?	
M.F.	“Saber ‘controlar’ o dinheiro e usá-lo com eficiência.”
B.	“Aprender a se administrar.”
M.T.	“É um estudo sobre a economia e investimentos, relacionando ao que será aplicado em partes de lucro.”
M.C.	“Aprender a lidar com dinheiro.”
L.S.	“É uma forma de aprender a organizar seu dinheiro, como economizar, investir, etc.”
M.	“Educação necessária, para entender as questões do mundo, como compras, bancos, juros.”
A.F.	“É você saber usar o seu dinheiro de forma inteligente e sustentável.”
Questão 14 – Para ser educado financeiramente, é preciso ter dinheiro? (Justifique.)	
M.F.	“Por menor que seja o dinheiro, sim.”
B.	“Não.”
M.T.	“Não necessariamente, porque é algo que vai ensinar e mexer com o dinheiro e formas de lucrar.”
M.C.	“Não, porque você pode saber a teoria mesmo sem usá-la na prática.”
L.S.	“Acredito que seja necessário uma mínima quantia inicial para começar a empreender.”
M.	“Não, mesmo sem dinheiro, conhecimento nunca é demais.”
A.F.	“Não. Muitas pessoas entende sobre o assunto, inclusive pessoas mais experientes.”
Questão 15 – Para ter dinheiro, é preciso ser educado financeiramente? (Justifique.)	
M.F.	“Não. Há pessoas sem educação nenhuma que possuem dinheiro, geralmente um ganhador de loteria é um exemplo.”
B.	“Não.”
M.T.	“É importante ser para saber mantê-lo.”
M.C.	“Para ter muito dinheiro, é preciso saber administrar.”
L.S.	“Sim. Para saber o que priorizar e em que gastar.”
M.	“Sim, sem uma educação financeira seu dinheiro vai se esgotar rapidamente.”

A.F.	“Sim. Porque se não souber administrar seu dinheiro nunca o terá.”
------	--

Fonte: Própria autora

Na sequência, os alunos foram instigados a refletirem sobre a gestão financeira. Foram apresentados casos de pessoas famosas muito ricas, que perderam tudo por levarem uma vida desprovida de Educação Financeira e regada a consumismo exagerado e desnecessário, ao passo que outras ficaram muito ricas e multiplicaram seu patrimônio com cautela e inteligência no uso do dinheiro. Algumas características e ações comuns a esses famosos foram apresentadas, tanto para aqueles que haviam perdido suas fortunas quanto para aqueles que as multiplicaram, de modo a identificar comportamentos que possam ser vistos como favoráveis a uma boa Educação Financeira.

Na oportunidade, foi abordado o tema “Educação Financeira Escolar”, a partir dos conceitos e das definições propostos por Silva e Powell (2013), conforme apresentado no capítulo 2 desta pesquisa.

Como uma das propostas deste projeto de pesquisa é realizar uma ação de Empreendedorismo Social, o tema dessa aula focou em abordar a sustentabilidade e a redução do consumo, de modo a proporcionar reflexão sobre como encontrar formas de arrecadar verba necessária à realização da ação na escola. Para tal, foi realizada uma atividade com o filme “A história das coisas”, que, de maneira bem-humorada e dinâmica, proporciona uma reflexão sobre uso de recursos naturais, produção, consumo e geração de lixo.

A fim de verificar o impacto trazido pelo filme no modo de pensar dos alunos acerca de uma determinada decisão de consumo, a pesquisadora realizou uma atividade com o grupo. Antes que o filme fosse anunciado aos estudantes, a pesquisadora entregou-lhes um formulário (APÊNDICE E) em que eram expostos a uma situação de consumo e deveriam tomar uma decisão em relação a ela. Para cada situação, havia cinco opções de resposta, identificadas de “a” a “e”, e um espaço para que pudessem responder a um cenário que não havia sido previsto no formulário, caracterizado na opção “f” - Outros”. Vejamos no Quadro 13, que se segue, quais foram as decisões tomadas por cada um dos cinco alunos participantes em relação às situações às quais foram submetidos.

Quadro 13 – Respostas às questões de investigação da atividade sobre o filme “A história das coisas”

Situação 1: “Você tem muito dinheiro, o que, para você, não é nenhum problema, e irá realizar uma apresentação de trabalho de uma das disciplinas do Ensino Médio. Você já montou toda a sua apresentação e descobriu que existe uma caneta laser para ajudar a passar os slides e que, certamente, causará uma ótima impressão na sua apresentação. Ela está bem baratinha, custando em torno de R\$ 45,00, o que para você, neste momento, não é nada. Sabendo que só irá usar essa caneta para essa apresentação e que depois disso ela certamente se tornará obsoleta e provavelmente um lixo eletrônico, o que você faz?”	
Respostas que os alunos optaram	Alunos
a) Compraria assim mesmo, pois tem condições para isso e poderá causar boa impressão na apresentação.	M.F. M.T. L.S.
e) Compra, porque assim pode contribuir para a manutenção do emprego de outras pessoas.	M.F.
f) Outros: “Compro porque vai causar boa impressão e contribuo para a manutenção do emprego de outros e depois que usasse vendia para alguém.”	M.C.
f) Outros: “Compraria por R\$ 45,00 e, após usar, a venderia para um professor do SENAI por R\$ 35,00.”	A.F.
Situação 2: “Digamos que você decidiu comprar a caneta e, então, parte para uma investigação mais a fundo do preço da mesma, encontrando canetas com iguais características em 3 orçamentos distintos: Loja 1: R\$ 20,00 – Marca A; Loja 2: R\$ 43,00 – Marca B; Loja 3: R\$ 46,00 – Marca B. Qual delas você compra e por quê?”	
Respostas que os alunos optaram	Alunos
a) Compra na loja 1, porque é mais barata.	M.F.
b) Compra na loja 2, porque, pelo preço, a marca B deve ser melhor, e nesta loja está mais barata.	M.T. M.C. L.S.
f) Outros: “Investigaria a qualidade do produto, se for tudo o mesmo, então compro na loja 1, e, caso a marca B for melhor, compro na loja 2.”	A.F.

Fonte: Própria autora

De acordo com as respostas, pode-se perceber que todos os alunos comprariam o produto, e a decisão da compra foi predominantemente em função do menor preço.

Após se decidirem sobre essa situação inicial, a pesquisadora reproduziu para a turma o filme “A história das coisas” e, ao fim da projeção, reapresentou as questões iniciais aos alunos, através de um novo formulário (APÊNDICE F), que propõe a seguinte questão: “Você acabou de assistir ao vídeo “A história das coisas”, e, neste momento, vamos verificar se as reflexões propostas por ele causaram alguma modificação em seu ponto de vista, em relação às questões de investigação anteriormente apresentadas”.

Em seguida, as mesmas situações foram apresentadas, porém cada uma com apenas duas opções de resposta: “a) Em relação a essa situação, sua posição continua a mesma?” e “b) Se não, qual(is) alternativa(s) escolheria agora e o que o fez mudar de opinião?”. No Quadro 14, a seguir, veremos as respostas dos alunos às mesmas situações anteriores, no entanto, após serem expostos ao vídeo.

Quadro 14 – Respostas às questões de investigação – Reflexão após o vídeo “A história das coisas”

Situação 1: Foi apresentada a mesma situação descrita no quadro 13, e ao final da situação os alunos foram questionados:	
a) Em relação a essa situação, sua posição continua a mesma? () Sim () Não	
b) Se não, qual alternativa(s) escolheria agora, e o que o fez mudar de opinião?	
M.F.	a) Não. b) “d, porém, se tivesse alguém para ficar com o produto depois, eu compraria e depois venderia por um preço menor para o produto ser reaproveitado.”
M.T.	a) Não. b) “Agora eu escolheria a letra d, já que a conscientização sobre o lixo eletrônico e seu destino passada no vídeo me fez pensar mais uma vez e mudar de opinião.”
M.C.	a) Não. b) “letra d”.
L.S.	a) Sim.
A.F.	a) Não. b) “letra d”.
Situação 2: “Digamos que você decidiu comprar a caneta e, então, parte para uma investigação mais a fundo do preço da mesma, encontrando canetas com iguais características em 3 orçamentos distintos: Loja 1: R\$ 20,00 – Marca A; Loja 2: R\$ 43,00 – Marca B; Loja 3: R\$ 46,00 – Marca B. Qual delas você compra e por quê?”	
M.F.	a) Não. b) “Poderia até comprar na mais barata, porém iria antes querer saber se o processo de fabricação foi lícito.”
M.T.	Não respondeu, já que optou por não mais comprar o produto.
M.C.	Não respondeu, já que optou por não mais comprar o produto.
L.S.	a) Sim.
A.F.	Não respondeu, já que optou por não mais comprar o produto.

Fonte: Própria autora

Ressalta-se que antes da exposição do vídeo nenhum dos participantes optou pela letra “d” como opção de resposta à Situação 1, e após o vídeo, todos os que mudariam de opinião optaram justamente por essa, qual seja: d) Não compra porque não quer incentivar a formação de lixo eletrônico ou exploração de recursos naturais e humanos para a fabricação da caneta.

As novas respostas constataram que o vídeo contribuiu para que os alunos se sensibilizassem sobre o consumo, uma vez que, após serem expostos às informações trazidas pelo vídeo, quatro deles mudaram de opinião acerca da situação 1. Destes, três - M.T., M.C. e A.F. - resolveram não mais adquirir o produto, optando pela alternativa “d”, “Não compra, porque não quer incentivar a formação de lixo eletrônico ou a exploração de recursos naturais e humanos para a fabricação da caneta”; e um - M.F. -, que anteriormente compraria para impressionar e ajudar na manutenção de empregos, também mudou de opinião, justificando que faria a aquisição apenas se tivesse alguém a quem repassar o produto, para posterior reuso. No que se refere a qual produto escolheria, primeiramente optou pelo mais barato; depois, preocupou-se com a licitude do processo de fabricação.

Apenas um dos alunos, L.S., afirmou que não mudaria de opinião. Ele, em depoimento na aula, relatou que se sensibilizara com o vídeo e que achava realmente que o correto seria não comprar. Contudo, sabia que, na prática, não resistiria, pois se considerava “consumista compulsivo”.

Para finalizar, os alunos refletiram sobre muitos itens que são adquiridos e logo perdem sua função ou sua utilidade nos lares e sobre como seria bom se estes pudessem ser substituídos por algo do qual se precisa em outro momento. Com essa reflexão, surgiu a ideia de realizar um bazar na comunidade escolar, um espaço em que as pessoas pudessem trazer tudo o que está sem uso em suas residências e vender ou trocar por algo de que estejam precisando no momento.

A realização desse bazar já poderia ser considerada uma ação de Empreendedorismo Social. Os estudantes, porém, estavam focados em proporcionar mais inclusão social na escola, através do lazer. Para isso, almejavam adquirir a mesa de sinuca, e foi então que tiveram a ideia de unir o bazar à compra da mesa. Nesse sentido, solicitaram aos integrantes da comunidade escolar (alunos, professores, instrutores, funcionários e terceirizados) a doação de um produto para que pudessem comercializá-lo e obterem a verba necessária para a compra da mesa de sinuca.

Ao final da aula, foram discutidos o planejamento da compra da mesa de sinuca, quem seria o responsável por cada ação, onde, como e por quanto a mesa seria adquirida, se ela seria nova ou usada, entre outros.

Do mesmo modo, foram expostas algumas ações, a fim de que o grupo pudesse se organizar para realizá-las, tais como conversar previamente com a

gerência, divulgar o projeto, buscar a adesão dos membros da comunidade escolar, negociar com parceiros, a aquisição do produto em si, a inauguração e a avaliação das ações.

5.1.4 - Quarto encontro – Planejamento da ação empreendedora

Esse encontro teve a duração de uma hora e quarenta minutos e foi dividido em três etapas. Na primeira, os participantes aprofundaram as ideias de ações a serem desenvolvidas; na segunda, realizaram uma reunião com a gerência da escola, a fim de expor as ideias e buscar aprovação para realização; e, na terceira, reuniram-se novamente para revisar o planejamento, de acordo com os feedbacks e as novas sugestões que obtiveram na reunião. A seguir, detalharemos cada uma dessas três etapas.

5.1.4.1 - Etapa 1 – Levantamento de ideias

Inicialmente, os participantes, em reunião, debateram sobre o que poderia ser feito como ação de Empreendedorismo Social no ambiente escolar, o que resultou na sugestão da compra de uma mesa de sinuca.

Tendo como base o orçamento realizado pelos alunos, foram discutidas duas possibilidades: a primeira seria comprar uma mesa nova, fabricada na própria cidade, com todos os acessórios necessários e entregue na escola, por aproximadamente R\$ 2.000,00; a segunda seria adquirir uma mesa usada. Todavia, o grupo ainda não havia identificado uma que estivesse à venda.

Como forma de arrecadação de verba para realização da ação, surgiram outras ideias, como a realização de um baile na escola, um bazar com itens doados pela própria comunidade escolar e/ou uma rifa.

Após debaterem sobre todas as propostas, chegou-se à conclusão de que um baile seria financeiramente inviável e, por ser um evento incomum na escola, poderia não ter a adesão de toda a comunidade escolar, além de esbarrar em questões organizacionais, como: que bebidas poderiam ser servidas, que músicas poderiam,

ou não, ser tocadas, em que local seria realizado e outras. Após analisarem detalhadamente, essa ideia foi descartada.

Em relação à rifa, concluiu-se que esta deveria ter um valor elevado para que se pudesse arrecadar a quantia necessária. Isso não geraria o engajamento de muitas pessoas. Além disso, ainda deveriam ser providenciados brindes para a rifa. Essa sugestão não foi, a priori, descartada.

Já o bazar foi aprovado por todos, não apenas por ser uma forma de arrecadação de verbas, mas por ser, em si, uma ação empreendedora que visa ao reuso e ao reaproveitamento de algo que seria descartado, além de integrar as pessoas da comunidade escolar e ser mais viável, uma vez que poderia ser realizado na instituição, e os produtos ofertados seriam obtidos por meio de doações da própria comunidade. Com o bazar, os participantes não precisariam doar dinheiro (como na rifa), e, sim, um artigo (roupa, livros, acessórios e outros) sem uso, que, muitas vezes, pode até estar atrapalhando em casa, e não onera o orçamento de ninguém. Também com essa iniciativa, as pessoas teriam a oportunidade de adquirir algo de que estejam precisando, ainda em bom estado de conservação e em condições de uso, por um preço bem mais acessível do que se comprassem um novo no comércio. Ficaram ainda algumas indagações a serem respondidas: o que fazer com os produtos que fossem doados e não fossem vendidos? Como gerir esses produtos após o bazar? Apesar dessas dúvidas, o bazar apareceu como a primeira opção de ação do grupo.

5.1.4.2 - Etapa 2 – Reunião para aprovação da gerência

No segundo momento, foi realizada uma conversa com o gerente e a coordenadora pedagógica da escola, na qual a pesquisadora expôs o que estava sendo desenvolvido em sua pesquisa e a ideia de realização de uma ação de Empreendedorismo Social para o ambiente escolar. Na sequência, os estudantes expuseram suas ideias, a fim de que a gerência pudesse aprovar a realização do bazar e a compra da mesa de sinuca.

As ações foram aprovadas pela gerência, apenas com a ressalva de que deveria ser claramente especificado que se tratava de uma ação da pesquisa de mestrado, e não da escola.

Além de ouvir o grupo, a equipe diretiva também o questionou sobre o valor da mesa de sinuca, que, por ser muito elevado, poderia não ser atingido apenas com a arrecadação do bazar, o que causou uma frustração no grupo. Nesse ponto, apresentou como sugestão a substituição da mesa de sinuca por itens de lazer que fossem passíveis de serem adquiridos com o valor angariado no bazar, como jogos de tabuleiro e de cartas. Ou seja, no lugar de realizar o bazar para compra da mesa de sinuca, realizar o bazar para aquisição de itens de lazer diversos.

5.1.4.3 - Etapa 3 – Revisão do planejamento

Devido às novas ideias que foram surgindo no decorrer da conversa com a gerência, o grupo se reuniu novamente para rever o planejamento e efetivamente definir as ações a serem implementadas.

Ficou decidido que a verba arrecadada com o bazar não mais seria para a compra de uma mesa de sinuca para a escola, e, sim, para a aquisição de itens (jogos, brincadeiras e outros) que propiciassem a melhora dos momentos de lazer no ambiente escolar.

Tal decisão se deu pelo fato do elevado custo da mesa de sinuca, que poderia não ser atingido com a realização das ações propostas, e também devido a tal investimento elevado atender poucas pessoas ao mesmo tempo (quatro jogadores por vez). A compra de jogos de tabuleiro, por exemplo, poderia ser mais viável, pois, com o valor arrecadado, poder-se-ia comprar a quantidade de jogos que fosse possível e, dependendo do jogo, podem participar até oito pessoas a cada rodada.

O grupo decidiu pesquisar previamente, junto à comunidade escolar, sua preferência sobre jogos e outros produtos, a fim de proporcionar mais inclusão nos momentos de lazer da escola. Aproveitando esse levantamento, os alunos solicitaram a doação de produtos a serem comercializados no bazar, bem como a doação de jogos e brincadeiras para o espaço de lazer.

O bazar aconteceria em três tardes, de modo a atingir o maior número de participantes. Ao final, o grupo realizaria uma prestação de contas, apresentando o valor arrecadado e, conseqüentemente, quais ações poderiam ser implantadas com essa verba.

Visando ainda proporcionar uma ação social no entorno da escola, o grupo encontrou uma solução para a questão pendente do bazar, qual seja “O que fazer com os produtos doados que não fossem vendidos?”. Para tanto, o grupo iria pesquisar uma instituição filantrópica do bairro onde a escola se localiza, para presenteá-la com os artigos que não fossem comercializados no bazar.

5.1.5 – Análise da primeira fase

Nem todos os comportamentos empreendedores tiveram destaque ou puderam ser visualizados na primeira fase. Alguns deles, entretanto, puderam ser observados, tais como:

“Planejamento e monitoramento sistemático” – Perceberam-se esses comportamentos no momento em que os alunos planejaram a ação a ser realizada na escola, como conduziram a conversa com a gerência ou quando revisaram seu planejamento inicial (monitoramento), readequando-o após a reunião.

“Busca de Informações” – Os alunos demonstraram esse comportamento participando das aulas propostas, informando-se sobre os temas abordados, buscando informações para embasar a compra da mesa de sinuca e, ainda, ao se reunirem com a equipe diretiva, a fim de se informarem acerca do que poderiam ou não realizar.

“Estabelecimento de rede de contatos” – Ao estreitarem relacionamento com a gerência e a coordenação pedagógica.

“Comprometimento” – Ao participarem de todas as atividades propostas.

Ainda na primeira fase, os alunos fizeram escolhas embasadas em Educação Financeira, ao decidirem realizar algo que demandava recursos financeiros dos quais não dispunham. Precisaram encontrar formas de adquirir tais recursos para efetivamente disponibilizarem à comunidade escolar o espaço de lazer, ação de Empreendedorismo Social que decidiram realizar.

A primeira fase cumpriu seu objetivo de efetuar a capacitação para os alunos e incentivá-los a planejar uma ação de Empreendedorismo Social que será realizada no decorrer da segunda fase do projeto, a qual veremos a seguir.

5.2 – SEGUNDA FASE – DESENVOLVIMENTO DA AÇÃO EMPREENDEDORA

Essa fase foi destinada ao desenvolvimento da ação planejada na primeira fase e foi dividida em cinco etapas: na primeira, o grupo divulgou o projeto na comunidade escolar, fez a pesquisa de sugestões e o recolhimento das doações; na segunda, realizou o bazar; na terceira, fez a doação dos itens não vendidos; a quarta etapa destinou-se à compra/confecção dos itens de lazer; e na quinta etapa, foi realizada a inauguração do espaço de lazer.

A seguir detalharemos as etapas da segunda fase do projeto.

5.2.1 - Etapa 1 - Divulgação, pesquisa de sugestões e recolhimento de doações

Essa etapa teve a duração de duas semanas.

Inicialmente, o grupo elaborou uma carta de apresentação do projeto (APÊNDICE G) destinada aos membros da comunidade escolar, a qual foi prontamente aprovada pela gerência da escola. Nessa carta, o grupo expôs a ideia do projeto, solicitou doações para o bazar e/ou para o espaço de lazer, convidou todos a participarem do bazar e ainda solicitou sugestões de produtos (jogos, brincadeira e outros) que poderiam ser adquiridos com a verba que seria arrecadada.

No decorrer da primeira semana, os integrantes da pesquisa visitaram as salas de aula da instituição, para explicarem o projeto a todos os alunos, e distribuíram um total de 293 cartas, das quais obtiveram retorno de 232, com sugestões de aquisição de produtos. Também apresentaram o projeto para professores, instrutores e colaboradores da escola.

Em paralelo, o grupo organizou as sugestões recebidas, listando-as e assinalando as que mais se destacaram, obtendo o resultado apresentado no Quadro 15 a seguir:

Quadro 15 – Sugestões de jogos ou brincadeiras a serem adquiridos para o espaço de lazer

Classificação	Item	Quantidade ocorrências
1º	Liberação da quadra para prática de esportes	152
2º	Locais para descanso (redes, puffs etc.)	132
3º	Mesa de pingue-pongue	85
4º	Mesa de totó	75

5º	Jogos de cartas	73
6º	Mesa de sinuca	61
7º	Futebol de pregos	21
8º	Som	18
9º	Banco imobiliário	16
10º	Jogos de tabuleiro	16
11º	Pula-pula	13
12º	Dominó	9
13º	Twister	8
14º	<i>Slackline</i>	6
Outros	18 outras sugestões que tiveram entre 4 e 1 votos	Entre 4 e 1

Fonte: Própria autora

Curiosamente percebeu-se que a mesa de sinuca, ideia inicial do grupo, estava entre as sugestões recebidas, mas não era uma das primeiras opções, tendo apenas 61 votos.

A escola disponibilizou um espaço para que o grupo armazenasse as doações recebidas. Durante as duas semanas, os participantes organizaram as doações, separando os produtos pelo preço que seriam vendidos, fotografando alguns itens e divulgando-os em uma conta da rede social Instagram, criada por eles para esse fim.

Todos os produtos doados foram vendidos por valores tabelados em: R\$ 2,00, R\$ 5,00, R\$ 10,00, R\$ 15,00, R\$ 20,00 ou R\$ 25,00.

Além dos itens arrecadados para o bazar, o grupo também recebeu doações de jogos e brincadeiras para o espaço de lazer, como quebra-cabeças, baralhos e outros.

5.2.2 - Etapa 2 – Realização do bazar

O bazar aconteceu, em três tardes, na área reservada à churrasqueira da escola, onde, normalmente, já ocorrem as ações de lazer promovidas pela instituição. Devido à demanda, foi repetido em mais uma tarde na semana seguinte.

O evento foi composto de itens de vestuário, calçados e acessórios (IMAGENS 1 e 2), livros (IMAGEM 3), jogos infantis e brinquedos (IMAGENS 4 e 5). As fotos foram produzidas pela pesquisadora, e na Imagem 6, pode-se ter uma visão geral do bazar.

Imagem 1 – Exposição de roupas e calçados



Fonte: Própria autora

Imagem 2 - Roupas



Fonte: Própria autora

Imagem 3 – Livros



Fonte: Própria autora

Imagem 4 - Jogos infantis



Fonte: Própria autora

Imagem 5 – Brinquedos



Fonte: Própria autora

Imagem 6 – Visão geral do bazar



Fonte: Própria autora

O grupo conseguiu envolver a comunidade escolar em sua ação, obtendo uma representativa participação e envolvimento no bazar, não só ofertando os produtos que foram comercializados - o que aconteceu também no decorrer do evento -, mas também adquirindo os artigos. Logo, o grupo conseguiu arrecadar uma verba de R\$ 337,00 para a aquisição dos produtos para o espaço de lazer.

5.2.3 – Etapa 3 – Doação dos itens não vendidos

Os itens não vendidos foram levados pela pesquisadora, juntamente com três integrantes do grupo, à Igreja São Sebastião, no bairro Barreira do Triunfo, onde a escola se localiza, e deixados como doação. Essa igreja assiste algumas famílias do bairro e procederá a distribuição desses itens da maneira como lhe for conveniente.

No total, foram doados 43 itens, entre roupas, sapatos, brinquedos, jogos infantis, mochilas e bolsas. A Imagem 7, feita pela própria autora, mostra o momento da entrega dos itens, os quais aparecem em caixas e bolsas à esquerda da foto. Nela estão os três alunos que representaram o grupo na doação e a representante da igreja, cujas faces foram preservadas, por questão de privacidade.

Imagem 7 – Entrega da doação na Igreja São Sebastião, no bairro Barreira do Triunfo



Fonte: Própria autora

5.2.4 – Etapa 4 – Aquisição dos itens de lazer

Com o valor arrecadado no bazar, o grupo avaliou o que poderia ser adquirido, conforme as prioridades listadas nas sugestões enviadas pela comunidade escolar, e partiu para o planejamento da aquisição dos itens.

De acordo com o levantamento feito na comunidade escolar, já relatado no início deste capítulo, o item mais solicitado e que obteve o primeiro lugar, com 152 sugestões, foi a liberação da quadra da escola para prática de atividades. Essa ação, porém, está fora da alçada do grupo, visto que só pode ser autorizada pela coordenação pedagógica. Embora o grupo não pudesse realizar essa ação, tal demanda foi encaminhada à coordenação pedagógica da escola para as possíveis providências.

Identificada a inviabilidade, o grupo excluiu a solicitação que havia ficado em primeiro lugar e analisou as solicitações que obtiveram segunda, terceira e quarta colocações, quais sejam:

2º lugar – Locais para descanso (redes, puffs etc.) – 132 ocorrências

3º lugar – Mesa de pingue-pongue – 85 ocorrências

4º lugar – Mesa de totó – 75 ocorrências

Analisando-se a compra de redes e puffs, os participantes discutiram alguns pontos até chegarem a um consenso sobre esse item. Primeiramente, os puffs apresentavam um valor elevado e ainda ficariam dispostos na área reservada ao lazer, o que exigiria uma higienização frequente e uma manutenção inviável de ser realizada. Em contrapartida, as redes, além de mais baratas, não demandariam um processo de higienização constante. A pesquisa de preço, por sua vez, identificou uma oferta atraente em um site de venda on-line de um kit contendo três redes, cujo valor, incluindo o frete, poderia ser custeado pelo projeto. Além do custo das redes, o grupo ainda deveria providenciar ganchos, parafusos, buchas e cordas para uma extensão, já que a distância entre as pilastras onde seriam instaladas era maior que o tamanho das redes. Ainda assim, com todas essas despesas, o custo total das redes poderia ser coberto pelo valor disponível, e ainda sobraria uma parte.

Considerando-se a aquisição da mesa de pingue-pongue, percebeu-se que o valor ficaria acima do total arrecadado. O grupo, no entanto, lembrou-se de que a escola já possuía uma mesa desse tipo e que essa fora confeccionada pelos próprios

instrutores da escola, junto a uma turma que havia se formado. Dessa forma, os alunos buscaram essa parceria para viabilizar a construção da segunda mesa de pingue-pongue. Os instrutores se disponibilizaram a ajudar, e a escola ofertou o ferro para a base e a madeira, itens que estão sem uso em seu almoxarifado. Assim, o gasto para providenciar uma nova mesa de pingue-pongue passou a ser apenas com a tinta para a pintura e um jogo de rede, raquetes e bolinhas.

A mesa de totó, próximo item a ser analisado, apresentou um custo bem mais elevado que o valor arrecadado pelo grupo. Diferentemente da mesa de pingue-pongue, não foi visualizada uma forma de confeccioná-la, sendo, pois, descartada a possibilidade de sua aquisição.

Desse modo, o grupo optou por adquirir três redes para descanso e confeccionar uma nova mesa de pingue-pongue. A escola já possui uma mesa de pingue-pongue, mas ela, além de precisar de manutenção, não atende a demanda.

Nesta fase, os estudantes contaram com apoio de instrutores voluntários, oriundos de diversos cursos profissionalizantes da instituição, que contribuíram desenhando e confeccionando a mesa de pingue-pongue, assim como instalando as redes na área disponibilizada pela escola.

Parte do material para a confecção da mesa de pingue-pongue, como a madeira e a base de ferro, estava disponível na escola, e o grupo não gastou com mão de obra, devido ao voluntariado dos instrutores. Isso proporcionou uma grande redução de custos e contribuiu para que as ações fossem concretizadas.

O Quadro 16 detalha os valores gastos com os itens adquiridos:

Quadro 16 – Valores gastos com as aquisições dos itens de lazer

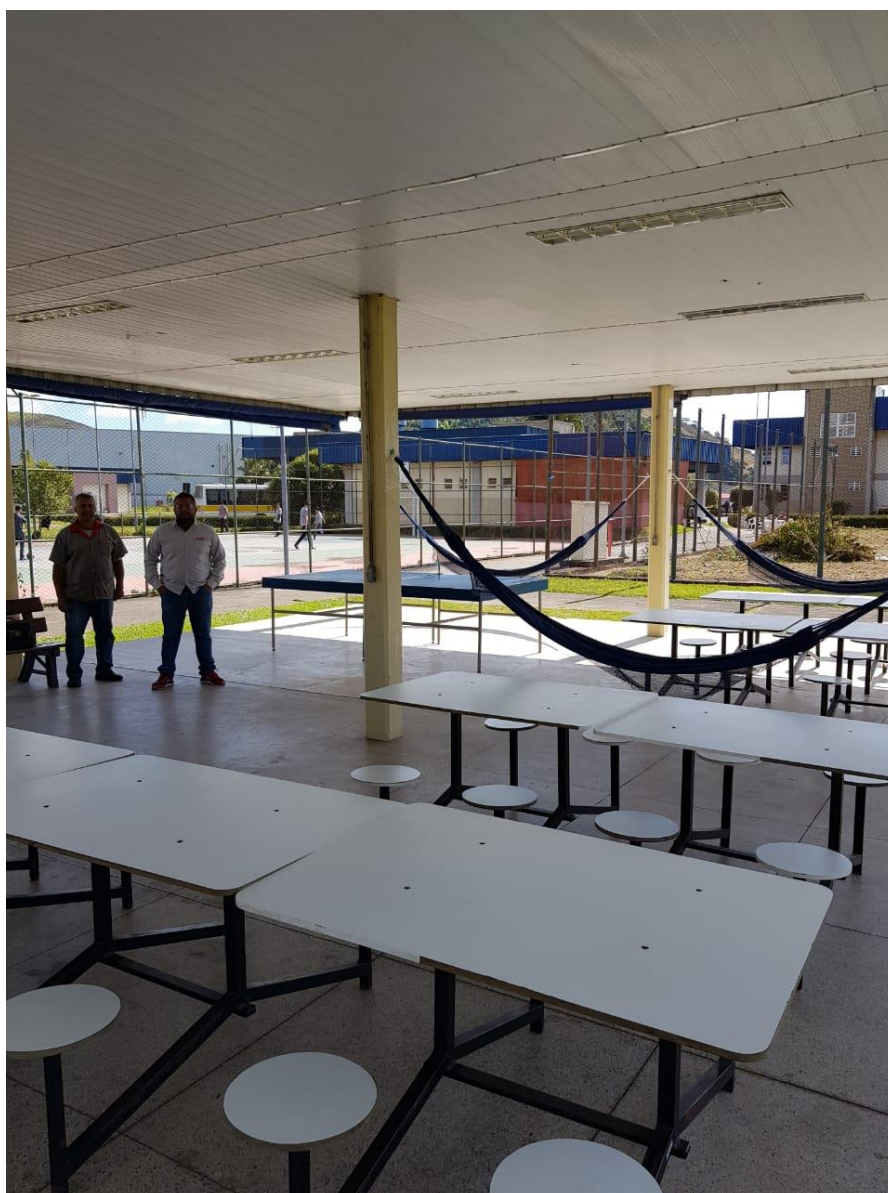
Redes de descanso	
3 redes	R\$ 146,00
Ganchos, buchas e parafusos	R\$ 60,00
Corda para extensão das redes	R\$ 8,00
Mesa pingue-pongue	
Jogo de raquetes, bolinhas e rede	R\$ 45,00
Tinta	R\$ 65,00
Valor total – R\$ 324,00	

Fonte: Própria autora

5.2.5 – Etapa 5 – Inauguração do espaço de lazer

O projeto teve uma ótima aceitação na escola. Após instaladas as redes e a mesa de pingue-pongue, os alunos de todos os cursos da instituição, bem como os colaboradores, foram convidados a fazerem uso da estrutura. Abaixo algumas imagens produzidas pela pesquisadora após a instalação, nas quais é possível visualizar as redes e a mesa de pingue-pongue (IMAGENS 8 e 9) e os alunos fazendo uso da rede (IMAGEM 10).

Imagem 8 – Visão geral da instalação das três redes e da mesa de pingue-pongue



Fonte: Própria autora

Imagem 9 – Vista de duas redes e da mesa de pingue-pongue



Fonte: Própria autora

Imagem 10 – Alunos fazendo uso das redes



Fonte: Própria autora

5.2.6 – Análise da segunda fase

Nesta fase, os alunos tiveram a oportunidade de ter contato com todos os comportamentos empreendedores, como podemos verificar através dos seguintes exemplos:

“Busca de informações” – Ao buscarem sugestões junto à comunidade escolar sobre o que poderia ser adquirido para o espaço de lazer; ao orçarem os itens a serem adquiridos; ao procurarem informações sobre qual instituição receberia as doações dos produtos não vendidos no bazar, entre outros.

“Estabelecimento de rede de contatos” – Ao se comunicarem com a comunidade escolar para divulgarem o projeto e buscarem sugestões; ao se unirem aos instrutores voluntários que os apoiaram na confecção da mesa de pingue-pongue e na instalação das redes.

“Exigência de qualidade e eficiência” – No cuidado com as peças do bazar (algumas foram limpas ou passaram por pequenas reformas realizadas pelos integrantes do grupo); ao se preocuparem com a qualidade dos produtos comprados para o espaço de lazer; na eficiência da compilação das sugestões recebidas, elaborando uma lista dos itens por quantidade de ocorrência.

“Busca de oportunidades e iniciativa” – O grupo percebeu a demanda para realizar mais um dia de bazar (oportunidade) e teve a iniciativa de fazê-lo. Também identificou a oportunidade de divulgar as peças do bazar em um grupo criado em uma rede social. A realização da ação em si já mostra uma iniciativa do grupo, o que está muito ligado à independência e à autoconfiança.

“Independência e autoconfiança” – O grupo trabalhou de forma independente, cuidou das peças do bazar, montando-o e desmontando-o diariamente, fez a gestão do dinheiro que recebeu e, a todo momento, foi confiante em sua capacidade de realização da ação.

“Capacidade de estabelecimento de metas” – Os alunos estabeleceram a meta de adquirir a mesa de sinuca, mas revisaram essa meta, pois ela poderia não ser alcançada.

“Capacidade de correr risco calculado” – Em diversos momentos, os integrantes estavam preocupados em não conseguirem realizar a ação; tiveram medo de fazer o bazar e não vender nada. De modo a reduzirem esse risco, mudaram a

meta da compra da mesa de sinuca para a aquisição de itens de lazer, em função do valor arrecadado. Tal atitude os encorajou a correrem o risco de forma calculada.

“Planejamento e monitoramento sistemático” – Planejamento dos dias de realização do bazar; planejamento financeiro para identificar quais itens seriam adquiridos.

“Comprometimento” – Os integrantes se comprometeram com o projeto, participaram de todas as atividades, empenharam-se na organização e na realização do bazar, na criação do grupo para vendas de produtos em aplicativo de rede social.

“Persistência” – Não se pode afirmar que aos dois integrantes que abandonaram o projeto faltou persistência. Afinal, houve questões pessoais envolvidas nessa decisão. Mas a persistência é exatamente o não desistir. Isso ocorreu, por exemplo, em um dia no qual as vendas do bazar estavam fracas. O grupo persistiu mesmo assim, ficando até o horário divulgado, cumprindo e concluindo todas as etapas, fases e ações propostas no projeto.

Nessa segunda fase, a Educação Financeira também se fez presente, no que tange à gestão dos recursos e às decisões de consumo. O grupo precisou gerir os recursos recebidos e decidir sobre a forma mais efetiva de utilizá-los, de modo a atender as demandas da melhor forma possível.

Houve um grande empenho e comprometimento dos alunos integrantes da pesquisa na realização da ação, o que levou a uma adesão significativa da comunidade escolar e ao envolvimento dos instrutores voluntários no projeto.

Posteriormente, veremos como os alunos avaliaram o projeto e suas percepções ao fazerem parte da pesquisa.

5.3 - TERCEIRA FASE – AVALIAÇÃO DAS ATIVIDADES

A avaliação das atividades do projeto foi feita em um encontro, no qual os cinco alunos que participaram de todas as etapas foram estimulados a falarem suas opiniões sobre as atividades, ou seja, sobre as aulas e a realização da ação de Empreendedorismo Social. Igualmente, foram solicitados a falar sobre seu sentimento de integrar o projeto, o que mais gostaram, o que fariam diferente e se as expectativas

foram atendidas. Para facilitar esse processo, utilizou-se um questionário denominado “Questionário de Avaliação do Processo” - QAP (APÊNDICE H).

Inicialmente, foi feita a avaliação da primeira fase, que incluiu o diagnóstico, as aulas e as reuniões de planejamento da ação de Empreendedorismo Social. Na questão 1 do QAP, os alunos opinaram sobre o nível de contribuição de cada ação para seu aprendizado. Verificam-se as respostas no Quadro 17 a seguir, em que os números identificam a quantidade de alunos que marcou a alternativa.

Quadro 17 – Opinião dos alunos sobre a contribuição das ações da primeira fase do projeto no seu aprendizado

Ações	Não contribuiu	Contribuiu pouco	Contribuiu muito
Aula sobre Empreendedorismo		1	4
Aula sobre Comportamento Empreendedor			5
Aula sobre Educação Financeira			5
Vídeo “Seu Jonas Pipoqueiro” - Empreendimento Social		2	3
Vídeo “Ryan Hreljac” – Empreendimento Social		2	3
Vídeo “A história das coisas” – Sensibilização para o consumo consciente		1	4
Reunião para levantamento das ideias de ação			5
Reunião de apresentação da proposta à gerência			5
Reunião de planejamento da ação empreendedora			5

Fonte: Própria autora

Além das respostas acima, alguns alunos ainda fizeram comentários em relação a essa questão, quais sejam:

M.F. “Achei o máximo reunir com a gerência para apresentar um projeto nosso, e ter sido tão bem recepcionado.”

M.T. “Achei interessante os vídeos que foram trabalhados e a aula sobre o comportamento empreendedor.”

Nesse quesito, classificaram verbalmente como “muito interessante” tomar conhecimento sobre os comportamentos empreendedores e como estes acontecem involuntariamente em suas vidas. Destacaram a importância dos vídeos, sobretudo a história de Ryan Hreljac, que mostrou a garra de um menino canadense que transformou seu propósito de vida em ajudar a levar água e educação a diversas regiões da África, e o vídeo “A história das coisas”, que mostrou a importância de se conscientizar sobre o papel do consumo/consumismo dentro da Educação Financeira.

Também recebeu destaque a reunião com a gerência da escola, visto que os alunos se sentiram valorizados por apresentarem um projeto criado por eles e terem sido tão bem recebidos.

Na análise da segunda fase, em que ocorreu a ação empreendedora em si, os alunos se surpreenderam com o que foram capazes de realizar e com o apoio da comunidade escolar, principalmente da direção, pois, previamente, acreditavam que a escola, por ser bem rígida em relação a certos comportamentos e ações, não aceitaria a realização do projeto.

O Quadro 18 fala sobre o grau de satisfação dos alunos participantes com cada uma das ações realizadas na segunda fase, e os números identificam a quantidade de alunos que marcou a resposta.

Quadro 18 – Grau de satisfação com as ações da segunda fase do projeto

Ações	Pouco satisfatório	Satisfatório	Muito satisfatório
Apoio da escola	1	3	1
Divulgação do projeto na comunidade escolar		2	3
Sugestões vindas da comunidade escolar		4	1
Doações recebidas para o bazar		3	2
Doações recebidas para o espaço de lazer	2	2	1
Participação da comunidade escolar no bazar		3	2
Valor arrecadado com o bazar		2	3
Doação dos itens não vendidos à comunidade do entorno da escola		1	4
Produtos adquiridos com a verba arrecadada		1	4
Participação dos integrantes do grupo no decorrer das ações		1	4
Participação de voluntários (outros alunos, instrutores, professores, funcionários) no decorrer das ações		2	3
Alcance dos objetivos propostos		1	4

Fonte: Própria autora

Além das respostas acima, alguns alunos ainda fizeram comentários em relação a essa questão, quais sejam:

M.F. “Posso dizer que vi na prática o ditado ‘A união faz a força’, e o resultado foi top.”

M.T. “A organização do bazar e o resultado alcançado foi muito interessante, assim como a mobilização e união das pessoas da escola que se envolveram para a realização do bazar.”

No encontro, os alunos relataram que ficaram felizes por terem mudado a ideia inicial sobre a mesa de sinuca, o que, certamente, teria causado frustração, já

que a verba arrecadada não seria suficiente. Com o novo objetivo, viram que, com o valor obtido, foram capazes de uma grande realização, e mais: uma realização dentro do que foi demandado como prioridade pela comunidade escolar.

Posteriormente, analisou-se a avaliação geral do trabalho, que corresponde às questões 3, 4 e 5 do QAP e está apresentada no Quadro 19 a seguir:

Quadro 19 – Resposta dos alunos às questões 3, 4 e 5 do QAP

Questão 3 – Como você se sentiu ao participar desse projeto?	
M.F.	“Me senti forte, nunca imaginei que seria capaz de realizar algo tão útil e interessante, me senti empreendedor.”
M.T.	“Surpresa, pois não esperava que fosse ser legal como foi, e que teria o apoio da escola para um projeto tão maneiro.”
M.C.	“Eu gostei muito da experiência e aprendi muito sobre planejamento e gostei pois deixei um legado.”
L.S.	“Foi uma experiência muito interessante, além de ser um aprendizado para a vida. Gostei muito de ter participado do projeto.”
A.F.	Em branco.
Questão 4 – Do que mais gostou?	
M.F.	“Além de todo aprendizado, gostei muito de poder fazer a diferença e deixar a ‘minha marca’ na escola. A parte que mais gostei foi ver a satisfação das pessoas ao depararem com as redes e com a nova mesa de ping pong.”
M.T.	“De todo processo da parte prática.”
M.C.	“De realizar a parte de arrecadação (o bazar em si).”
L.S.	“A parte de colocar tudo em prática foi a melhor na minha opinião. Ver que as pessoas gostaram da ideia e a participação fazendo doações e compras durante o bazar foi bem legal. Além do aprendizado adquirido, nos divertimos durante a realização da ação.”
A.F.	Em branco.
Questão 5 – O que faria diferente? Por quê?	
M.F.	“Gostei tanto que acho que faria tudo igual. Confesso que no início não imaginei que seríamos capazes de fazer um projeto tão bacana, e não me envolvi tanto, achei que seriam só aulas e vídeos pouco interessantes, minha ficha demorou a cair, e mesmo assim foi top e adorei, então o que faria diferente seria me envolver mais em todas as etapas desde o início do projeto.”
M.T.	“A divulgação, dedicaria mais tempo para a organização da divulgação e a ampliaria.”
M.C.	“Eu mudaria o jeito da divulgação e os dias que foram realizados, porque se tivesse tido mais tempo talvez teria rendido mais”.
L.S.	“Estenderia as vendas do bazar por mais tempo, assim daria para arrecadar um valor maior em dinheiro, mas infelizmente não foi possível.”
A.F.	Em branco

Fonte: Própria autora

Por fim, os alunos se manifestaram acerca de suas expectativas ao participarem do projeto, através da questão 6 do QAP: “Em relação às suas expectativas ao participar desse projeto, você acha que:”. Nessa questão, apenas o

aluno A.F. respondeu que foram atendidas as expectativas. Todos os demais responderam que as expectativas foram superadas.

Em depoimento, os alunos relataram que se surpreenderam com a ação que realizaram e com toda a experiência advinda dela, como a integração com a comunidade escolar e com a gerência da escola, pois acreditavam que o projeto seria composto apenas de encontros com aulas teóricas e atividades em sala de aula.

Para encerrar, a pesquisadora pediu ao grupo que chegasse a um consenso sobre o projeto e respondesse à seguinte questão: Se a pesquisadora se disponibilizasse a aplicar esse projeto em uma outra turma da escola, o que diriam a essa turma?

O grupo deliberou e forneceu a seguinte resposta:

“Diríamos que eles devem participar, pois irão se surpreender com o quanto eles são capazes de realizar e com o quanto de aprendizado terão para a vida.”

Sendo assim, podemos analisar que os alunos ficaram satisfeitos ao participarem do projeto e ao realizarem a ação de Empreendedorismo Social na escola, pois tiveram a oportunidade de aprender e empreender, oportunidade de se identificarem como empreendedores e, ainda, como citado pela aluna M.C., “deixar um legado” na escola.

6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo da presente pesquisa foi elaborar e aplicar uma proposta de ensino que abordou a Educação Empreendedora, com o apoio da Educação Financeira Escolar, através do uso de recursos educacionais digitais para alunos do Ensino Médio, com intuito de capacitá-los a identificar e praticar comportamentos empreendedores na realização de uma ação de Empreendedorismo Social que beneficie a comunidade escolar e seu entorno. Desse modo, os estudantes podem tomar consciência de que são capazes de empreender para a realização de seus sonhos e gerir suas finanças pessoais, tornando-se protagonistas de suas vidas e cidadãos financeiramente conscientes.

Como estratégia metodológica, foi selecionada a pesquisa-ação para a realização de um projeto desenvolvido em três fases. Na primeira, os alunos passaram por um processo de capacitação e receberam orientação para a identificação e o planejamento de uma ação de Empreendedorismo Social a ser desenvolvida de modo a beneficiar a escola e seu entorno. Os trabalhos iniciaram com a participação de sete alunos, mas dois deles, por questões pessoais, não deram sequência, e o projeto seguiu com cinco alunos participando de todas as atividades propostas.

A segunda fase caracterizou-se pela realização da ação em si e foi dividida em cinco etapas: a primeira, destinada à divulgação do projeto na comunidade escolar, à pesquisa de sugestões de itens a serem disponibilizados no espaço de lazer e ao recolhimento das doações para o bazar; a segunda etapa tratou da realização do bazar; a terceira, da doação dos itens não vendidos no evento; a quarta etapa contemplou a compra/confecção dos itens de lazer, cuja inauguração foi a ação desenvolvida na quinta etapa.

A terceira fase destinou-se à avaliação, pelos alunos, do projeto, das ações e do aprendizado adquirido no projeto.

Ao final do projeto, pôde-se perceber que os alunos tiveram a oportunidade de ter contato com todos os comportamentos empreendedores que foram estudados, quais sejam “Busca de informações”, “Estabelecimento de rede de contatos”, “Exigência de qualidade e eficiência”, “Busca de oportunidades e iniciativa”, “Independência e autoconfiança”, “Capacidade de estabelecimento de metas”,

“Capacidade de correr risco calculado”, “Planejamento e monitoramento sistemático”, “Comprometimento” e “Persistência”.

Tiveram, também, a oportunidade de tomar decisões embasadas em Educação Financeira em diversos momentos. Tais momentos são exemplificados quando precisaram encontrar formas de adquirir recursos para realizar algo que demandava recursos financeiros dos quais não dispunham ou quando precisaram gerir os recursos recebidos e decidir sobre a forma mais efetiva de utilizá-los, de modo a atenderem as demandas da comunidade escolar da melhor forma possível.

Os alunos foram protagonistas na ação que desenvolveram, demonstraram independência nas tomadas de decisão, acreditaram na própria capacidade de realização e conquistaram a cooperação de toda a comunidade escolar. Em poucas palavras, assumiram a responsabilidade pela realização da ação e, portanto, concluiu-se que agiram com Empreendedorismo, pois, conforme citado no segundo capítulo dessa pesquisa:

Empreendedorismo significa protagonismo social, ruptura de laços de dependência, crenças dos indivíduos e das comunidades na própria capacidade de construir o seu desenvolvimento pela cooperação entre os diversos âmbitos político-social que a caracterizam. Em poucas palavras: assumir a responsabilidade pela construção de seu próprio destino [...] (FRANCO, 2000, apud DOLABELA, 2003, p.32).

Assim, percebe-se que tivemos sucesso no objetivo da pesquisa, já que os alunos conseguiram se apropriar de conhecimentos sobre Empreendedorismo e Educação Financeira e utilizaram os comportamentos empreendedores no momento de realizar, para a comunidade escolar da escola SESI de Juiz de Fora, uma ação de Empreendedorismo Social.

Segundo Lavieri (2010, p. 4), “Pode-se definir o empreendedor como aquele que inova, aquele que propõe formas diferentes de fazer as coisas...”. Com esse projeto, os alunos inovaram em diversos aspectos: prospectaram as demandas da comunidade escolar sobre itens a serem adquiridos, realizaram um bazar na escola e adquiriram produtos para o lazer. Nenhuma dessas ações havia sido realizada anteriormente na escola, e o grupo, com certeza, deixará esse legado.

Os alunos, que inicialmente não se achavam empreendedores, puderam perceber que, embora jovens e com pouca experiência de vida, foram capazes de desenvolver uma ação, colocando em prática o comportamento empreendedor. De acordo com Dolabela (2003, p. 38), “Esse é o fulcro da Teoria Empreendedora dos

Sonhos, cuja concepção abrange todos os tipos de empreendedor..., pois toma o empreendedor como uma forma de ser, independentemente da área em que possa atuar”. A isso, sugere-se acrescentar: “independentemente de sua idade”.

Analisando os resultados dessa pesquisa, acredita-se que nosso projeto seja capaz de despertar o Empreendedorismo e promover o desenvolvimento do comportamento empreendedor, bem como a consciência financeira e social. Some-se a isso o fato de o presente estudo poder ser aplicado em qualquer série do Ensino Fundamental e Médio.

Dessa pesquisa ainda resultou um produto educacional denominado “Empreendedorismo Social: um guia de planejamento e orientações didáticas para o professor”, no qual objetivamos instrumentalizar professores para o desenvolvimento de aulas que integrem Educação Empreendedora e Educação Financeira Escolar, resultando em ações de Empreendedorismo Social.

Por fim, tem-se a expectativa de que a pesquisa venha a contribuir para outras investigações da área com materiais que possam ser desenvolvidos formalmente para o Ensino Fundamental ou Médio.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, W. A. C. **Matemática Financeira no Ensino Médio: análise de livros didáticos e uma nova abordagem.** Dissertação (Mestrado em Matemática). Universidade Federal do Piauí, 2017.
- BALDISSERA, A. **Pesquisa-ação: uma metodologia do "conhecer" e do "agir".** Artigo, Sociedade em Debate, Pelotas, 7(2):5-25, Agosto/2001.
- BARBOSA, G. S. **Educação Financeira Escolar: Planejamento Financeiro.** Dissertação (Mestrado profissional em Educação Matemática). Universidade Federal de Juiz de Fora, 2015.
- BAUMAN, Z., 2008, apud MASSANTE, K.A.S.C.C. **Educação Financeira Escolar: As armadilhas presentes na mídia induzindo o consumismo.** Dissertação (Mestrado profissional em Educação Matemática). Universidade Federal de Juiz de Fora, 2017.
- BOGDAN, R.C.; BIKLEN, S.K. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos.** Porto, Portugal: Porto Editora, 2010.
- BORBA, M.C.; SILVA, R.S.R.; GADANIDIS, G. **Fases das tecnologias digitais em Educação Matemática: sala de aula e internet em movimento.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.
- BORBA, M.C.; PENTEADO, M.G. **Informática e Educação Matemática.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.
- BRASIL. **Decreto-lei nº7.397**, de 22 de dezembro de 2010. Institui a Estratégia Nacional de Educação Financeira – ENEF, dispõe sobre a sua gestão e dá outras providências. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Decreto/D7397.htm>. Acesso em: 23/08/2018.
- BRASIL. **Estratégia Nacional de Educação Financeira ENEF.** Brasília: 2017. Disponível em: <<http://www.vidaedinheiro.gov.br/quemsomos/>>. Acesso em: 19/09/2018.
- BRASIL. **Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular Ensino Médio.** Brasília: MEC, 2016. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/bncc-ensino-medio>>. Acesso em: 19/09/2018.
- CARVALHO, F.O. **Desafios Financeiros: o papel do design em um jogo de Educação Financeira.** Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Design). Universidade de Brasília, 2016.
- DOLABELA, F. **Pedagogia Empreendedora.** São Paulo: Editora de Cultura, 2003.
- DORNELAS, J.C.A. **Empreendedorismo: Transformando ideias em negócios.** 3.ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

ESTRATÉGIA NACIONAL DE EDUCAÇÃO FINANCEIRA (ENEF). **Programas Transversais**. Brasília 2017. Disponível em: <<http://www.vidaedinheiro.gov.br/programas-transversais/#>>. Acesso em: 23/08/2018.

FONSECA, L.; GONÇALVES, T.; BARBOSA, G.; et al. Educação Empreendedora: um caminho para a Educação Financeira? In: DOMINGOS, A.; SANTIAGO, A. (Org.). **2º Seminário de investigação em Educação Financeira Escolar e Educação Matemática**. Universidade Nova de Lisboa, 2015, p. 46-55.

FONSECA, L., BARBOSA, G., GONÇALVES, T., BARBOSA, A., PEIXOTO, A., TRABULO, F. **Educação Empreendedora: caminhos para a concretização de sonhos**. Comunidade Intermunicipal do Alto Minho, 2015.

GOMES, R.F. **Desafios Financeiros: Desenvolvendo competência em Educação Financeira de maneira lúdica**. TCC (Diplomação em Programação Visual). Universidade de Brasília, 2015.

LAVIERI, C. Educação... empreendedora?. In: LOPES, R. M. A. (Org.). **Educação Empreendedora: Conceitos, modelos e práticas**. Rio de Janeiro: Elsevier; São Paulo: Sebrae, 2010, p. 01-16.

LOPES, R. M. A. Referenciais para a Educação Empreendedora. In: LOPES, R. M. A. (Org.). **Educação Empreendedora: Conceitos, modelos e práticas**. Rio de Janeiro: Elsevier; São Paulo: Sebrae, 2010, p. 01-16.

LOPES, R. M. A.; TEIXEIRA, M.A.A. Educação Empreendedora no Ensino Fundamental. In: LOPES, R. M. A. (Org.). **Educação Empreendedora: Conceitos, modelos e práticas**. Rio de Janeiro: Elsevier; São Paulo: Sebrae, 2010, p. 01-16.

MASSANTE, K.A.S.C.C. **Educação Financeira Escolar: As armadilhas presentes na mídia induzindo o consumismo**. Dissertação (Mestrado profissional em Educação Matemática). Universidade Federal de Juiz de Fora, 2017.

MONTEIRO, H.J.A. **Educação Financeira Nacional**. Dissertação (Mestrado em Gestão Financeira). Instituto Superior de Gestão de Lisboa, 2014.

O POÇO DE RYAN (Ryan's Well). Crisnogas. YouTube. 2 out. 2012. 4m02s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=uwasmaVHnxE>>. Acesso em: 24/04/2019.

PARAIBA ONLINE. **Alunos realizam campanha e homenageiam pipoqueiro em escola particular**. 2018 (5m01s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=QeOaxp6u0E0>>. Acesso em: 24/04/2019.

RODRIGUES, C.K.; ANDRADE, G.O.; SILVA, R.M.; et al. A Educação Financeira no ensino de matemática por meio de objetos de aprendizagem In: DOMINGOS, A.; SANTIAGO, A. (Org.). **2º Seminário de investigação em Educação Financeira Escolar e Educação Matemática**. Universidade Nova de Lisboa, 2015, p. 56-66.

SALIM, C.S. **Construindo Planos de Empreendimentos: negócios lucrativos, ações sociais e desenvolvimento local.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.

SEBRAE. **A proposta de Educação Empreendedora do SEBRAE.** Disponível em <<http://www.sebraepr.com.br/PortalSebrae/sebraeaz/A-proposta-de-Educa%C3%A7%C3%A3o-Empreendedora-do-Sebrae>>. Acesso em 14/09/2017.

SEBRAE. **Comportamento Empreendedor.** Disponível em <<http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/Programas/conheca-as-caracteristicas-empreendedoras-desenvolvidas-no-empretec,d071a5d3902e2410VgnVCM100000b272010aRCRD>>. Acesso em 15/09/2017.

SEBRAE. **Empretec - fortaleça suas habilidades como empreendedor.** Disponível em <<http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/sebraeaz/empretec-fortaleca-suas-habilidades-como-empreendedor,db3c36627a963410VgnVCM1000003b74010aRCRD>>. Acesso em 14/10/2018.

SILVA, A.M.; POWELL A.B. **Um Programa de Educação Financeira para a Matemática Escolar da Educação Básica.** In: Encontro Nacional de Educação Matemática – ENEM, 11, 2013, Curitiba, PR. Anais.

SILVA, V.H.B.C. **Educação Financeira Escolar: Os riscos e as armadilhas presentes no comércio, na sociedade de consumidores.** Dissertação (Mestrado profissional em Educação Matemática). Universidade Federal de Juiz de Fora, 2017.

Sociedade Brasileira de Educação Matemática SBEM. Disponível em: <<http://www.sbembrasil.org.br/sbembrasil/index.php/grupo-de-trabalho/gt/gt-06>>. Acesso em 08/06/2017.

SPC Brasil. **Hábitos dos Brasileiros em Relação ao uso do Dinheiro.** Disponível em <<https://www.spcbrasil.org.br/pesquisas/pesquisa/4392>>. Acesso em 12/10/2018.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação.** São Paulo: Cortez, 1986.

THE STORY OF STUFF PROJECT. Por: LEONARD A., FOX L. e SACHS J. Direção: Louis Fox. Produção: Free Range Studios. **The story os stuff.** 2007. (21m24s). Disponível em: <<https://storyofstuff.org/movies/story-of-stuff/>>. Acesso em: 08/05/2019.

UFJF. **Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática.** Disponível em <<http://www.ufjf.br/mestradoedumat/>>. Acesso em 05/09/2018.

UFTPR. **Recursos educacionais digitais.** Disponível em <<http://www.utfpr.edu.br/estrutura-universitaria/pro-reitorias/prograd/cotedu/recursos-educacionais-digitais/apresentacao>>. Acesso em 20/07/2017.

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA DO PROJETO, DESENVOLVIDO POR ELISÂNGELA PIRES DA SILVA PARA O MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA – ABRIL 2019

Codiname: _____ Idade: _____ Data: _____

1 - O que você entende por Empreendedorismo? (Pode marcar mais de uma opção de resposta)

- A) Criação de uma empresa
- B) Criação de um produto ou serviço
- C) Modificação de algo que já existe
- D) Transformação de ideias em ações
- E) Um conjunto de comportamentos
- F) Não tenho nenhuma opinião sobre esse termo
- G) Outros:

2 - O que você acha que é um empreendimento?

3 - Pode exemplificar?

4 - Conhece algum exemplo de empreendimento que não seja uma empresa?

5 - O que você acha que sejam empreendimentos sociais?

6 - O que é um empreendedor?

7 - Você se acha empreendedor? () Sim () Não

8 - Se não, você acha que seria capaz de se tornar um empreendedor?

() Sim () Não () Somente com ajuda de outras pessoas

9 - Pense nas pessoas que você conhece. Saberá identificar pessoas empreendedoras na sua família, no seu bairro ou na sua cidade?

() Sim () Não

10 - Se sim, por que acha que são empreendedoras?

11 - Identifique uma pessoa empreendedora de renome nacional ou internacional?

12 - O que essa pessoa fez para que você a caracterize por empreendedora?

13 - O que você entende por Educação Financeira?

14 - Para ser educado financeiramente, é preciso ter dinheiro? (Justifique)

15 - Para ter dinheiro, é preciso ser educado financeiramente? (Justifique)

16 - Você acha que seria capaz de realizar alguma melhoria no seu ambiente escolar?

Sim Não Somente com ajuda de outras pessoas

17 - O que você acha que poderia ser feito ou melhorado no seu ambiente escolar?

18 - Qual é a sua expectativa ao participar desse projeto de pesquisa?

APÊNDICE B – AULA I - EMPREENDEDORISMO



EMPREENDEDORISMO

Vocês já ouviram falar em Empreendedorismo?

EMPREENDEDORISMO

Vocês já ouviram falar em Empreendedorismo?

O que acham que quer dizer esse termo?

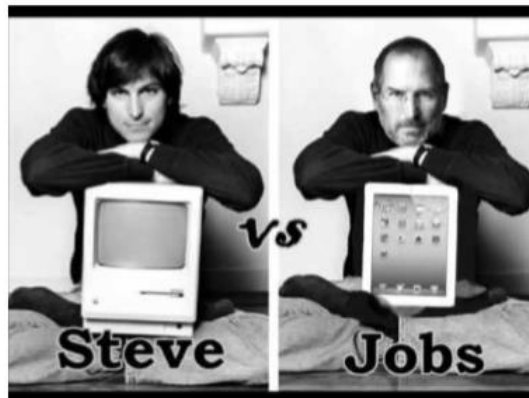
- A) Criação de uma empresa
- B) Criação de um produto ou serviço
- C) Modificação de algo que já existe
- D) Transformar ideias em ações
- E) Um conjunto de comportamentos
- F) Outros

EMPREENDEDORISMO

O termo Empreendedorismo está relacionado à criação de algo novo, inédito, ou mesmo à modificação criativa de algo que já existe, como a implantação de uma nova tecnologia ou uma forma diferenciada de prestar um determinado serviço, de acordo com Lavieri (2010), inovar, propor formas diferentes de fazer as coisas, reorganizar recursos produzindo ganho.



Empreendedorismo significa protagonismo social, ruptura de laços de dependência, crenças dos indivíduos e das comunidades na própria capacidade de construir o seu desenvolvimento [...]. Em poucas palavras: assumir a responsabilidade pela construção de seu próprio destino[...] (FRANCO, 2000, apud DOLABELA, 2008, p.32).



EMPREENDIMENTOS

O que vocês entendem por empreendimentos?

Podem exemplificar?

Empresas são empreendimentos que tem como objetivo gerar lucro para seus investidores, através da fabricação ou venda de produtos ou da prestação de serviços.



Os empreendimentos que não são empresas não tem necessariamente esse desejo:

podem realizar-se com a prestação de serviços para comunidades, a implantação de empreendimentos de desenvolvimento local ou a disseminação de uma ideia que venha a modificar o pensamento das pessoas. (SALIM, 2010, p. 20).



EMPREENDIMENTOS

Conhecem algum exemplo de empreendimento que não seja uma empresa?

OBSERVE ESSES EMPREENDIMENTOS

Empresa que desmata um terreno para edificar um condomínio

Empresas que poluem o ambiente

Tráficos (de drogas, pessoas, animais, órgãos)

Biopirataria

Prostituição

Agiota

EMPREENDIMENTOS

O que vocês acham que sejam empreendimentos sociais?

EMPREENDEDORISMO SOCIAL

Soluções inovadoras para problemas sociais, em sua maioria visando sustentabilidade.

Os empreendedores sociais são visionários, ambiciosos e persistentes no ataque a questões sociais no seu campo de atividade, oferecendo ideias e soluções, modificando o sistema, persuadindo sociedades inteiras para tomar novas atitudes.



“São inovadores sociais que deixarão sua
marca na história”
(ASHOKA, Estados Unidos)

EMPREENHIMENTO SOCIAL

Ao contrário dos empreendimentos comerciais, o empreendimento social não visa o lucro, e sim o desenvolvimento social, a sustentabilidade, a preservação ambiental, a valorização da vida, entre outros.



EXEMPLOS



Crianças de uma escola da Paraíba se unem para ajudar seu Jonas pipoqueiro que trabalhava na porta da escola

Ryan Hreljac, o menino Canadense que aos 6 anos de idade se empenhou em acabar com a sede na África, e fez desse o seu propósito de vida.



Hoje aos 27 anos é responsável pela Ryan's Well Foundation, fundação responsável por angariar fundos para acabar com a sede e contribuir com a educação na África.

www.ryanswell.ca



Bons tempos!!!

Nas décadas de 60-70 a meta dos casais classe média era fazer seu filho um gerente do Banco do Brasil ou Caixa Econômica.



CAIXA

Era do
EMPREGO PARA TODA A VIDA!!

EMPREGO => TRABALHO

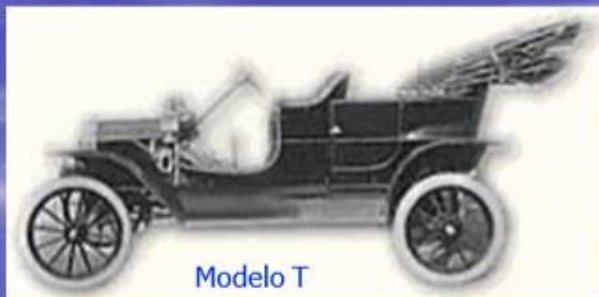
- **Revolução digital**
- **Automação de escritórios e processos**
- **47% dos empregos vão desaparecer em 25 anos**

A adesão às novas tecnologias é muito rápida!!

Estudo universidade de Oxford – março 2017

- **47% dos empregos vão desaparecer em 20 anos, setorizando:**
 - **74% - transporte e armazenamento**
 - **56% - indústria**
 - **77% - setores administrativos e operacionais**
 - **23% - professores e assistentes sociais**
 - **14% - executivos e cargos de decisões estratégicas**

Ser um empreendedor é muito mais que ter a vontade de chegar ao topo de uma montanha; é conhecer a montanha e o tamanho do desafio; planejar cada detalhe da subida; saber o que você precisa levar e que ferramentas utilizar; encontrar a melhor trilha, estar comprometido com o resultado; ser persistente, calcular os riscos, preparar-se fisicamente; acreditar na sua própria capacidade, e COMEÇAR a escalada.



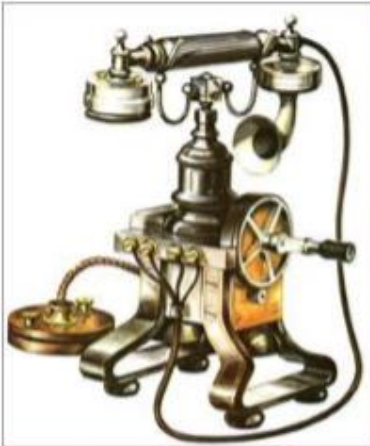
Modelo T



"o cavalo veio para ficar, o automóvel é apenas uma novidade passageira"

Presidente do Michigan Saving Bank para um advogado de Henry Ford

2004 Ford Mustang Eleanor. Foto: ETS - foto in 60 segundos or less! - Foto & LePicturas.com



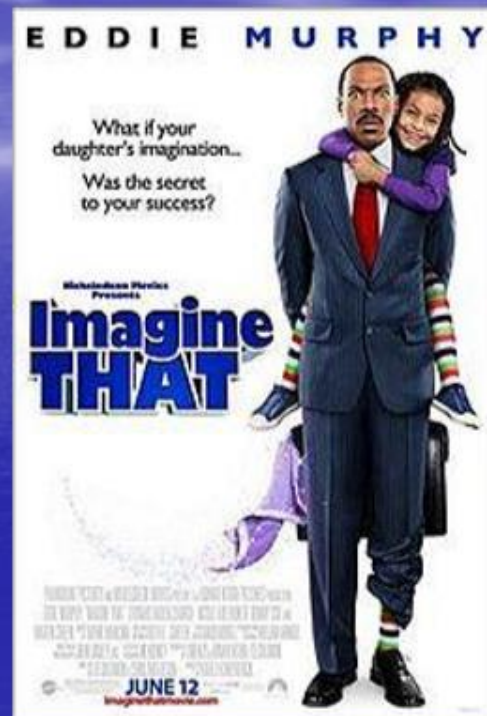
“Quem vai se interessar em comunicar com alguém que está do outro lado da cidade por uma engenhoca dessas?”

Um investidor a Alexander Graham Bell



“Mas, com os diabos, quem gostaria de ouvir os atores falando?”

Harry M. Warner, presidente da Warner Bros. Pictures, em 1927



Pense nas pessoas que você conhece.

Saberia identificar pessoas empreendedoras na sua família, no seu bairro ou na sua cidade?

Por que acha que são empreendedoras?

Vocês conhecem pessoas empreendedoras de renome nacional ou internacional?

O que essas pessoas fizeram para que você as caracterize por empreendedoras?

Portanto, as escolas devem permitir aos seus alunos...

- ✓ Descobrir o seu Valor competitivo
- ✓ Imaginar e identificar visões
- ✓ Aprender a aprender sempre
- ✓ Criar sua rede de contatos

Formar profissionais que sejam capazes de identificar e transformar idéias e iniciativas em negócios úteis à sociedade

Pedagogia Empreendedora

Em um primeiro momento, o aluno desenvolve um sonho, um futuro onde deseja chegar, estar ou ser. Em um segundo momento, ele busca realizar o sonho e, para isso, se vê motivado a aprender o necessário a esse objetivo. O objeto da Pedagogia Empreendedora é estimular e preparar o aluno para sonhar e buscar a realização do sonho.[...] A necessidade de conhecimento nasce da vontade inelutável de ter acesso aos elementos necessários à realização do sonho.[...] Assim, a atividade pedagógica vai se dedicar principalmente à conexão entre o sonho e sua realização. (DOLABELA, 2010, p.55).

Pedagogia Empreendedora

toda educação que visa o desenvolvimento social poderia também ser considerada uma educação para desenvolvimento da atitude empreendedora. (LAVIERI, 2010, p.4).

PERFIL DO EMPREENDEDOR

“Empreendedorismo não é um traço de personalidade, apenas... é um conjunto de comportamentos.” (Drucker)

Com isso vem a ideia de que o empreendedor não é necessariamente quem tem uma empresa – inclusive existem proprietários de empresas que não são empreendedores –, mas sim quem detém as características empreendedoras.

PERFIL DO EMPREENDEDOR

***Pesquisa da ONU identifica 10
Características do Comportamento
Empreendedor.
(SEBRAE 2017)***

Busca Oportunidades e tem Iniciativa

Capaz de Correr Riscos Calculados

Exige Qualidade e Eficiência

Persistente e criativo

Compromete-se pessoalmente

Busca constantemente informações

Estabelece Metas

Planeja e Monitora sistematicamente os Resultados

Capaz de Persuadir e formar Rede de Contatos

Independente e Autoconfiante

Você consegue identificar na SUA vida momentos em que vivenciou alguma(s) dessas características?

Capacidade de estabelecimento de metas; Exigência de qualidade e eficiência; Planejamento e monitoramento sistemático; Correr riscos calculados; Estabelecimento de rede de contatos; Busca de oportunidades e iniciativa; Persistência; Comprometimento; Busca de informações; Independência e autoconfiança.

INTRAEMPREENDEDORISMO

O funcionário empreendedor é aquele que não é o dono da empresa, mas age como se fosse, aplicando comportamentos empreendedores no desenvolver de sua função.





Educação Financeira

O que você entende por Educação Financeira?

Para ser educado financeiramente é preciso ter dinheiro?

Para ter dinheiro é preciso ser educado financeiramente?



Arnold Schwarzenegger



Keanu Reeves



Jessica Alba



Chris Tucker



Marcos Winter



Mike Tyson

Educação Financeira

Educação Financeira é o processo pelo qual os consumidores financeiros/investidores melhoram a sua compreensão sobre os conceitos e produtos financeiros e, através da informação, instrução e ou aconselhamento objetivos, desenvolve as habilidades e a confiança para tomar consciência de riscos e oportunidades financeiras, para fazer escolhas informadas, saber onde buscar ajuda e tomar outras medidas eficazes para melhorar a sua proteção e o seu bem-estar financeiro. (OECD 2005b, apud SILVA; POWELL, 2013, p.3).



- Reinvestimento na carreira e outros negócios rentáveis
- Aplicações financeiras
- Consultoria financeira
- Pagamento de impostos devidos
- Doações e projetos sociais
- Vida simples e regrada
- Planejamento financeiro futuro



- Investimento ou aplicações mal orientados
- Sonegação de impostos
- Envolvimento em processos e escândalos
- Vida esbanjadora
- Gastar mais do que ganha
- Falta de planejamento financeiro futuro

Desigualdade Social X Educação Financeira

Se distribuirmos igualmente entre os habitantes de uma comunidade com grande desigualdade social (como no Brasil) um certo valor em dinheiro e avaliarmos o que dele foi feito após alguns anos, provavelmente constataremos que aqueles que já possuíam conhecimento e poder conseguiram manter ou fazer crescer o capital, enquanto os despreparados o consumiram para sobreviver. (DOLABELA, 2003, p.25).

Educação Financeira Escolar

A Educação Financeira Escolar constitui-se de um conjunto de informações através da qual os estudantes são introduzidos no universo do dinheiro e estimulados a produzir uma compreensão sobre finanças e economia, através de um processo de ensino, que os torne aptos a analisar, fazer julgamentos fundamentados, tomar decisões e ter posições críticas sobre questões financeiras que envolvam sua vida pessoal, familiar e da sociedade em que vivem. (SILVA; POWELL, 2013, p.12 e 13).

Educação Financeira Escolar: Objetivos Específicos (Silva e Powell – 2013)

- Compreender as noções básicas de finanças e economia para que desenvolvam uma leitura crítica das informações financeiras presentes na sociedade;
- aprender a utilizar os conhecimentos de matemática (escolar e financeira) para fundamentar a tomada de decisões em questões financeiras;
- analisar criticamente os temas atuais da sociedade de consumo;

Educação Financeira Escolar: Objetivos Específicos (Silva e Powell – 2013)

- desenvolver um pensamento analítico sobre questões financeiras, isto é, um pensamento que permita avaliar oportunidades, riscos e armadilhas em questões financeiras;
- desenvolver uma metodologia de planejamento, administração e investimento de suas finanças através da tomada de decisões fundamentadas matematicamente em sua vida pessoal e no auxílio de seu núcleo familiar.

Principais tópicos abordados na Educação Financeira propostos por Silva e Powell 2013

D) Noções básicas de finanças e economia

Nesse eixo os temas de discussão são, por exemplo:

- o dinheiro e sua função na sociedade;
- a relação entre dinheiro e tempo – um conceito fundamental em finanças;
- as noções de juros, poupança, inflação, rentabilidade e liquidez de um investimento;
- as instituições financeiras;
- a noção de ativos e passivos;
- e aplicações financeiras.

II) Finança pessoal e familiar

Nesse eixo, serão discutidos temas como, por exemplo:

- planejamento financeiro;
- administração das finanças pessoais e familiares;
- estratégias para a gestão do dinheiro;
- poupança e investimento das finanças;
- orçamento doméstico;
- impostos.

III) As oportunidades, os riscos e as armadilhas na gestão do dinheiro numa sociedade de consumo

Nesse eixo, serão discutidos temas como, por exemplo:

- oportunidades de investimento;
- os riscos no investimento do dinheiro;
- as armadilhas do consumo por trás das estratégias de marketing;
- e como a mídia incentiva o consumo das pessoas.

IV) As dimensões sociais, econômicas, políticas, culturais e psicológicas que envolvem a Educação Financeira

Nesse eixo serão discutidos temas como:

- consumismo e consumo;
- as relações entre consumismo, produção de lixo e impacto ambiental;
- salários, classes sociais e desigualdade social;
- necessidade versus desejo;
- ética e dinheiro.

Projeto de Empreendedorismo Social Aquisição mesa de Sinuca para a escola



Aquisição mesa de Sinuca para a escola

Planejamento:

- Quem? Definir funções de cada membro da equipe
- O quê? Detalhes do produto como tamanho, cor, acessórios, novo ou usado, ...
- Onde? Lojas reais, virtuais, locais que estão desfazendo de produtos usados, ...
- Quanto? Total a ser desembolsado com produto, acessórios, transporte, ...
- Como? Possibilidades para arrecadação de recursos financeiros...

Aquisição mesa de Sinuca para a escola

Ação:

- Apresentação da proposta à gerência da unidade para aval
- Propagação da ideia por toda unidade a fim de buscar apoio
- Negociação com parceiros
- Aquisição produtos
- Controle de todas as etapas

Aquisição mesa de Sinuca para a escola

Conclusão:

- Inauguração do produto
- Apresentação do planejamento, das ações e dos resultados alcançados
- Aprendizados com o projeto
- O que faria diferente

APÊNDICE E – QUESTÕES DE INVESTIGAÇÃO

Situação 1:

“Você tem muito dinheiro, o que, para você, não é nenhum problema, e irá realizar uma apresentação de trabalho de uma das disciplinas do Ensino Médio. Você já montou toda a sua apresentação e descobriu que existe uma caneta laser para ajudar a passar os slides e que, certamente, causará uma ótima impressão na sua apresentação. Ela está bem baratinha, custando em torno de R\$ 45,00, o que para você, neste momento, não é nada. Sabendo que só irá usar essa caneta para essa apresentação e que depois disso ela certamente se tornará obsoleta e provavelmente um lixo eletrônico, o que você faz?”

- a) Compra assim mesmo, pois tem condições para isso e poderá causar uma boa impressão na apresentação.
- b) Não compra, porque será um “dinheiro jogado fora”, afinal só será usada uma vez.
- c) Compra assim mesmo, afinal dinheiro foi feito para se gastar.
- d) Não compra, porque não quer incentivar a formação de lixo eletrônico ou a exploração de recursos naturais e humanos para a fabricação da caneta.
- e) Compra, porque assim pode contribuir com a manutenção do emprego de outras pessoas.
- f) Outros:

Situação 2:

Digamos que você decidiu comprar a caneta e então parte para uma investigação mais a fundo do preço da mesma, encontrando canetas com iguais características em 3 orçamentos distintos:

Loja 1: R\$ 20,00 – Marca A

Loja 2: R\$ 43,00 – Marca B

Loja 3: R\$ 46,00 – Marca B

Qual delas você compra e por quê?

- a) Compra da Loja 1, porque é mais barata.
- b) Compra da Loja 2, porque, pelo preço, a marca B deve ser melhor, e nesta loja está mais barata.
- c) Não compra da Loja 1, porque, pelo preço, a marca A não deve ser de boa qualidade.

- d) Não compra da Loja 1, porque, para ter esse preço, a marca A provavelmente deve ter contado com explorações de trabalhadores e recursos ilícitos no decorrer do seu processo de fabricação.
- e) Compra da Loja 1, porque a Marca B está explorando o consumidor, já que se a marca A consegue esse preço a marca B também poderia ter um preço melhor.
- f) Outros:

APÊNDICE F - QUESTÕES DE INVESTIGAÇÃO – REFLEXÃO APÓS O VÍDEO “A HISTÓRIA DAS COISAS”

Você acabou de assistir ao vídeo “A História das Coisas”, e neste momento vamos verificar se as reflexões propostas pelo mesmo causaram alguma modificação no seu ponto de vista, em relação às questões de investigação anteriormente apresentadas.

Situação 1:

Você tem muito dinheiro, o que, para você, não é nenhum problema, e irá realizar uma apresentação de trabalho de uma das disciplinas do Ensino Médio. Você já montou toda a sua apresentação e descobriu que existe uma caneta laser para ajudar a passar os slides e que, certamente, causará uma ótima impressão na sua apresentação. Ela está bem baratinha, custando em torno de R\$ 45,00, o que para você, neste momento, não é nada. Sabendo que só irá usar essa caneta para essa apresentação e que depois disso ela certamente se tornará obsoleta e provavelmente um lixo eletrônico, o que você faz?

a) Em relação a essa situação, sua posição continua a mesma?

() Sim () Não

b) Se não, qual(is) alternativa(s) escolheria agora e o que o fez mudar de opinião?

Situação 2:

Digamos que você decidiu comprar a caneta, e então parte para uma investigação mais a fundo do preço da mesma, encontrando canetas com iguais características em 3 orçamentos distintos:

Loja 1: R\$20,00 – Marca A

Loja 2: R\$43,00 – Marca B

Loja 3: R\$46,00 – Marca B

Qual delas você compra e por quê?

a) Em relação a essa situação, sua posição continua a mesma?

() Sim () Não

b) Se não, qual alternativa(s) escolheria agora, e o que o fez mudar de opinião?

APÊNDICE G – CIRCULAR ENVIADA À COMUNIDADE ESCOLAR DO SESI/SENAI/CIDT

Prezados membros da comunidade escolar do SESI/SENAI/CIDT

Somos um grupo que está participando da pesquisa de mestrado da professora Elisângela Pires, mestranda do curso de Educação Matemática da UFJF, cujo tema é “Educação Empreendedora e Educação Financeira, Caminhos para a Realização de Sonhos”, e dentro do projeto da pesquisa, estamos realizando uma ação empreendedora social na nossa escola.

O grupo optou por empreender em um espaço de lazer que atenda aos alunos e colaboradores da unidade, adquirindo itens de diversão, como jogos e brincadeiras, que ficarão disponíveis na unidade para uso coletivo.

Gostaríamos de contar com a sua colaboração, primeiramente listando alguns jogos ou brincadeiras que você gostaria que estivessem disponíveis no nosso espaço.

Iremos analisar as sugestões de vocês e tentaremos adquirir os produtos por ordem de preferência.

Para arrecadar verba para aquisição desses itens, o grupo realizará um bazar na escola, nos dias 21, 22 e 23 de maio, das 13h40 às 16h, e para tanto gostaríamos de contar novamente com a sua colaboração, doando um item (ou mais) que não lhe serve mais, mas que esteja em bom estado de conservação e ainda com qualidade para ser utilizado. Esses itens serão comercializados no bazar, e você também está convidado a participar do mesmo.

Você também pode contribuir com a doação de jogos e brincadeiras para o espaço de lazer.

Todos os itens doados ao bazar que não forem vendidos serão doados à Igreja Católica do bairro Barreira do Triunfo, que o distribuirá entre as famílias assistidas.

As doações serão recolhidas entre os dias 13 e 17 de maio.

Contamos com a sua colaboração

Gratos

Grupo de Pesquisa

Liste alguns jogos ou brincadeiras que você gostaria que tivesse disponíveis no nosso espaço:

APÊNDICE H - QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO DO PROJETO, DESENVOLVIDO POR ELISÂNGELA PIRES DA SILVA PARA O MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA – JUNHO 2019

Codiname: _____ Idade: _____ Data: _____

Avaliação do Processo:

1 – Com relação à primeira fase (diagnóstico, aulas e planejamento da ação), marque no quadro a seguir sua opinião sobre a contribuição das ações seguintes no seu aprendizado:

Ações	Não contribuiu	Contribuiu pouco	Contribuiu muito
Aula sobre Empreendedorismo			
Aula sobre Comportamento Empreendedor			
Aula sobre Educação Financeira			
Vídeo “Seu Jonas Pipoqueiro” - Empreendimento social			
Vídeo “Ryan Hreljac” – Empreendimento social			
Vídeo “A História das Coisas” – Sensibilização para o consumo consciente			
Reunião para levantamento das ideias de ação			
Reunião de apresentação da proposta à gerência			
Reunião de planejamento da ação empreendedora			

Comentários:

2 – Com relação à segunda fase (desenvolvimento da ação empreendedora), marque no quadro a seguir o seu grau de satisfação com as diversas ações realizadas:

Ações	Pouco satisfatório	Satisfatório	Muito Satisfatório
Apoio da escola			
Divulgação do projeto na comunidade escolar			
Sugestões vindas da comunidade escolar			
Doações recebidas para o bazar			

Doações recebidas para o espaço de lazer			
Participação da comunidade escolar no bazar			
Valor arrecadado com o bazar			
Doação dos itens não vendidos à comunidade do entorno da escola			
Produtos adquiridos com a verba arrecadada			
Participação dos integrantes do grupo no decorrer das ações			
Participação de voluntários (outros alunos, instrutores, professores, funcionários) no decorrer das ações			
Alcance dos objetivos propostos			

Comentários:

3 – Como você se sentiu ao participar desse projeto?

4 – Do que mais gostou?

5 – O que faria diferente? Por quê?

6 – Em relação às suas expectativas ao participar desse projeto, você acha que:

() Não foram atendidas () Foram atendidas

() Foram superadas